



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PERFORMANCES CULTURAIS

JOSÉ NILTON ALVES DE ANDRADE

LUTO E RITOS DE PASSAGEM EM TEMPOS DE COVID-19

GOIÂNIA, 2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

José Nilton Alves de Andrade

3. Título do trabalho

Luto e ritos de passagem em tempos de COVID-19

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);
- b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **NÁDIA MARIA WEBER SANTOS, Usuário Externo**, em 27/06/2024, às 18:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Jose Nilton Alves De Andrade, Discente**, em 08/07/2024, às 15:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4632039** e o código CRC **F3D25442**.

JOSÉ NILTON ALVES DE ANDRADE

LUTO E RITOS DE PASSAGEM EM TEMPOS DE COVID-19

Trabalho final de mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Performances Culturais da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás, como requisito para obtenção do título de Mestre em Performances Culturais.

Área de Concentração: Performances culturais.

Linha de pesquisa: Teorias e Práticas da Performance.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Nádía Maria Weber Santos.

GOIÂNIA, 2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Andrade, José Nilton Alves de
LUTO E RITOS DE PASSAGEM EM TEMPOS DE COVID-19
[manuscrito] / José Nilton Alves de Andrade. - 2024.
CXIII, 113 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Nádia Maria Weber Santos.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Ciências Sociais (FCS), Programa de Pós-Graduação em
Performances Culturais, Goiânia, 2024.

Bibliografia.

Inclui tabelas, lista de figuras, lista de tabelas.

1. ritual funeral. 2. ritos de passagem. 3. performances do luto. 4.
netnografia. 5. performances culturais. I. Santos, Nádia Maria Weber
, orient. II. Título.

CDU 316



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº 08 da sessão de Defesa de Dissertação de José Nilton Alves de Andrade, que confere o título de Mestre em Performances Culturais, na área de concentração em Performances Culturais.

Aos vinte e sete dias do mês de junho de dois mil e vinte e quatro, a partir das nove horas, por meio de webconferência, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada "Luto e ritos de passagem em tempos de COVID-19". Os trabalhos foram instalados pela Orientadora, Professora Doutora Nádia Maria Weber Santos (PPGPC/UFG), com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professora Doutora Beatriz Kushnir (PPGARQ/UNIRIO), membro titular externo, Professor Doutor Roberto Antônio Penedo do Amaral (UFT e PPGPC/UFG), membro titular interno, e Professor Doutor Robson Corrêa de Camargo (PPGPC UFG), membro titular interno, cujas participações ocorreram através de videoconferência. Durante a arguição os membros da banca não fizeram sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido o candidato aprovado pelos seus membros. Proclamados os resultados pela Professora Doutora Nádia Maria Weber Santos, Presidenta da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **NÁDIA MARIA WEBER SANTOS, Usuário Externo**, em 27/06/2024, às 18:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **ROBERTO ANTÔNIO PENEDO DO AMARAL, Usuário Externo**, em 28/06/2024, às 11:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Beatriz Kushnir, Usuário Externo**, em 28/06/2024, às 13:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Robson Correa De Camargo, Usuário Externo**, em 29/06/2024, às 08:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4618421** e o código CRC **BC8CFD88**.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, quero expressar minha profunda gratidão a Deus, que tem sido meu refúgio e fortaleza em todos os momentos.

Aos meus queridos pais, Bené (em memória) Tetê, que me acolheram e dedicaram suas vidas para me proporcionar amor, cuidado e educação, meu eterno agradecimento. Suas lições e exemplos de amor e resiliência foram fundamentais para minha formação e para a realização deste trabalho.

À minha amada esposa Mira e minhas filhas Rebecca e Débora, meu amor por vocês é infinito. O apoio incondicional que recebi de vocês foi essencial para que eu pudesse me dedicar aos estudos e alcançar este objetivo. Sou profundamente grato por ter vocês ao meu lado.

À minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Nádia Maria Weber Santos, gostaria de expressar minha sincera gratidão pelo profissionalismo, dedicação e gentileza ao me orientar ao longo desta jornada acadêmica. Seu apoio e orientação foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho, e sou imensamente grato por toda a sua ajuda.

Agradeço também a todos os colegas, amigos e familiares que de alguma forma contribuíram para a realização deste estudo. Suas palavras de encorajamento, compreensão e incentivo foram valiosas e significativas para mim.

Por fim, agradeço a todos os profissionais da área da saúde, pesquisadores e voluntários que se dedicaram incansavelmente no combate à COVID-19. Seu trabalho árduo e comprometimento foram fundamentais para enfrentarmos este desafio global.

Que este trabalho possa contribuir de alguma forma para a compreensão e superação do luto e dos ritos de passagem em tempos tão desafiadores. Que possamos encontrar conforto e esperança mesmo diante das adversidades.

Mas parece que chegou o instante de
aceitar em cheio a misteriosa vida dos
que um dia vão morrer.

(Clarice Lispector)

RESUMO

A presente dissertação de mestrado analisa como ocorreram as mudanças no ritual funeral e nos ritos que o compõem durante o processo de vivência e elaboração do luto no contexto da COVID-19. Para tanto, parte-se de autores das Performances Culturais como Schechner (1985), Turner (2013), Gennep (2011) e do arcabouço teórico complementar de Cassirer (2009). Por entender-se que houve uma mudança dos velórios presenciais para o compartilhamento de experiências nas redes sociais em função das medidas sanitárias restritivas impostas durante a pandemia, foi escolhido o método netnográfico de Kozinets (2014) que investiga a reação dos leitores de jornais frente à noticiabilidade do crescente número de óbitos no período pandêmico e da socialização de experiências em memoriais virtuais criados pelos próprios jornais. Como *corpus* de pesquisa foram escolhidas notícias postadas no site dos jornais *O Popular*, *Folha de São Paulo* e *O Globo*, as quais denotam uma recriação dos ritos que compõem o ritual funeral. A partir da coleta de dados netnográficos, desenvolveu-se e interpretou-se as análises interdisciplinares desses conteúdos a partir das literaturas pertencentes ao arcabouço teórico das Performances Culturais. Como resultado, notou-se que mesmo com a tentativa de adaptar os ritos que precedem e concretizam o enterro para as redes sociais, a ausência de uma encenação e vivência próxima com contato físico, dentro de perspectivas religiosas, dificulta a aceitação e impede que ciclos sejam fechados e passagens sejam feitas da forma como se esperava.

Palavras-Chave: ritual funeral; ritos de passagem; performances do luto; netnografia, performances culturais.

ABSTRACT

The present master's thesis analyzes how changes occurred in the funeral ritual and in the rites that compose it, during the process of experiencing and elaborating mourning in the context of COVID-19. To this end, authors of cultural performances such as Schechner (1985), Turner (2013), Gennep (2011) are used, as well the philosopher Cassirer (2009). As it is understood that there has been a shift from face-to-face wakes to sharing experiences on social networks due to the restrictive sanitary measures imposed during the pandemic, the netnographic method by Kozinets (2014) was chosen here, which investigates the reaction of newspaper readers to the newsworthiness of the growing number of deaths during the pandemic period and the socialization of experiences in virtual memorials created by the newspapers themselves. As a corpus for research, news items posted on the website of the newspapers O Popular, Folha de São Paulo and O Globo were chosen, which denote a recreation of the rites that make up the funeral ritual. As it is understood that there has been a shift from in-person wakes to sharing experiences on social networks due to restrictive health measures imposed during the pandemic, the netnographic method of Kozinets (2014) was chosen here, which investigates the reaction of newspaper readers to the newsworthiness of the growing number of deaths during the pandemic period and the socialization of experiences in virtual memorials created by the newspapers themselves. From the collection of netnographic data, interdisciplinary analyzes were developed and interpreted of these contents from the literature belonging to the theoretical framework of Cultural Performances. As a result, it was noted that even with the attempt to adapt the rites that precede and implement the burial for social networks, the absence of a staging and close experience, with contact physical, within religious perspectives, makes acceptance difficult and prevents cycles from being closed and transitions made in the way expected.

Keywords: funeral ritual; rites of passage; mourning performances; netnography, cultural performances.

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Síntese de seleção de reportagens estratificadas por fonte e temática acerca da ausência do ritual funeral em tempos de COVID-19:	21
Figura 2: Enterro durante a Pandemia	29
Figura 3: Velório transmitido via internet.....	30
Figura 4: Velório on-line.....	33

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Matérias escolhidas para análise.....	50
Tabela 2: Interpretações netnográficas	57

Sumário

INTRODUÇÃO	10
Coleta de Dados.....	20
1 TRANSPOSIÇÃO DA MORTE AO RITUAL: RITOS DE PASSAGEM E SUAS PERFORMATIVIDADES	23
1.1 Ritual e ritos de passagem	25
1.2 Performatividade dos rituais	28
2 LUTO EM TEMPOS DA COVID-19: UM ADEUS SEM DESPEDIDA.....	34
2.1 Morte e luto no contexto pandêmico	34
2.1.1 Morte e luto no contexto de isolamento social.....	36
2.2 Cerimônias virtuais como espaço memorial do luto	40
3 RELATOS DE LUTO E ANÁLISE PELO MÉTODO NETNOGRÁFICO.....	46
3.1 Método etnográfico e netnográfico	46
3.2 Tabela das matérias selecionadas nos jornais online: Folha de São Paulo, O Globo e O Popular	49
3.3 Categorias Analíticas.....	56
3.4 Análise dos relatos e Reportagens.....	58
3.4.1 Jornal Folha de São Paulo (Página Oficial do Jornal)	58
3.4.2 Jornal O Globo (Página Oficial do Jornal)	78
3.4.3 Jornal O Popular (Página Oficial do Jornal)	95
CONSIDERAÇÕES FINAIS	104
REFERÊNCIAS.....	109

INTRODUÇÃO

Em dezembro de 2019 emergiu a doença do novo coronavírus (COVID-19), inicialmente reportado na China. Frente ao rápido crescimento do número de casos confirmados e de mortes em decorrência da COVID-19 em diferentes países, a partir de onze de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde passou a caracterizá-la como uma pandemia (World Health Organization, 2020).

Mais avassaladora do que outros vírus que assolaram a humanidade ao longo da história, mas nem tão grave quanto a Gripe Espanhola¹, ocorrida entre os anos de 1918 e meados de 1920, a COVID-19 trouxe luto, problemas econômicos, políticos e sanitários. É necessário, no entanto, analisar os desdobramentos globais e suas consequências no Brasil. Para tanto, revisitar registros de experiência publicados em diversos estados do país é fundamental, sobretudo para examinar questões como o impacto dessas perdas na saúde mental das pessoas, entre outros prejuízos causados pela pandemia (Rodeghero *et al.*, 2023).

Um dos fatores que agravou a situação no Brasil foi o negacionismo e o anticientificismo que contaminaram e politizaram desde leigos até profissionais de saúde, líderes religiosos e o próprio ex-presidente da república Jair Bolsonaro, que na época se manifestou antivacina e contra as medidas de contenção da disseminação do vírus. Isso levou à busca de medicamentos e métodos duvidosos, sem comprovação validada por pesquisa, que muitas vezes acentuou o quadro de pessoas contaminadas e as levou a óbito. Outra consequência foi o atraso na chegada da vacina, tudo isso em virtude da ineficiência do poder público, que culminou em um transtorno ainda maior, fazendo com que se atingisse a marca de mais de 1000 óbitos diários² (Rodeghero *et al.*, 2023).

Outrossim, a propagação de informações falsas nas plataformas de redes sociais suscitou desconfiança por parte da população em relação àqueles que estavam na vanguarda do combate à doença. Como consequência, ocorreu a prolongação das fatalidades e a emergência de um novo tipo de vírus, o da ignorância

¹ Pesquisado em: <https://www.rbac.org.br/artigos/memoria-medica-gripe-espanhola-de-1918/> Acesso em: 09/01/2024.

² No dia 06/04/2021 o Brasil registrou o recorde de 4.211 mortes por COVID-19 em 24 horas. Mais informações: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/04/06/brasil-bate-marca-de-4-mil-mortes-por-covid-registrados-em-um-dia-e-soma-3376-mil-na-pandemia.ghtml> (Acesso em: 10/03/2023).

do extremismo. Consternada, a comunidade afetada pela perda de entes queridos, amigos e conhecidos, incapaz de prestar-lhes as últimas homenagens, viu-se acometida por enfermidades mentais (Rodeghero *et al.*, 2023).

Essa vivência atingiu de formas distintas cada classe social. Embora o vírus não tenha poupado pessoas mais abastadas, ele revelou a falta de empatia para com trabalhadores que os serviam e tinham de se expor à contaminação para sobreviver, do mesmo modo que colocaram em relevo o preconceito, a ignorância, o classismo, entre outros valores arraigados na sociedade e cultura brasileira. Esse contexto levou à paralisia com reações esparsas de uma população cansada, enlutada, deprimida, com poucas esperanças e perspectivas (Rodeghero *et al.*, 2023).

A guerra de narrativas sobre o isolamento social, o uso de máscaras e a vacina reforçou a angústia e o sentimento de incerteza e de se estar percorrendo caminhos pouco sólidos e confiáveis. A população brasileira ficou ainda mais polarizada e cada um se apegou às narrativas que os convinha, seja para aplacar a dor do luto, seja para estancar as feridas da falta de recursos financeiros, fechamento de pequenas empresas e inúmeros prejuízos deixados pela COVID-19.

Diante desse cenário, me deparei com a experiência pessoal da morte de alguns familiares, amigos próximos e, enquanto psicólogo, atendi diversos casos envolvendo o luto por entes queridos, tanto no Brasil, quanto no exterior. Sendo assim, o presente trabalho começou a ser pensado a partir dessas vivências, por meio das quais surgiram questionamentos quanto à percepção da desritualização dos funerais ou a criação de um novo rito.

Falar sobre a morte é algo complexo para a cultura ocidental e envolve uma gama de sentimentos, sentidos, significados que vão desde as crenças e tradições ancestrais até o afeto e a importância do morto para os familiares e amigos. Historicamente, houve transformações no modo como a sociedade e a cultura se depararam e elaboraram a morte. Em sua obra *O homem diante da morte*, o historiador e pesquisador Ariès (2017) explora a evolução histórica das atitudes e representações da morte ao longo do tempo, desde a Idade Média até os tempos modernos. O autor destaca a transição gradual da morte sendo vivenciada em público, com rituais e cerimônias compartilhadas pela comunidade, para uma abordagem mais privada e individualizada, em que o luto se tornou cada vez mais medicalizado. Com isso, a partir do final do século XIX inaugura-se um pensamento baseado em resguardar a sociedade das perturbações e emoções provocadas pela morte.

Nesse contexto, ainda que a vida e a morte sejam eventos presentes durante toda a existência humana, na sociedade moderna ocidental, é imperativo celebrar a vida que, simbolicamente, nos transporta para uma dimensão de alegria, de ganhos, ignorando a morte, pois nos remete às perdas, partidas e tristeza. Como afirmam Combinato e Queiroz (2006, p. 210) “para o homem ocidental moderno, a morte passou a ser sinônimo de fracasso, impotência e vergonha. Tenta-se vencê-la a qualquer custo e, quando tal êxito não é atingido, ela é escondida e negada”.

Acrescido a esta dimensão cultural, é inegável que a Pandemia da Covid-19 provocou intensas modificações na vida cotidiana e nos vínculos interpessoais. Silva, Rodrigues e Aisengart (2021) destacam que o cenário pandêmico desencadeou impactos nos ritos de morte e na vivência do luto no Brasil. Para exemplificar, as autoras comentam sobre o “Manejo de corpos no contexto da doença causada pelo coronavírus Sars-CoV-2” publicado pelo Ministério da Saúde³, no qual expressões ritualizadas da morte foram abreviadas e algumas fases do rito suprimidas. Sendo assim, principalmente em virtude das medidas de isolamento e distanciamento social, a pandemia provocou a desritualização dos funerais. Diante da impossibilidade de acesso ao corpo e com a ausência do velório como modo de materializar a perda, houve prejuízo no processo de despedida do ente falecido e de elaboração do luto.

Destacamos aqui que os rituais marcam a vida social, uma vez que estão presentes em todas as sociedades assinalando um fenômeno e/ou evento considerado especial. De acordo com Van Gennep (2011), cada cerimônia tem sua finalidade e significados específicos. Os ritos são a forma indispensável de exprimir e solidificar os vínculos, suscitar a partilha de emoções, valorizar certas situações, assegurar e reforçar a coesão social. Nas palavras de Gennep (2011, p. 157): “viver é continuamente desagregar-se e reconstituir-se, mudar de estado e de forma, morrer e renascer. É agir e depois parar, esperar e repousar para recomeçar em seguida a agir, porém de modo diferente”. Apropriando-se do conceito de rito de passagem explorado por Van Gennep (2011), Turner (2013) interpreta o ritual como um evento que se interpõe na margem/no limiar entre dois estados de coisa ou duas situações.

Na sociedade, o ato de morrer e de cumprir algum ritual fúnebre muda de acordo com a religião, as características socioculturais da região e a forma com que se deu a morte. Para falar desse enlutamento e dos rituais que o cercam, encontramos

³ Mais informações: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/publicacoes-tecnicas/recomendacoes/manejo-de-corpos-no-contexto-da-covid-19>

diversos autores que teorizam sobre esse fenômeno. Apesar desses rituais sofrerem alterações, possuem em comum a necessidade da manifestação diante do morrer e do luto. Dentre os autores, um que coloca a definição de rito fúnebre é Bayard (1996), para quem o ritual é visto como um ato simbólico cheio de significados. Outro autor que podemos citar é Rivière (1997), que fala dos ritos como uma atividade cheia de acontecimentos com ações não conscientes, porém com um alto valor simbólico. Vale dizer que os participantes são como atores para testemunhas, pois há uma repetição em maior ou menor grau de uma espécie de roteiro para cada rito. Em outras palavras, o ato de se vestir de preto no velório para simbolizar o luto, as orações realizadas periodicamente durante a noite, os cânticos, a forma dos visitantes abraçarem as pessoas quando chegam ao velório e dizer “meus pêsames” ou “meus sentimentos” fazem parte de uma espécie de *script* ou roteiro cultural, em que as pessoas se comportam como atores sociais.

O ritual, por sua vez, se refere, de acordo com Souza e Souza (2019, p. 2) ao “prolongamento para além do ato em si e adquire características simbólicas”. Isso quer dizer que preparar o morto, ornamentar a sala onde o corpo será velado, as orações e cerimônias, cânticos e objetos são ritos que funcionam como um passaporte para um tempo/espaço simbólico e ao mesmo tempo para um estado que Turner (2013) denomina como liminar. O local do velório é transformado nessa encenação ritualística enquanto os presentes são modificados em seus processos de aceitação e construção de ideias metafísicas de consolação e redenção daquele que morreu. Assim, pensar sobre a função do rito fúnebre implica em compreender os processos de superar o vazio e a ausência ocasionados pela morte, que interrompe processos, relações, trabalhos e gera um abandono físico e emocional, ocorrido de forma muitas vezes abrupta. O insólito da morte requer, assim, reestruturação da dinâmica da vida e dos processos interrompidos. Os ritos são assim, parte da encenação simbólica que forma o todo, ou seja, o ritual.

Ao me deparar com a vivência do luto interrompido pelos órgãos sanitários, no intuito de evitar o contágio acelerado de pessoas, comecei a pensar, refletir e buscar informações sobre os ritos de passagem, morte, velório e sepultamento, fato este que me despertou o interesse em entender os impactos causados pela pandemia nos ritos funerários e na elaboração do luto. A partir disso, comecei a perceber que os rituais na pandemia estavam diferentes e surgiu o seguinte questionamento: como ficaria o processo de luto das pessoas nesse contexto e como pensar o ritual de morte na

Pandemia?

Portanto, o objetivo geral do presente estudo é analisar de que forma os rituais de funeral durante a pandemia da covid-19 e a performatividade do luto foram modificados. Como objetivos específicos, propõe-se: realizar um levantamento acerca dos ritos de passagem e das práticas simbólico-culturais dos funerais; analisar as mudanças advindas das medidas sanitárias frente a pandemia e avaliar as consequências das modificações do rito do funeral para a saúde mental dos indivíduos que passaram pelo processo de luto na pandemia da Covid-19; compreender sobre os conceitos de performances do funeral e ritos de passagem, assim como as postulações teóricas acerca das práticas simbólicas e suas influências na cultura.

Outro ponto que me levou a trabalhar o luto durante o mestrado foram as minhas próprias vivências no período pandêmico. Assim, a presente pesquisa começou a ser pensada após observar as mudanças no ritual de luto na sociedade e ter vivenciado experiências pessoais de morte de alguns parentes de primeiro grau, como meu pai, sogro, sogra e minha mãe, bem como de amigos próximos, vizinhos e colegas de trabalho, em razão da COVID-19 ou dentro do contexto pandêmico. Enquanto psicólogo eu já havia atendido muitas pessoas, tanto no Brasil como no exterior, que perderam seus entes queridos e já havia percebido alterações nos rituais de luto. Todavia, quando essa situação de perda e suspensão de ritos culturais considerados fundamentais para elaboração desse processo a fim de tentar evitar a disseminação do vírus chegou até a minha casa e as relações de primeiro grau, percebi o vazio de não conseguir me despedir do corpo, tampouco dialogar com as forças simbólicas da religiosidade e do compartilhamento da dor que geralmente se socializa com parentes e pessoas da família. Essa performatividade de compartilhamento, do ponto de vista psicológico, traz de volta para a vida o ente falecido e do ponto de vista social, ressalta a importância daquela pessoa para a sociedade e a família. Essas inquietações me despertaram para estudar sobre o ritual e buscar um programa de mestrado que trabalha, em suas linhas de pesquisa, com ritos de passagem, performances da cultura e que poderia me direcionar no estudo das performances do luto.

Retomando as mudanças ocorridas nesses processos durante a pandemia e as minhas vivências de luto, é importante salientar que essa interrupção do funeral por bases legais e ausência de um último momento com pessoas importantes para dar sentido à existência, performances essas que percebi fazerem parte dos meus

comportamentos e referências de vida, colocaram em perspectiva a importância de rituais que são repetidos de forma espontânea, intuitiva, dentro de um sistema cultural. Por ter perdido os meus genitores em decorrência da pandemia, compreendi algo que eu não havia até então sentido: o quanto essa não expressão da dor da morte pode gerar ausência e dificuldade para lidar com a vida cotidiana.

Na ausência da tangibilidade dos rituais e da possibilidade de expressá-los presencialmente, percebi que o caminho adotado por várias pessoas, padronizado e repetido intuitivamente por mim, foi de substituir a materialidade do corpo e das experiências do cemitério e salas de velório pelo compartilhamento e discussão da dor sentida nas redes sociais como o Instagram. Nesse diálogo, mediado pelas tecnologias, o compartilhamento das memórias imagéticas, videográficas e a postagem de narrativas e relatos de experiência se tornou o substitutivo dos espaços físicos. Percebi, assim, que o quantitativo catastrófico de mais de 700 mil mortes no Brasil⁴ em decorrência do coronavírus transformou as redes sociais em verdadeiras salas fúnebres, na tentativa de uma elaboração da ausência, do chorar de um corpo que não foi visto, tocado, beijado, enfeitado, fazendo com que essas pessoas tentassem se despedir de uma lembrança incorpórea, imaterial, em que o efêmero da internet preponderava.

A doença causada pelo novo coronavírus (COVID-19) tem sido considerada uma séria crise do ponto de vista epidemiológico e psicológico. Além das perdas em grande escala em um curto período, as dificuldades na realização de rituais de despedida entre pessoas que estão prestes a perder seus entes queridos, bem como os rituais funerários, podem dificultar a experiência do luto. Como afirma Kushnir (2022, p. 123), “a experiência do isolamento social/quarentena ainda que coletiva, afeta de forma singular cada um de nós”. Diante dessa afirmação da autora, é importante mencionar que para o desenvolvimento de uma pesquisa que envolve os efeitos de perdas e prejuízos advindos do período pandêmico, sobretudo do ponto de vista simbólico e psicológico, como no caso dos ritos funerários, é fundamental colocar em perspectiva que cada indivíduo e grupo na sociedade foi impactado de maneira distinta, tanto pela doença do Coronavírus, quanto pelos seus impactos sanitários e culturais, como pelas mudanças nas performatividades do luto.

Por se tratar de uma pesquisa sobre os ritos de passagens e funerários, torna-se

⁴ Pesquisado em: <https://covid.saude.gov.br/> Acesso em: 25/06/23.

necessário compreender o que são momentos de liminaridade para entender a posição social do morto e o seu estado liminar. O período liminar, também chamado de “antiestrutura”, que é subdividido em pré-liminal, liminal e pós-liminal, podem ser entendidos como parte dos rituais das crises de vida/dramas, pois são momentos importantes para o desenvolvimento social do indivíduo, como o nascimento e o casamento, já que marcam a transição de uma fase da existência para outra (Turner, 2013).

Na fase pré-liminal, há a preparação e demarcação da performance que está por vir, para que, tanto os envolvidos quanto os participantes experimentem esse momento. A preparação do espaço para um enterro e o adorno com coroas de flores, tanto da sala de velório, como o revestimento do próprio ente falecido, fazem parte desse processo de elaboração do luto e constituem-se em um aquecimento para esse rito de passagem e despedida, que reafirma as tradições simbólicas e religiosas que se ancoram em narrativas de consolação, nesse momento de passagem.

Na segunda etapa, constituída pelo momento liminal, em que ocorrem os próprios momentos sacros, as despedidas e a celebração noturna de espera do desfecho no enterro, há a suspensão do tempo da vida cotidiana. É o instante onde se deixa todas as rotinas habituais para se concentrar nas práticas de despedida e no tempo espiritual que o momento exige. Em cada cultura e cosmogonia vivencia-se esse processo de forma distinta, por meio da restauração de comportamentos e repetições de práticas, símbolos, palavras, uso de vestimentas, entre outros.

O estado pós-liminal marca o retorno às regras e à vida cotidiana. É o momento da despedida de toda a experiência, orações, cânticos e choros que ocorrem para que se retome a rotina social habitual. O próprio corpo do ser que veio a falecer, ao passar pelos ritos, se estende simbolicamente para seu duplo espiritual, ação que funciona como agente de transformação performática, análoga ao conceito de Shechner (2011), pois oferece a possibilidade de mudar a compreensão de familiares e amigos acerca da perda e da morte, mesmo depois do esfriamento do corpo ou término dos ritos mortuários. De acordo com o autor, os rituais de transformação interferem na vida ordinária dos participantes e mudam sua percepção de mundo e de si mesmos com efeitos que se prolongam após o ritual. Dessa forma, existe uma diferença significativa entre os que passam pelos ritos mortuários e o absorvem como ritual e os que não vivenciam esses momentos que ressignificam a visão da perda e da morte (Shechner, 2011).

O ato fúnebre é muitas vezes encarado como uma forma de lidar com a ausência daquele ente que veio a falecer, visto muitas vezes como um ato psicológico de aceitação da morte. Dessa forma, é importante pesquisar como as pessoas foram afetadas por essas mudanças na performatividade do luto. Esta investigação possui uma abordagem qualitativa, que visa averiguar o impacto da ausência do funeral e do velório na saúde mental. Todo esse processo deverá ser capaz de responder as questões problema e averiguar os objetivos propostos.

Assim, a pesquisa se propõe a investigar os impactos da pandemia na supressão dos rituais que ancoram a vivência e elaboração do luto e para isso teremos a seguinte metodologia: pesquisa aplicada, que parte de teorias já existentes acerca dos lutos e dos rituais para fazer uma revisão integrativa de literatura. De acordo com Souza, Silva e Carvalho (2010) essa revisão busca combinar métodos e relacionar teorias com o intuito de embasar a discussão de determinado assunto, nesse caso, as mudanças da prática do ritual de funeral em tempos de pandemia.

Em sua abordagem, pode-se considerar a investigação como qualitativa, por partir de uma pequena amostra teórica para discutir um fenômeno e por tentar compreender, em profundidade, a percepção e a motivação das pessoas investigadas no relato de experiência. Considera-se, ainda, a pesquisa documental - revisão narrativa da literatura e relato de experiência das pessoas. A pesquisa documental seleciona, organiza e interpreta dados e materiais que não tiveram tratamento analítico.

Para abordar as relações da vivência do luto na COVID-19 escolheu-se como fontes primárias matérias publicadas em jornais, comentários de pessoas enlutadas acerca das publicações sobre o luto, ou seja, fontes que ainda não foram interpretadas por uma teoria específica. Como recorte, serão analisadas reportagens dos jornais “O Popular”, “O Globo” e “Folha de São Paulo”. Em relação à periodicidade, foram delimitadas as matérias de março de 2020 a junho de 2021, no momento mais caótico da pandemia⁵. A escolha se deu pela busca por representatividade, por conter um periódico do estado de Goiás, local onde resido e vivencio os desdobramentos da pandemia, e dois jornais de grandes metrópoles brasileiras.

Em complemento à análise das publicações dos jornais, foram observados os comentários e reações dos internautas no período em que as reportagens foram

⁵ Pesquisado em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/12/31/balanco-indica-que-2021-foi-o-ano-mais-letal-da-pandemia-no-pais.ghtml> Acesso em: 25/06/23

publicadas. Ressalta-se assim que os próprios periódicos como a “Folha de São Paulo” criaram espaços para postagem desses depoimentos ou os citaram em suas reportagens. Essa investigação das matérias, relatos dos internautas e experiências pessoais constituem uma etnografia virtual, ou seja, um método netnográfico.

O método netnográfico proposto por Kozinets (2014) consiste em uma etnografia online, que contempla aplicação de questionário, diálogo com participantes de comunidades virtuais, análise de curtidas, postagens, comentários e reações, entre outros. Na presente pesquisa, haverá o estudo das interações das pessoas, especialmente as enlutadas que trouxeram suas vivências nos comentários, frente às notícias dos jornais “O Popular”, “Folha de São Paulo” e “O Globo”, os quais divulgaram informações durante a pandemia acerca do número de mortos e dos decretos que versam sobre funerais ou sobre algum caso específico do sofrimento de familiares ou amigos de vítimas da COVID-19.

O uso do termo netnografia, nesse caso, representaria a tentativa do pesquisador de reconhecer a importância das comunicações guiadas por computador nas vidas dos membros da cultura, de incluir em suas estratégias de coleta de dados a triangulação entre diversas fontes online e offline de compreensão cultural, e de reconhecer que, como entrevistas ou semiótica, a netnografia tem seus próprios conjuntos de práticas e procedimentos exclusivamente adaptados que a distinguem da conduta da etnografia face a face (Kozinets, 2014, p.62).

Essa imersão nas histórias e relatos sobre luto na pandemia e a identificação com a minha própria vivência e de alguns pacientes constituem parte do método misto netnográfico. Esses relatos serão interpretados, filtrados e discutidos a partir das teorias acerca das performances do ritual e do luto a fim de compreender os impactos causados por essas modificações.

A investigação netnográfica proposta será fundamentada na ideia de *coleção* apresentada por Kushnir (2020), que diz respeito ao levantamento e organização de documentos em categorias temáticas de acordo com a conveniência do pesquisador que realiza a pesquisa e analisa o material coletado a partir das categorias construídas. No caso da presente pesquisa, entende-se as amostras dos comentários de interação publicados pelos internautas em reação às notícias dos Jornais “O Popular”, “Folha de São Paulo” e “O Globo”, cuja temática versa sobre o número crescente de mortes. Assim, propõe-se como categoria, aspectos que denotam mudança no ritual funeral, na elaboração do luto e na transposição simbólica dos ritos fúnebres para a espacialidade virtual a fim de estabelecer comparações e

compreender as mudanças e deslocamentos dos ritos de passagem da morte e de sua concretização no ritual do velório e da elaboração do luto, aspectos que podem ser compreendidos pelas teorias das performances. No que tange as teorias das performances, foram utilizados os autores Camargo (2013), Dawsey (2011), Genep (2011) Schechner (1985), Goffman (1993) e Bayard (1996). Em complementação, foi utilizado o livro *Linguagem e Mito*, de Ernest Cassirer (2009).

A contribuição desta pesquisa se justifica por relacionar as mudanças provocadas nos funerais no período da pandemia COVID-19 dentro de uma discussão mais performática sobre a elaboração do luto e rituais de passagens nos funerais, bem como sobre as mudanças e adaptações dos ritos funerários e do luto no contexto pandêmico.

Durante o processo de elaboração deste trabalho, uma importante sugestão foi apresentada pela banca avaliadora em relação ao capítulo que abordava a temática da morte à luz da psicologia. Foi observado que este capítulo não estabelecia uma continuidade adequada com o capítulo anterior, criando um vácuo na progressão da discussão. Consequentemente, a banca sugeriu a retirada desse capítulo. Em colaboração com minha orientadora, que é psiquiatra e terapeuta junguiana, decidimos acatar essa sugestão e realizar uma revisão estrutural do trabalho. Como resultado, optamos por reorganizar a dissertação em três capítulos. O novo segundo capítulo, intitulado 'Luto em Tempos da COVID-19: Um Adeus sem Despedida', foi elaborado para preencher essa lacuna e estabelecer uma transição mais fluida entre os tópicos discutidos. Este ajuste visa aprimorar a coerência e a clareza do trabalho, mantendo o foco nos objetivos de pesquisa estabelecidos.

Para tanto, estruturou-se o conteúdo da dissertação da seguinte forma: o primeiro capítulo aborda as práticas culturais que envolvem o morrer, expondo ritos de passagem e Performances Culturais, em especial, os ritos fúnebres. Para tanto, estrutura-se a discussão a partir do ponto de vista de alguns teóricos importantes, como Van Genep (2011) e Turner (2013).

Já o segundo capítulo aborda a morte e o luto em tempos de COVID-19, ressaltando a impossibilidade do ritual de despedida, as mortes repentinas, a ressignificação e virtualização dos rituais do funeral. Assim, discute-se o luto, mostrando a supressão das expressões públicas de pesar e a sua desritualização - antes uma experiência eminentemente pública e agora tratada como um assunto particular. Em tempos de pandemia da COVID-19, o enlutado busca uma

maneira de lidar com o luto, considerando a não-realização dos rituais de passagem no culto fúnebre - ou quando não realizado em sua totalidade.

No terceiro capítulo, há a apresentação do método e a teorização acerca da netnografia, teoria que sustenta toda a análise do trabalho. Em seguida, foram construídas categorias analíticas de acordo com a relação entre os temas das personagens e relatos dos entrevistados enlutados acerca de suas experiências com a morte em tempos de COVID-19. Ao final do capítulo foi realizada a análise dos relatos e reportagens selecionados dos três jornais online escolhidos como objeto de estudo (Folha de São Paulo, O Globo e O Popular), sobretudo pelo viés de compreender as experiências de luto de pessoas, expressas em comentários nas reportagens dos jornais supracitados ou em espaços memoriais destinados a esse fim a partir do método netnográfico.

Finalmente, as considerações finais que corroboram às teorias e os objetivos estabelecidos para este estudo, de que as mudanças nas performances do funeral e a performatividade do luto se modificaram durante a pandemia de COVID-19 e provocaram mudanças nesse rito de passagem. Tais modificações estão ligadas à virtualização do espaço de vivência e compartilhamento desse momento. Entende-se assim que a audiência do velório se expande na internet e o diálogo se dilui com grupos de seguidores que muitas vezes não conhecem nem o enlutado e nem o falecido.

Coleta de Dados

No contexto deste estudo, realizou-se uma busca nos indexadores online dos jornais selecionados para a coleta das reportagens que compõem o corpus de análise desta pesquisa. A busca foi realizada nos jornais O Popular, Folha de São Paulo e O Globo, no período de março de 2020 a junho de 2021, utilizando os seguintes descritores: pandemia, coronavírus, funeral, sepultamento, luto e ritual.

Os critérios de inclusão consideraram a temática das reportagens e sua relação com a questão de pesquisa sobre o impacto da ausência do ritual funeral devido à pandemia. Além disso, foi relevante analisar a reação do público, parte do estudo netnográfico que demonstra o entendimento diante das mudanças, não apenas no aumento de óbitos, mas também na tentativa de expressão do luto sem a despedida presencial do corpo, como é comum na cultura brasileira. Foram incluídos também os

memoriais de obituários, partindo do entendimento de que esse espaço é destinado à despedida e homenagem aos entes queridos falecidos. Quanto à reação do público diante da ausência do ritual funeral, foram selecionadas reportagens que abordam a morte e o luto no período, independentemente de serem mortes por COVID-19, considerando que a proibição legal de funerais impactou a vivência e elaboração do luto também para pessoas que perderam parentes por outras causas.

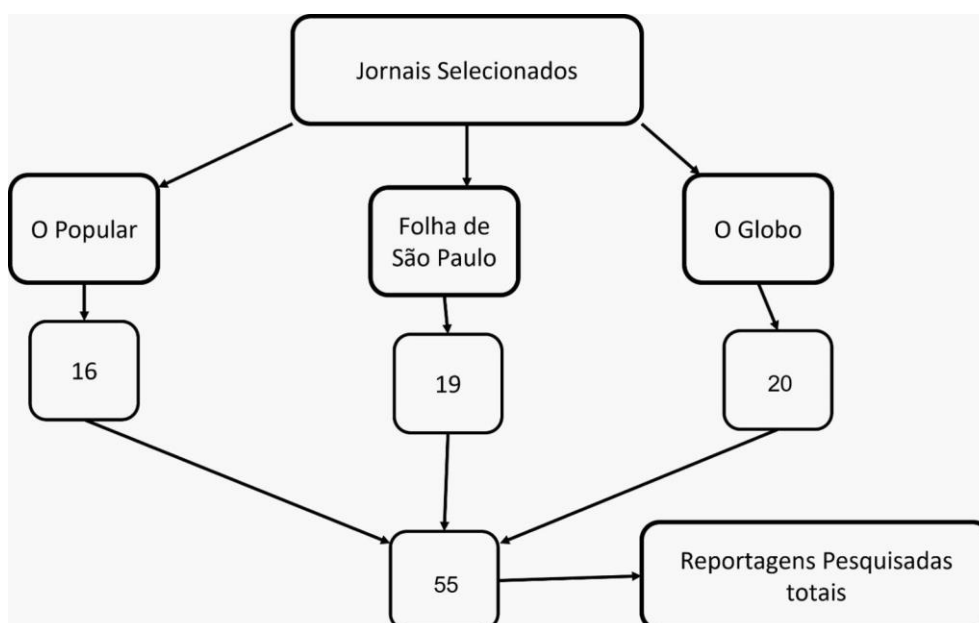
No que tange aos processos de exclusão, levou-se em conta a repetição de temáticas de reportagens, temas que não têm aderência com a pesquisa ou que fugirem do direcionamento dado pela pergunta-problema norteadora da presente investigação. Quando se percebeu que as informações relativas à pesquisa se esgotaram a busca foi encerrada.

Em seguida os dados foram filtrados e sistematizados da seguinte forma:

- Total de reportagens selecionadas nas 3 fontes: 56.
- Estratificadas por periódico chegou-se ao seguinte quantitativo: 21 reportagens do jornal O Globo, 19 reportagens da Folha de São Paulo, e 16 do jornal O Popular.

Como critério de exclusão, levou-se em conta as publicações que discorressem sobre a importância dos ritos fúnebres, o impacto da suspensão de suas vivências, bem como a adequação das categorias estabelecidas para a análise, conforme explicitado abaixo:

Figura 1: Síntese de seleção de reportagens estratificadas por fonte e temática acerca da ausência do ritual funeral em tempos de COVID-19:



Fonte: Desenhado pelo autor

Para realizar a análise das reportagens supracitadas, foram criadas as seguintes categorias, a fim de facilitar o processo investigativo:

1. Ausência da materialidade

Subcategorias: Corpórea/Simbólica

2. Sentimentos provocados pela ausência do ritual funeral

Subcategorias: angústia/aceitação

3. Características da vivência do luto nas redes

Subcategorias: Funerais online/Memorial/Espaços de compartilhamento da dor

4. Índícios de mudanças no ritual do luto

Subcategorias: virtualização do luto/Expansão de fronteiras e da participação de pessoas.

1 TRANSPOSIÇÃO DA MORTE AO RITUAL: RITOS DE PASSAGEM E SUAS PERFORMATIVIDADES

Para abordar as performances do luto e as consequências das modificações dos ritos que compõem o ritual funerário, objeto de estudo da presente pesquisa, é necessário compreender a função e o significado das práticas simbólicas performadas e suas funções na cultura e na organização social. Faremos essa discussão a partir do arcabouço teórico de Schechner (2012), Genep (2011) e Camargo (2013).

Richard Schechner (2012), antropólogo e pesquisador que teoriza sobre o teatro e a antropologia em seu livro *Performance Theory*, estabelece relações e fluxos entre os ritos de passagem e o teatro; pois, segundo o autor, existem encenações em sua realização, que são análogas ao teatro, inclusive no ritual funeral, onde há repetição de palavras e orações, encenação de papéis, momentos litúrgicos de despedida do corpo. O autor argumenta que eventos de diferentes naturezas, como rituais culturais e performances teatrais, possuem características em comum e podem ser analisados em termos de observação e função.

Para Schechner (2012), o rito e o teatro são duas formas de atuação que sustentam elementos fundamentais. O rito é uma expressão cultural que envolve ações ouvidas carregadas de significado, realizadas dentro de um contexto ritualístico, normalmente com objetivos específicos, como a celebração de um evento religioso ou a passagem de um estágio de vida. O teatro, por sua vez, é uma forma de performance encenada em um espaço específico, diante de uma audiência, com o propósito de entreter e transmitir uma narrativa.

O rito consiste na encenação de elementos míticos com a função de reafirmar crenças, celebrações, momentos fundamentais do ciclo da existência de indivíduos e grupos sociais. Já os rituais são “cerimônias constituídas de gestos simbólicos repetitivos carregados de intencionalidade” (Guilouski; Costa, 2012, p. 91).

Schechner (2012) destaca que tanto o rito quanto o teatro possuem uma dimensão acompanhada, na qual os gestos, símbolos e ações realizadas durante a performance carregam significados culturais e sociais. A eficácia refere-se à capacidade dessas ações de evocar e transmitir significados e de afetar os participantes ou espectadores de maneira profunda. No rito, a ocorrência está relacionada à crença na sacralidade e na transformação, enquanto no teatro, está

associada à suspensão da descrição e à capacidade de criar uma experiência estética. Argumenta, assim, que tanto o rito, quanto o teatro são expressões culturais que fazem parte de um terreno comum, confiantes para a compreensão da natureza e do significado das performances em diferentes contextos.

Esses estudos relacionados com a antropologia, abarcam a sistematização de saberes como o processo ritual e suas fases, as influências da cultura nas tradições, na configuração do espaço, na relação com o tempo e na própria organização do tecido social.

No que diz respeito aos ritos, é importante mencionar a obra *Os Ritos de Passagem*, escrita por Gennep (2011), que representa o primeiro trabalho efetivo na tentativa de compreender o ritual como uma manifestação. Nesse sentido, a obra descreve os ritos funerários como uma forma de transição e transformação entre a vida e a morte. O autor propõe que os ritos mortuários são uma parte essencial das cerimônias de passagem que marcam mudanças de status na sociedade, assim como outras práticas performáticas, sendo compostos por fases ou etapas.

Assim, uma das discussões principais do autor diz respeito às modalidades de ritual que se dividem em separação, reestruturação e agregação. Em todos esses tipos de performance existem etapas pré-liminais, liminais e pós-liminais. Na fase pré-liminal, já discutida anteriormente, ocorre a preparação do espaço e dos participantes para a performance do velório que está por vir. Em relação ao ritual funerário e pensando nas fases de Gennep (2011), temos que, na fase de separação, ocorre a despedida do falecido e a separação do mundo dos vivos, com a realização de rituais de preparação do morto para o ritual do velório.

A fase de margem é um período de transição, em que os enlutados estão em um estado de liminaridade, afastados de sua vida cotidiana e imersos no luto. Durante essa fase são realizados rituais de luto, como o velório, as orações e as homenagens ao falecido. Esses rituais têm a função de fornecer suporte emocional, permitir a expressão do luto e facilitar o recebimento da perda (Gennep, 2011).

Por fim, na fase de incorporação, os enlutados são reintegrados à sociedade após o período de performance ou encenação do luto. Nessa etapa, podem ocorrer rituais de despedida final, como o enterro ou cremação, que marcam a conclusão do processo funerário e a transição para a vida após a perda. Gennep (2011) enfatiza que os ritos funerários desempenham um papel importante na transformação da identidade e na reintegração social dos enlutados. Eles fornecem um contexto

simbólico e culturalmente significativo para lidar com a morte, expressar emoções, honrar a memória do falecido e encontrar consolo e apoio na comunidade.

É importante ressaltar que as postulações teóricas de Genep (2011) são experimentadas em estudos antropológicos e podem variar de acordo com a cultura, o tempo histórico e o contexto social. Cada sociedade e grupo cultural pode ter suas próprias práticas e rituais funerários específicos, mas a estrutura básica de separação, margem e incorporação proposta pelo autor fornece um quadro geral para compreender os ritos funerários em diferentes contextos.

Os sofrimentos e perdas diante do inevitável, desconhecido e irremediável campo da morte, podem ser compreendidos e amenizados a partir do conjunto das crenças do indivíduo. A religião e os ritos de passagem, nesse sentido, trazem solução àquilo que o campo da medicina e o conhecimento científico não conseguem resolver ou comprovar. Tal contato estabelece-se pelo ritual. Dessa forma, tanto os objetos, sagrados ou não, quanto o ambiente físico, são transformados em mágicos ou sobrenaturais. A capela ou igreja onde se realiza o velório, por exemplo, e aspectos como a oração do terço de despedida do falecido deixam de ser, no sentido material, um prédio e um colar adornado com motivos religiosos e passam a ter outro significado, tanto pelo simbolismo, quanto pela prática ritual e sistema de crenças que promovem envolvimento das pessoas e sua conseqüente transformação em elementos espirituais (Genep, 2011).

Da mesma forma, as flores simbolizam homenagem, purificação e sacralidade, e toda a encenação da performance mortuária abre um portal para a vivência metafísica ou liminar de transposição do morto para o mundo espiritual. Além disso, essas práticas e narrativas transformam a realidade das pessoas que continuam vivas, guiando-as em contato com o sagrado.

1.1 Ritual e ritos de passagem

Durante as etapas dos ritos fúnebres, existe uma suspensão do tempo da vida cotidiana. Nesse período, ocorrem os momentos sacros, as despedidas e a celebração noturna de espera do desfecho de todo o processo no enterro. A suspensão do tempo exigida pelo velório consiste no instante onde se deixa todas as rotinas habituais para se concentrar nas práticas de despedida e no tempo espiritual que o momento exige. Em cada cultura e cosmogonia vivencia-se esse processo de

forma distinta, por meio da restauração de comportamentos e repetições rituais de práticas, símbolos, palavras, uso de vestimentas, entre outros (Scechner, 1985).

É possível relacionar tal ritualística com o conceito de comportamento rearranjado de Goffman (1993). Essa reflexão de rearranjo pressupõe um protocolo social ou roteiro para executar determinada ação. Um padre ou pastor, por exemplo, utiliza de formas de agir pré-determinadas para realizar uma cerimônia fúnebre.

Outro exemplo desse comportamento é o de uma mãe que não tem experiência no campo da maternidade e para exercer esse papel busca fragmentos desse comportamento para formar a sua habilidade e conseguir criar o seu filho, de acordo com os aspectos da cultura em que está inserida. Se na cultura há a tradição de uso do sling, instrumento de pano para carregar o bebê enrolado em contato com o corpo da mãe, advindo de culturas africanas, indígenas e andinas, essa mulher provavelmente irá utilizar este instrumento.

Da mesma forma, mesmo que nunca se tenha vivenciado o luto, o indivíduo irá buscar as referências que foram aprendidas e experimentadas no contexto de sua cultura (Goffman, 1993). Sendo assim, a performance funerária busca elementos rituais conhecidos e inerentes ao contexto em que os indivíduos estão inseridos para reorganizar a ruptura deixada pelo morrer, pela ausência, pela quebra de dinâmicas e vínculos afetivos e sociais. O próprio falecimento é em si um corte e requer a recriação espaço-temporal, por meio de rituais e ritos que se materializam em comportamentos rearranjados.

No velório e funeral, há uma lógica específica em relação à rotina, à passagem do tempo, às relações sociais e às maneiras de lidar com identidades e máscaras. O próprio velório é uma representação do momento liminar entre a vida e a morte, uma etapa de despedida e transformação do ser. Na maioria das culturas judaico-cristãs, a morte é vista como transcendente, fazendo parte de outra vida, espaço, tempo e dinâmica. Essas concepções moldam a sociedade e sua relação com a morte e a ausência do corpo. O luto, em termos de passagem do tempo, é um momento liminar tanto para os familiares, amigos e conhecidos, quanto para a pessoa falecida, que se transforma em uma memória religiosa e afetiva (Scechner, 2012).

Após a vivência liminar do velório, ocorre o momento pós-liminar que marca o retorno à vida cotidiana. É o instante da despedida de toda a experiência, orações, cânticos e choros que ocorrem para que se retome a rotina social habitual, os papéis sociais, a noção de tempo e os compromissos (Scechner, 2012).

Para além da modificação do tempo cronológico, existe uma mudança no espaço que marca as performances funerárias. Seja em processo de sepultamento tradicional ou cremação, o ritual e o espaço marcam as celebrações, embora de formas distintas. No cemitério, o cortejo, a chegada do corpo, sua preparação com maquiagens, o uso do caixão como invólucro de proteção, as flores, os enfeites e o próprio túmulo adornado constituem as etapas desse ritual para depositar e devolver o corpo a um espaço de descanso. Na cremação há a transformação dos restos mortais em cinzas, guardadas posteriormente em urnas funerárias ou levadas diretamente à natureza, aos pés de uma árvore, ao mar ou em qualquer elemento que represente a vida, a paz e a transcendência. No ritual funeral, o morto é enterrado, mas a sua memória continua existindo no “aqui e agora”.

Como dito anteriormente, a ideia de liminaridade possui como etimologia a palavra latina *limen*. Pode-se explicar esse termo como uma performance do ser que suspende sua consciência temporariamente e passa a ser ao mesmo tempo o *eu* e o *outro* na vivência de um transe religioso ou interpretação de um personagem em uma peça teatral. Esse fenômeno pode ser assim sobrenatural, cognitivo ou psíquico, em que os indivíduos que o vivenciam estão entre estados de consciência racional e subjetivos (Dawsey, 2007).

No que diz respeito ao luto e aos ritos de passagem, a liminaridade ocorre de maneira semelhante. Isso porque há uma quebra na rotina habitual da vida, inicia-se um processo de ausência de pessoas importantes para o sentido da vida e, a partir disso, surgem uma série de experiências simbólicas na tentativa de elaborar o luto. Cada pessoa vivencia esse processo de forma individual, podendo recorrer a estratégias como o apoio religioso, terapias ou processos de autoconhecimento. No entanto, independentemente da religiosidade, o velório é uma prática comum. Esse momento é marcado por visitas de conhecidos, familiares, amigos, colegas de trabalho e autoridades, e envolve a exposição do corpo adornado geralmente com flores em um caixão para que seja realizada a despedida, como um último encontro que culmina no enterro e, na maioria das vezes, em orações e cerimônias religiosas (Gennep, 2011).

Para os católicos, o rito funeral é retomado sete dias após a despedida do corpo e coroado pela missa de sétimo dia, missa de um mês, um ano e assim por diante. Espíritas, umbandistas, candomblecistas e espiritualistas em geral também tendem a se despedir do corpo, com a característica de recorrer a antepassados e familiares

já falecidos para consolidarem esse momento em que se acredita haver um reencontro e a continuidade da vida em outra esfera. Nas igrejas protestantes, a ênfase é na oração pelas pessoas que ainda estão vivas e as orações possuem função de consolação, embora a despedida ainda ocorra no velório, com todos os adornos, coroas de flor e ritual de passar a noite se despedindo do ente falecido.

Em relação a forma de lidar com o corpo, há ainda a possibilidade da cremação, tradição milenar usada por budistas, xintoístas e outras religiões e que na cultura ocidental consiste no velório tradicional precedido da queima do corpo dentro do caixão, substituindo o enterro. As cinzas são entregues aos familiares que as guardam em urnas, lança-as na natureza (nos pés de árvores, no mar, entre outros) ou depositam em lugares de suas preferências.

Toda essa ritualística, independentemente de suas especificidades culturais, é fundamental para que haja aceitação e elaboração da perda, da ausência da corporeidade, da rotina, do contato, da presença. O ritual, nesse sentido, possui função de ressignificar essa presença que se transforma em memória, ancorada pela virtualidade da imagem fotográfica, dos vídeos que a família possui e das lembranças registradas na oralidade e recontadas.

1.2 Performatividade dos rituais

O processo de luto e os rituais nos funerais foram significativamente modificados durante a pandemia da COVID-19. Devido às restrições e medidas de distanciamento social implementadas para conter a disseminação do vírus, os funerais tiveram de ser adaptados e muitas vezes limitados. Aqui está uma das mudanças observadas: em muitos países, foram estabelecidos limites restritos para o número de pessoas que podem participar de um funeral. Isso aconteceu em funerais menores e mais intimistas, com a presença limitada a familiares diretos ou um número reduzido de convidados.

No Brasil, a fim de atender às medidas sanitárias e conter o coronavírus, adotou-se um cortejo rápido, com caixão lacrado, que durava poucos minutos antes do enterro e permitia o acesso de alguns familiares próximos⁶. Para permitir que as pessoas participassem desse momento, começou-se a realizar transmissões virtuais

⁶ Mais informações: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/publicacoes-tecnicas/recomendacoes/manejo-de-corpos-no-contexto-da-covid-19>

dos cortejos⁷. No entanto, inúmeras pessoas foram enterradas sem que parentes tivessem tempo de chegar de outras cidades e países e, em muitos casos, mesmo morando na mesma cidade, amigos e parentes próximos não puderam visitar seus entes queridos. Abaixo, a figura 2 mostra uma cena de enterro durante a pandemia, em que é possível perceber a presença da equipe vestida com equipamentos de proteção individual (EPI), como máscaras, luvas, macacão e bota. Atrás, é possível notar poucos participantes, que observam de longe o processo de cortejo para depósito direto nas gavetas sepulcrais, sem cerimônia prévia.

Figura 2: Enterro durante a Pandemia



Fonte: National Geographic⁸

Essa limitação do tempo, a ausência do toque e a impossibilidade de ver a imagem das pessoas em função da caixa fúnebre estar lacrada e haver a eliminação do ritual do velório, acabou por afetar profundamente as dinâmicas culturais e a performatividade característica desse momento de despedida. Nesse sentido, a comunicação mediada e os dispositivos tecnológicos substituíram as reuniões presenciais. Os perfis do Instagram, Twitter e Facebook se tornaram salas virtuais de despedida, oração, postagem de homenagens, troca de mensagens de consolo e

⁷ Mais informações: <https://www.estadao.com.br/brasil/pacote-para-velorio-inclui-video-com-transmissao-ao-vivo-e-mensagens/>

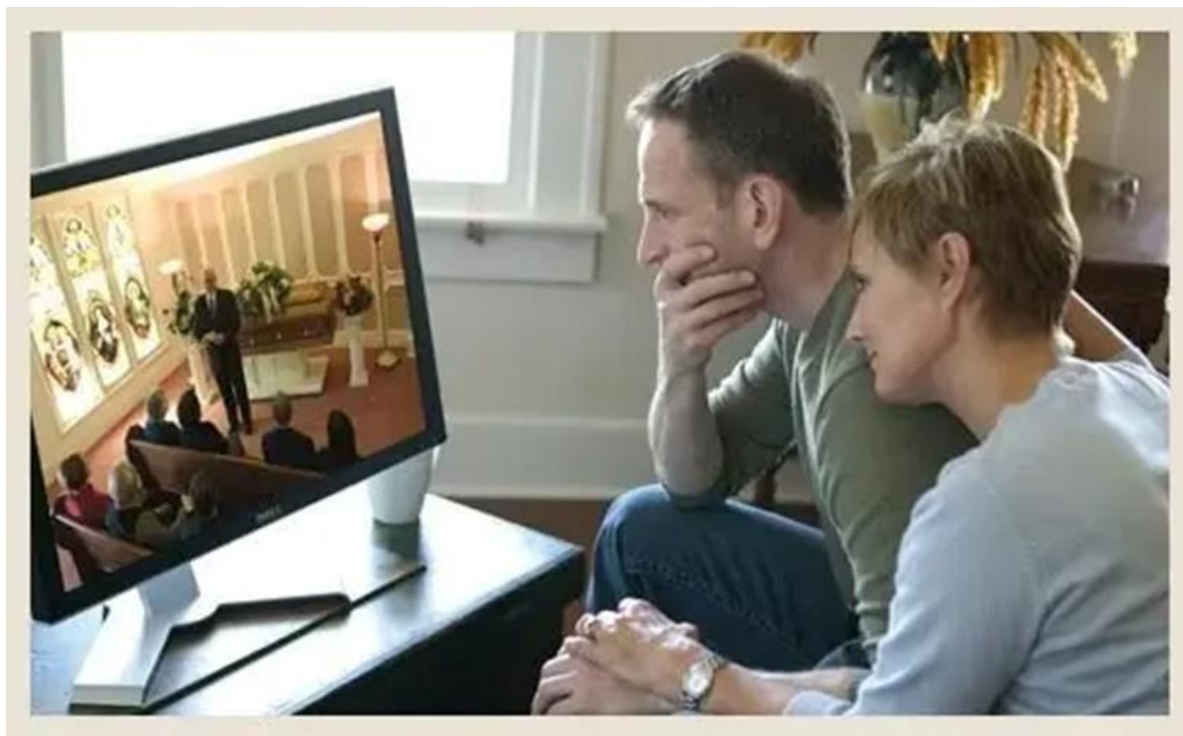
⁸ Mais informações: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/publicacoes-tecnicas/recomendacoes/manejo-de-corpos-no-contexto-da-covid-19>

cortejos fúnebres, local de postagens de memórias fotográficas, audiovisuais e relatos de todos os tipos.

Esse hábito consolidado na pandemia perdurou no contexto pós-pandêmico, mesmo com o retorno dos velórios, uma das modificações culturais advindas desse período é a retomada do ato de fotografar a sala de velório e o caixão, como se fazia em relação às fotografias mortuárias. Diante dessa informação, pode-se afirmar que há um processo parcial de readequação ou ressignificação na performatividade do ritual funerário, embora muitas pessoas tenham retomado os velórios presenciais.

Acrescentou-se a essa prática, a produção de fotos tipo *selfie* com a caixa mortuária, a fim de trazer pertencimento e participação. Na pandemia, esse artifício foi utilizado por familiares que tiveram a oportunidade de participar dos cortejos fúnebres, mesmo que de maneira fugaz, a fim de divulgá-los nas redes e compartilhar o invólucro lacrado do caixão àqueles que foram impedidos de comparecer, ao mesmo tempo em que o espaço do cemitério foi transposto para as redes sociais, como uma continuação da performance e dos ritos de se velar e se despedir de um corpo (vide figura 3).

Figura 3: Velório transmitido via internet



Fonte: Funerária São Matheus⁹

⁹ Disponível em: <https://funerariasaoatheuspvh.webnode.page/velorio-online/> Acesso em 31/07/2023.

No entanto, a ausência de contato físico e a impossibilidade de realizar rituais de despedida resultaram em uma diminuição do conforto proporcionado por essas trocas afetivas, que se misturavam com o medo de novas perdas, contaminação pelo coronavírus e solidão. Todas essas situações se somam às incertezas causadas pela doença, especialmente quando os pacientes precisavam ser entubados e isolados. Esse momento representava o último contato com os pacientes antes da transferência para a UTI e, muitas vezes, eles retornavam em caixões lacrados, cercados por cordões de isolamento, seguido por um rápido sepultamento, o que aumentava a distância em relação aos seus entes queridos.

Entende-se que observar o corpo, tocá-lo, cumprir ritos de oração, passar o período noturno em estado de vigília junto ao falecido, adornar o espaço da sala de velório, compartilhar o consolo entre os presentes, prepara os envolvidos para o fechamento final do ciclo, marcado pelo lacrar do caixão e a cobertura com terra.

Os ritos de passagem como batismo, casamento e funeral estruturam e organizam a sociedade, bem como o compartilhamento e transferência de patrimônio financeiro e identitário, organizando o papel dos indivíduos na sociedade, suas tradições culturais, genealogia, estágio de maturidade, entre outros (Genep, 2011). Dessa forma, encerrar o processo conhecido como cova implica em encerrar e selar um ciclo que foi concluído, mesmo que de maneira traumática, por meio dos rituais que o antecederam. Portanto, a interrupção ou abreviação dos rituais resulta em perdas simbólicas irreparáveis, as quais são substituídas pelas redes sociais e pela temporariedade das postagens, porém sem a mesma força e significado que o ritual proporciona.

As mudanças nos rituais de despedida após a morte mencionadas anteriormente, juntamente com a iminência de novas perdas em um ritmo acelerado, relatadas pelos veículos de comunicação, ampliaram essas transformações nos rituais e na forma como as pessoas lidam com o luto. Isso ocorreu devido a três fenômenos: muitas mortes em um curto período, a impossibilidade de contato com pacientes mais graves no hospital e a suspensão dos velórios. Lidar com um aumento significativo de lutos que não puderam ser realizados de maneira tradicional, juntamente com o aumento contínuo dos casos de contaminação e mortes em tempo real, tornou-se um desafio.

A seção de comentários nos perfis de jornais e páginas oficiais que noticiaram o crescente número de mortos, divulgados gratuitamente, independentemente de o

usuário ter ou não assinatura do periódico que noticiava esses dados sobre o coronavírus, também se tornou um espaço para expressão de sentimentos, revolta com o poder público, troca de experiências e compartilhamento de histórias de vida.

É possível observar relatos semelhantes no Twitter e no Instagram. As mídias sociais têm desempenhado um papel cada vez mais relevante nos funerais e velórios, especialmente durante a pandemia do COVID-19. Elas proporcionam uma forma de conexão e compartilhamento de momentos de luto, mesmo à distância. Algumas contribuições das mídias sociais nesse contexto incluem transmissões ao vivo, que permitem a transmissão em tempo real de funerais e velórios para pessoas que não podem estar presentes fisicamente. Isso possibilita que familiares e amigos distantes participem virtualmente e acompanhem a cerimônia em tempo real.

Dessa forma, são realizadas as representações dos ritos funerários através do compartilhamento mediado por dispositivos tecnológicos, como smartphones e computadores. Isso resulta na ampliação da audiência, que deixa de ser restrita a familiares e amigos e passa a ser aberta, especialmente quando o perfil não possui restrições de acesso a muitas pessoas, muitas vezes desconhecidas. Debord (2007) teoriza sobre a sociedade do espetáculo, na qual os acontecimentos do dia a dia são transformados em espetáculos por si só. Observa-se, portanto, uma espetacularização das perdas nas redes sociais e um excesso de exposição da dor e do luto, como forma de substituir a vivência desses momentos no ambiente físico, conforme evidenciado na figura 4.

Figura 4: Velório online



Fonte: Nueva Vision¹⁰

Nesse sentido, a pesquisa netnográfica, analisa as dificuldades, dores e mudanças nas formas de se operacionalizar os ritos de passagem em função da COVID-19 e das mudanças sanitárias que impactaram os velórios. A mediação tecnológica e o uso das redes aparecem como ponto principal dessa mudança, por isso, a importância de se entender nos capítulos subsequentes a forma como essas mudanças ocorreram e como as pessoas passaram a compartilhar esses lutos.

¹⁰ Disponível em: <https://www.diarionuevavision.com/criterio/velorio-virtual/> Acesso em: 31/07/2023.

2 LUTO EM TEMPOS DA COVID-19: UM ADEUS SEM DESPEDIDA

2.1 Morte e luto no contexto pandêmico

A pandemia da COVID-19 teve um impacto profundo e possivelmente irreparável no relacionamento interpessoal com os doentes, além de impor novas formas de realizar ritos fúnebres. O aumento significativo no número de falecimentos, aliado à ausência dos ritos funerários católicos, levanta questões importantes, como a invisibilidade do morto e seu impacto na experiência do luto. Neste capítulo, vamos conceituar e discutir sucintamente o luto, considerando o contexto de quando ocorreu a pandemia, e como a falta de elaboração do luto é influenciada pelas restrições e proibições dos ritos fúnebres católicos. Geralmente, a morte é um tema tabu na sociedade em tempos de normalidade, porém, devido à pandemia ocorrida, ela se tornou mais evidente devido ao aumento alarmante de óbitos em um curto período, bem como as restrições e proibições das cerimônias funerárias.

Como mencionado na introdução, a morte se torna mais próxima de forma súbita em comparação com os padrões habituais. Segundo a cartilha da Fundação Oswaldo Cruz (2020), a morte repentina, inesperada e precoce é considerada complicadora para a elaboração do luto natural. No contexto da pandemia, o processo de luto torna-se complexo e sofre alterações significativas. É reconhecido que a interferência no processo de luto das pessoas envolvidas durante a pandemia ocorre devido às especificidades do contágio em questão, no qual as mortes são mais frequentes do que o habitual. Diante dessa complexidade e do perigo de contaminação, ocorre uma mudança abrupta nos rituais aos quais a sociedade estava acostumada. As restrições impostas aos rituais funerários inevitavelmente afetam o processo de luto, tanto para os familiares quanto para as redes de sociabilidade do falecido. Assim, a impossibilidade de ver o corpo, de identificá-lo como morto e de iniciar o processo de luto interrompe uma sequência "natural", pessoal e socialmente compreensível. O que permanece na memória é uma lembrança da vida e não da morte, criando uma sensação de suspensão da vida.

A situação imposta pela pandemia, caracterizada por hospitais sobrecarregados, escassez de leitos e de profissionais de saúde - muitos deles afastados devido a doenças e mortes causadas pela COVID-19 - apresenta não apenas o elevado risco de morte, mas também a dificuldade de realizar os rituais de

despedida, tanto durante a vida quanto após o falecimento, a fim de evitar a propagação do novo coronavírus. Essa realidade assemelha-se às mortes súbitas causadas por desastres, intensificando o receio de perdas múltiplas em uma mesma família, um cenário frequente durante a pandemia da COVID-19. Dessa forma, durante a pandemia, observa-se o processo de luto passando por desafios e características específicas.

A interferência, no curso convencional, do luto das pessoas envolvidas no cenário da pandemia decorre das características específicas da transmissão da doença, acarretando um aumento na frequência de óbitos em comparação com o que estamos habituados a enfrentar. Devido a sua natureza súbita, essa situação requer rituais distintos daqueles tradicionalmente reconhecidos pela sociedade. Conforme destacado na Cartilha elaborada pela Fundação Oswaldo Cruz (2020), é notável que, devido ao isolamento, a presença ao lado do paciente infectado e até mesmo os rituais de despedida, elementos cruciais no processo de luto, não podem ser realizados pelos entes queridos da maneira habitual.

No contexto de pandemia, a pesquisa de Torres (2021) intitulada "Luto: um adeus sem despedida em tempos de Covid-19" buscou encontrar alternativas para um processo de luto menos traumático em meio a maior vulnerabilidade desse cenário. A intensificação da dor pela perda nesse contexto decorre de diversos fatores, tais como: a) a morte ocorre de maneira abrupta e irreversível; b) as famílias são separadas de seus entes queridos devido ao contágio; c) a impossibilidade de realizar rituais fúnebres culturais e religiosos impede que os familiares possam lembrar e lamentar adequadamente a perda; d) a comunicação da morte muitas vezes é feita por alguém desconhecido, resultando em informações imprecisas sobre o ocorrido, e as famílias podem não ter acesso aos pertences do falecido (Centro Nacional de Transtorno de Estresse Pós-Traumático, 2020 citado por Torres, 2021).

Dentro desse contexto de infecção, aqueles que estão enlutados enfrentam desafios adicionais, os quais tornam o processo de luto ainda mais complexo. Além de não terem a oportunidade de se despedir e participar de rituais fúnebres, os enlutados também são privados do contato físico com indivíduos que normalmente ofereceriam apoio emocional e social, o que torna mais difícil receber consolo e validação para o seu estado de sofrimento pela perda (Torres *et al.*, 2020). Os autores sugerem alternativas para ajustar o processo de luto, propondo o uso de tecnologia, como reuniões por videochamada, mensagens de voz e a criação de memórias online.

2.1.1 Morte e luto no contexto de isolamento social

O processo de luto, intrinsecamente ligado à morte, pode ser entendido como uma resposta reativa e indispensável diante da perda de uma relação ou do contato com outra pessoa. Conforme Puigarnau (2010), o luto representa uma experiência de fragmentação da identidade originada pela quebra de um vínculo afetivo. Essa vivência multidimensional impacta não apenas o corpo e as emoções, mas também as relações interpessoais, a relação consigo mesmo, assim como a cognição, as crenças, os pressupostos e o mundo interno existencial e espiritual (Puigarnau, 2010 citado por Pereira, 2014).

Segundo Puigarnau (2010), o processo de luto se manifesta por meio de uma diversidade de comportamentos e experiências relacionadas à perda, visando processar a informação traumática. Esses aspectos abrangem sentimentos como tristeza e raiva, sensações físicas como vazio no estômago e fraqueza muscular, confusão, preocupação, choro e distúrbios do sono. É relevante destacar a presença do luto antecipatório, um processo elaborado por familiares e amigos antes da morte "esperada" do ente querido. Isso implica na possibilidade de se preparar para a perda e vivenciar o luto antes mesmo da ocorrência efetiva da morte, embora tal antecipação não assegure uma elaboração mais eficaz ou menos dolorosa do que se ocorresse após a morte.

A definição do luto e a forma como ele é vivenciado em diferentes culturas, tanto de maneira individual quanto comunitária, proporciona uma compreensão de que o luto é uma fase natural e necessária na vida humana. Isso ocorre para que as pessoas consigam lidar com a ausência e a morte, diante das intensas emoções que envolvem a perda de entes queridos, tais como revolta, tristeza, raiva, tentativa de negação da situação e, por fim, aceitação. Quando o luto é vivenciado integralmente, esse processo auxilia na reconstrução emocional e no retorno às atividades do dia a dia, contribuindo para a organização da vida e superação do sofrimento emocional relacionado à ausência e à perda. A forma como o luto é vivenciado e elaborado depende de variáveis socioculturais, pois em cada ritual de luto a dor e sua resignificação são expressas de maneira distinta.

A elaboração do luto é permeada por diferentes estados, de acordo com Kübler-Ross (2017), uma das pioneiras na percepção da negação da morte e seus

desdobramentos. Ela identifica cinco fases principais: 1) Estágio de negação e isolamento; 2) Raiva; 3) Barganha; 4) Depressão; 5) Aceitação. Em seu livro, Kübler-Ross relata a experiência de pacientes com doenças terminais, identificando os estágios vividos pelo paciente e seus familiares diante da morte. Mesmo com essa vivência, é interessante notar que a esperança de vencer a morte permanece até o momento final. Essas fases podem ser relacionadas com as reações emocionais durante o processo de luto.

A primeira fase, conhecida pelo sentimento de negação e de isolamento, consiste no recebimento da notícia da morte. Nessa fase, a pessoa que recebeu a notícia é impactada e não quer aceitar a perda. Para começar a aceitar passa-se pela raiva, pela barganha e pela depressão.

O estado de raiva, de acordo com a autora, se faz presente quando se percebe que o ente querido não voltará, gerando assim sentimentos de raiva e de impotência por não ter o que se possa fazer pois não aceita ter que passar por isso. Esse inconformismo tende a aparecer nas relações sociais, mas desde que não seja em excesso e/ou durante muito tempo, é normal.

O estágio seguinte é o da barganha, no qual o enlutado tenta uma barganha com a entidade divina que ele acredita, como se essa entidade pudesse fazer a pessoa voltar à vida. Kübler-Ross (2017) relata como o 4º estágio, a fase de depressão, que se caracteriza como um estado de solidão e tristeza. Esse estado é muito comum para a preparação de aceitação.

Bowlby (1990), assim como Kübler-Ross (2017), identifica as características de cada fase do luto da seguinte maneira:

a) Aflição, negação da realidade e desespero, que podem se manter por horas ou semanas. A primeira fase também pode incluir entorpecimento ou choque, que são manifestações da segunda fase;

b) Desejo e busca da presença da pessoa perdida, que pode permanecer por longo tempo;

c) Terceira fase, com sentimentos de raiva e culpa que levam o enlutado a uma desorganização e desespero.

Após vivenciar esse momento de perda, dor e tristeza, o enlutado passa por um processo de reorganização que permite a elaboração mais saudável do processo do luto.

Apresentados os estágios do luto, faz-se necessário destacar que os estudos

atuais trouxeram uma nova compreensão no enfrentamento desse processo, com vivências que não são consideradas como fases, ou seja, não são lineares e podem não acontecer nessa ordem. Existem possibilidades de manifestações dos que vivenciam o processo do luto. Então, não é possível considerá-las como um mapa, sua ocorrência nesta sequência não é regra, pois cada indivíduo se expressa de maneira distinta.

De acordo com Parkes (1998) o luto se caracteriza por alternância episódica de ansiedade e dor aguda. O enlutamento é uma resposta normal e natural à perda de alguém significativo em nossas vidas. Descreve-se assim o luto como uma adaptação, no qual a pessoa enlutada passa por uma série de emoções e processos psicológicos.

Os episódios de dor intensa podem ser desencadeados por diversos fatores, como lembranças vívidas de pessoas falecidas, manifestações de dados, objetos pessoais ou locais associados à pessoa, entre outros. Durante esses momentos, uma pessoa enlutada pode experimentar uma sensação avassaladora de tristeza, solidão, desespero e angústia. A dor emocional pode ser tão intensa que se manifesta fisicamente, com sintomas como aperto no peito, falta de ar, palpitações e sensação de vazio.

A ansiedade é um sintoma recorrente durante o luto. A pessoa enlutada pode sentir uma preocupação constante, muitas vezes relacionada à perda sofrida, a não aceitação do luto e a reflexão acerca do próprio futuro, bem como da finitude e da fragilidade humana. A ansiedade pode se manifestar com sintomas de inquietação, insônia, dificuldade de concentração, pensamentos intrusivos, dificuldade de realização de atividades rotineiras, entre outros.

Parkes (1998) enfatiza a importância de reconhecer e compreender esses episódios agudos de dor e ansiedade no processo de luto. Por isso, essas reações são normais e fazem parte do caminho em direção à adaptação e à cura emocional. Além disso, há uma importância do apoio emocional e social durante o luto, pois isso pode ajudar a pessoa enlutada a enfrentar esses episódios de dor e ansiedade, permitindo que ela processe sua perda e se ajuste à vida sem a presença física do ente querido.

Conforme mencionado anteriormente, o processo de luto pode se manifestar de diversas maneiras, mas um aspecto comum para muitas pessoas são os atos religiosos e rituais como uma forma de reequilibrar suas vidas e lidar com a perda de

um ente querido. Ao conseguir elaborar o luto, especialmente por meio da realização dos rituais de passagem e outras práticas culturais que sustentam a crença na transcendência do ser, é possível avançar para a etapa seguinte, que é a aceitação. Após experimentar sentimentos como revolta, tristeza, raiva, lamento e inveja daqueles que ainda têm seus entes queridos, geralmente chega-se à fase de aceitação. Nesse momento, há mais tranquilidade e menos idealização do retorno dos entes perdidos. A pessoa começa a retomar uma rotina mais organizada, se reintegrando socialmente e retomando suas atividades habituais. É nesse momento que ocorre a ressignificação do luto de forma análoga.

A pandemia da Covid-19 provocou mudanças significativas nos processos de elaboração do luto e nos rituais que o acompanham. Essa situação pode ser considerada uma contingência que alterou rapidamente esses aspectos. O deslocamento ocorre devido ao confronto entre o momento de crise e a falta de despedida e ritos de passagem, com as regras estabelecidas e as manifestações espontâneas ou aprendidas, que são fundamentais para a saúde mental, a continuidade da vida, o entendimento do processo de morrer e a perda de pessoas importantes. Nesse sentido, há um choque cultural e um estado de fronteira que coloca em negociação comportamentos e valores, mesmo que isso não seja reconhecido de forma clara e imediata. Mesmo sem uma reflexão imediata e revisão dos valores estabelecidos na ordem original da sociedade, esse estado de fronteira coloca em negociação comportamentos e valores, mesmo que isso não seja pensado claramente.

As contradições culturais são estudadas nas Performances Culturais, e o foco dessas relações está naquilo que está em disputa. No caso do luto, levanta-se a hipótese de que a disputa está relacionada ao direito de se despedir, de estar próximo e de ter um último contato com aqueles que faleceram, independentemente da causa da morte. No entanto, em momentos de emergência e alerta social, torna-se uma regra a extinção de qualquer velório.

De acordo com Schechner (1985), antropólogo que estuda a cultura, suas dinâmicas e processos rituais, entende-se que não há uma hierarquia precisa de importância e significação entre pensamento científico e mítico ou religioso. Ambos são fundamentais para que o sujeito signifique e compreenda o mundo, a si mesmo e sua própria existência.

Esse é apenas um exemplo de como as manifestações simbólicas e os ritos

sofrem constantes deslocamentos. Outro aspecto que deve ser ressaltado é que não existem rituais que não são de passagem. Todo ritual implica em mudança, fluxo e transformação. Os limites não são rígidos entre um momento e outro. Razão e emoção, estados de espírito diversos se unem em processos sinestésicos que marcam a experiência. Seja em um batismo, casamento, aniversário ou funeral, pressupõe-se mudanças em maior ou menor grau nos próprios indivíduos que os realizam e/ou compartilham. Pode-se dizer assim, que os rituais são manifestações comportamentais aprendidas culturalmente e repetidas para cumprir determinados fins.

2.2 Cerimônias virtuais como espaço memorial do luto

Desde os primeiros dias da existência humana, o ser humano sempre buscou meios para se comunicar, iniciando, conforme registros históricos, com representações visuais em cavernas. Ao viver em comunidade, ao longo do tempo, ele procurou e refinou métodos que facilitassem a compreensão do que desejava transmitir. Assim, diversos meios de comunicação foram se desenvolvendo ao longo dos anos, como a carta, a máquina de escrever, o telefone, o rádio, a televisão e o computador.

Esses dispositivos de comunicação foram evoluindo rapidamente, proporcionando aos usuários acesso ágil à informação, além de oferecer possibilidades de interação e entretenimento. No contexto atual, podemos afirmar que vivemos em uma era tecnológica, caracterizada pelo avanço predominante da Internet, que busca se popularizar e tornar-se de fácil alcance para os usuários (Rudiger, 2011). A Internet, como afirma Veronezzi (2002, p.117) “nasceu queimando etapas”, se comparada aos diferentes meios de comunicação tradicionais.

As mídias sociais desempenham um papel cada vez mais significativo na expressão e compartilhamento de experiências emocionais, incluindo o luto. O luto é um processo complexo e individual que envolve a adaptação a uma perda significativa, seja a morte de um ente querido, o término de um relacionamento ou outras formas de perda. Nos últimos anos, as mídias sociais têm se tornado um espaço memorial onde as pessoas expressam, compartilham e vivenciam o luto de maneiras únicas. Nesse contexto, alguns aspectos precisam ser considerados, como

se expõe a seguir.

Muitas pessoas recorrem às mídias sociais para expressar suas emoções durante o luto. Publicar pensamentos, sentimentos e memórias sobre o falecido pode oferecer uma saída emocional e proporcionar um senso de conexão com outros que estão passando pelo mesmo processo. Além disso, as plataformas de mídia social permitem que as pessoas compartilhem memórias, fotos e vídeos relacionados à pessoa falecida. Isso cria um espaço virtual onde amigos e familiares podem se reunir para celebrar a vida do ente querido e lembrar momentos especiais.

Ademais, o luto pode ser um processo isolador, mas as mídias sociais oferecem a oportunidade de construir uma rede de apoio online. Pessoas que estão enfrentando situações semelhantes podem se conectar, oferecer conforto mútuo e compartilhar conselhos sobre como lidar com o luto. As postagens nas mídias sociais podem servir como uma forma de tornar longa a memória do falecido. Amigos e familiares podem continuar a compartilhar lembranças e homenagens ao longo do tempo, criando um espaço virtual duradouro para recordar e honrar a pessoa que se foi. Sobre as memórias virtuais, algumas plataformas oferecem recursos específicos para criá-las, em que amigos e familiares podem se reunir para compartilhar lembranças, fotos e mensagens. Esses espaços facilitam o processo de recordação e apoio mútuo.

Em resumo, as mídias sociais têm se tornado um espaço significativo para a expressão do luto, proporcionando uma possibilidade de compartilhamento, apoio emocional e preservação da memória. No entanto, é importante reconhecer que as experiências de luto são altamente individuais e o uso das mídias sociais nesse contexto pode variar de pessoa para pessoa.

Com a Pandemia da COVID-19 houve mudanças significativas nas formas de se vivenciar os tipos de luto. Utilizamos tipos de luto, pois há o *luto privado* e o *luto público*, descritos por Franco (2021). O autor explicita o luto coletivo da seguinte maneira:

O luto coletivo não precisa ser público para ser vivenciado, pois o senso de pertencimento a uma coletividade, a um grupo, a um ideal comum a outras pessoas é o que define como tal. Além desse cuidado na distinção, destaco que o luto coletivo não supre as necessidades de experiência de um luto individual, pois não se trata de uma questão quantitativa, mas sim de pertencimento (Franco, 2021, p.41).

O luto coletivo na nossa sociedade é compreendido pelo rito fúnebre do velório

(onde coloca-se o morto em um caixão e se reza por um determinado tempo para aquela pessoa) e, posteriormente, o enterro ou cremação do ente querido. Com a pandemia, teve-se que adotar medidas sanitárias visando a não propagação do vírus e houve uma limitação e até uma restrição dos ritos fúnebres. Franco (2021) destaca que o luto público se trasladou para a internet devido às medidas sanitárias adotadas e que, com a expansão das redes sociais, passou-se a utilizar recursos online para ter ainda a sensação de pertencimento, de coletividade.

A Covid-19 teve um impacto substancial na vida das pessoas, principalmente dos enlutados, já que mudou totalmente o seu cotidiano. Houve também uma dificuldade em se reconectar com a pessoa falecida antes e depois da morte. Para tentar estabelecer laços com o ente falecido surgiram novas formas de rituais, como por exemplo, a utilização das redes sociais para expressão da dor.

As redes oferecem suporte para as pessoas que se encontram em isolamento. Estabelece-se assim uma rede de apoio na interação com aqueles que tinham convivência com o falecido. Oferece-se apoio e consolo, fato este que ajuda de alguma maneira a passar pelo luto (Gomes *et al.* 2022).

De acordo com Peralta (2007), a memória desempenha um papel essencial como uma representação compartilhada do passado, estabelecendo um vínculo de pertencimento entre os membros de um grupo com base em sua história coletiva. Essa memória coletiva, não apenas transmite uma sensação de imutabilidade, mas também fortalece os valores e conceitos do grupo ao qual as memórias se referem. Embora a memória possa parecer ser um fenômeno individual, é crucial reconhecê-la como uma construção social e coletiva.

Partindo dessa compreensão e seguindo a interpretação de Nora (1993) sobre os *lugares de memória* - locais projetados para evocar o passado e transformar o intangível em tangível -, podemos concluir que os memoriais online, especialmente durante a pandemia, funcionam como uma forma de mitigar a dor e a confusão das famílias que perderam entes queridos sem a oportunidade de se despedirem de forma adequada. Além disso, esses memoriais se transformam em espaços de lembrança e solidariedade, oferecendo um local para compartilhar memórias e expressar apoio mútuo.

Assim, através da utilização do memorial online denominado *In Memorium*¹¹,

¹¹ Memorial **online** se encontra disponível em: <https://www.inmemorium.pt/>

indivíduos foram capacitados a compartilhar lembranças e prestar tributos a entes queridos falecidos. Essa plataforma é resultado de uma parceria entre a “Associação de Melhoramentos e Bem-Estar Social de Areias” e a “Forevermissed.com”, oferecendo uma ampla gama de opções tanto online quanto offline para celebrar o luto e homenagear familiares e amigos. A criação de um memorial virtual é rápida e simples, permitindo a personalização do site com temas, a redação de epitáfios e a seleção das preferências de privacidade. Além disso, os usuários podem acrescentar e compartilhar histórias, tributos, músicas, vídeos, fotos e memórias a qualquer momento e em qualquer lugar. A promoção da construção colaborativa do memorial virtual é evidente, e tanto a versão gratuita quanto a premium não incluem publicidade.

É uma instituição de solidariedade social, de utilidade pública e sem fins lucrativos, que desenvolve a sua ação de apoio à família, nos concelhos de Ferreira do Zêzere e Tomar. Criado em 2008 por Oleg Andelman, este site é um local onde as pessoas podem criar um memorial online para coletar e compartilhar memórias das pessoas que perderam.

Para uma análise mais aprofundada sobre a utilização dos memoriais virtuais, podemos observar o contexto brasileiro. Durante a pandemia, o país foi duramente afetado, com medidas de contenção sendo implementadas de forma tardia e insuficiente, o que resultou em um rápido aumento no número de infectados e de óbitos relacionados à COVID-19. Desde o início da crise sanitária, o Brasil ultrapassou a marca de 150 mil mortes e registrou mais de três milhões de casos confirmados do novo coronavírus, tornando-se o segundo país com maior incidência de casos e mortes no mundo.

Devido ao elevado número de óbitos, houve um colapso no sistema funerário em várias regiões, levando à abertura de valas comuns em diversos cemitérios. No entanto, apesar dos desafios políticos e sociais enfrentados internamente, é importante destacar que o país seguiu as diretrizes da Organização Mundial da Saúde (OMS) no que diz respeito aos cuidados com os falecidos, às cerimônias fúnebres e aos procedimentos de sepultamento.

Diante desse cenário, surgiu no Brasil o “Inumeráveis”, um memorial online dedicado às histórias das vítimas da COVID-19. Idealizado pelo artista Edson Pavoni em colaboração com jornalistas e voluntários, o site proporciona um espaço para homenagear e celebrar cada vida perdida para além das estatísticas. O objetivo é conferir identidade às vítimas, permitindo que permaneçam vivas na memória

daqueles que ficaram, em vez de serem apenas números em relatórios estatísticos.

Para contribuir com o acervo do memorial, familiares e amigos dos falecidos têm diferentes opções disponíveis. Eles podem redigir uma homenagem pessoal, preencher um questionário fornecido ou até mesmo enviar um áudio via WhatsApp com informações sobre o homenageado para um dos jornalistas associados, que então compilará um *texto tributo* para ser incluído na plataforma.

Além disso, existe a possibilidade de um jornalista, seja ele profissional formado ou estudante, realizar entrevistas com familiares dos homenageados para elaborar suas histórias e publicá-las. Também é permitido adicionar histórias previamente publicadas em outras plataformas, desde que os créditos sejam devidamente atribuídos e que seja incluído o link para a plataforma original.

É perceptível que muitas das homenagens consistem em relatos biográficos que descrevem os caminhos de vida dos falecidos e ressaltam a importância deles em suas redes familiares e de amigos. As palavras *tristeza*, *saudade*, *luta* e *descanso* são frequentemente encontradas nessas homenagens, evidenciando os sentimentos compartilhados pelos que ficaram.

Em setembro, o Crematório e Cemitério da Penitência, no Rio de Janeiro, Brasil, inaugurou o Memorial In-Finito, marcando o primeiro memorial dedicado aos falecidos pela COVID-19. A escultura, feita de aço oxidado, assume a forma de ondas, estendendo-se por cerca de 40 metros e pesando três toneladas. Com seus desenhos em espiral e linhas circulares, a obra busca transmitir a noção de eternidade. Crisa Santos, a mente por trás do memorial, menciona que o projeto pode servir de modelo para outros cemitérios.

A morte social não coincide instantaneamente com a morte física; é um processo que demanda tempo, especialmente em circunstâncias traumáticas, como ocorreu durante a pandemia. Muitos enlutados só percebem a realidade da perda após o funeral, o enterro ou a cremação, marcando o momento final da morte. Os rituais fúnebres desempenham um papel crucial na sensação de encerramento, na preservação da memória e na elaboração do luto. Quando esses rituais são interrompidos ou inadequadamente realizados, a aceitação da perda torna-se difícil, potencialmente desencadeando problemas psicológicos sérios.

No entanto, com as opções não convencionais para homenagear e recordar os falecidos, como os memoriais online, uma nova forma de memorial pode surgir. A qualquer momento, utilizando apenas um dispositivo com acesso à internet, é possível

lembrar e prestar homenagens aos que partiram, fornecendo um novo espaço de memória e consolo para os enlutados.

A transição da vida social para a morte não é instantânea como a morte física, mas sim um processo que se desenrola ao longo do tempo. Em momentos de trauma, como o que vivenciamos durante a pandemia, esse processo se torna ainda mais desafiador, dificultando a aceitação do luto. Para muitos, é somente após os rituais funerários, como o funeral, enterro ou cremação, que a realidade da perda realmente se estabelece, marcando o encerramento do ciclo da vida. Isso evidencia a importância dos rituais fúnebres, não apenas como forma de encerramento, mas também como mecanismo para preservar a memória do ente querido e ajudar na elaboração do luto. Quando esses rituais não ocorrem conforme o esperado, o processo de aceitação torna-se mais difícil, podendo desencadear complicações psicológicas significativas.

No entanto, com o surgimento de alternativas não convencionais para homenagear e recordar os falecidos, como os memoriais online, uma nova forma de preservar a memória dos entes queridos está emergindo. Esses espaços virtuais permitem que as pessoas lembrem e honrem seus entes queridos a qualquer momento, apenas com um dispositivo conectado à internet. Essa evolução na maneira de lidar com a memória dos falecidos pode moldar um novo paradigma de como enfrentamos o luto e preservamos as conexões com aqueles que partiram.

3 RELATOS DE LUTO E ANÁLISE PELO MÉTODO NETNOGRÁFICO

3.1 Método etnográfico e netnográfico

A etnografia é considerada um método utilizado pela antropologia, consistindo em uma forma de sistematização de relatos, cadernos de campo, fotos, vídeos e dados de uma pesquisa feita de forma imersiva acerca de culturas ou subculturas. Embora tenha aplicabilidades distintas, essa área expandiu suas atuações ao longo dos anos, com início nos estudos de culturas tradicionais e de alteridade, alcançando campos de investigação de subculturas e nichos diversos como jogadores *gamers*, artistas de rua, entre outros (Polivanov, 2013).

Sendo assim, a etnografia é aplicada em diversas áreas de estudo, tais como a história e a comunicação. Nesse sentido, o papel do pesquisador que se debruça em estudo de campo é fazer o que Geertz (1978) chama de *descrição densa*. Esta, significa entender os ritos, símbolos, hierarquias sociais, formas de construção de sentido, gestos, organização do espaço e uma infinidade de elementos constitutivos de uma cultura, não pelo viés da visão de mundo do etnógrafo ou de um contato superficial e imediato, mas do entendimento das redes semânticas e funções dadas a quem as pratica e as mantém, bem como as formas com que tais práticas se modificam ao longo do tempo. Ademais, deve-se levar em conta que não existe observação sem imersão e/ou intervenção. Observar por si só, segundo Polivanov (2013), é uma forma de interferir, entender o outro e construir um relato investigativo a partir disso, mesmo que não haja uma participação direta em entrevista ou diálogo.

O local ou campo foi expandido na contemporaneidade para além de espaços físicos, pois a comunicação mediada alterou os usos e funções do espaço onde se acrescentou virtualidades e outras formas de interação, até então desconhecidas.

O etnógrafo levanta, mas se encontra em sua casa, liga o computador, digita o endereço da comunidade virtual no browser e já está no campo. Lá, já transcritos e em farta quantidade, estão os discursos dos membros da comunidade. Uma comunidade da internet, cujo interesse comum é o consumo de algo. Opiniões, reclamações, dicas, sugestões, palpites. Um conjunto de discursos permeando o mesmo tema. Sujeitos de pesquisa: homens, mulheres e anônimos. Uma coleta de dados de pesquisa pronta e praticamente organizada para a análise do pesquisador (Noveli, 2010, p. 108-109.)

Essa premissa defende a aplicação do método etnográfico e o uso da

netnografia como ferramentas de pesquisa para compreender as interações simbólicas mediadas pela tecnologia, como no ciberespaço. Surge, então, a questão sobre a necessidade de adaptar o método etnográfico e utilizar termos como netnografia, considerando que a comunicação nas redes é realizada por seres humanos, com mediação tecnológica, e que a presença digital e virtualização da vida são realidades incontestáveis.

Entende-se, portanto, que ao contrário do que se pensava sobre uma suposta divisão entre o mundo real e o virtual, há na verdade uma ampliação das relações com mudanças no espaço e no tempo proporcionadas pela mediação tecnológica. Isso significa que a internet e as redes sociais aproximam as pessoas, os objetos de comunicação e criam linguagens e interculturalidades que afetam de forma interativa a maneira como as pessoas se comportam, se expressam e se comunicam tanto nas redes quanto fora delas, no chamado mundo offline. As notícias e comentários de jornais de todo o mundo são difundidos em tempo real aos usuários, que são impactados por seus conteúdos. As relações de trabalho mediadas pelas tecnologias também foram modificadas por esse processo, assim como o entretenimento, as expressões religiosas e uma variedade de situações de troca e participação.

Os mundos, online e offline, não são necessariamente realidades separadas – mundo real versus mundo virtual – mas podem ser considerados um continuum da mesma realidade. De tal forma, o pesquisador deve desenvolver técnicas que o permita analisar esse continuum. Nesse sentido, é interessante notar que, dentre as comunidades ou os grupos que um pesquisador viria a estudar, pode-se destacar os puramente virtuais, ou seja, que são socialmente criadas no ambiente virtual; as que são construídas tanto online quanto offline; e as que são construídas puramente offline, ou seja, no ambiente físico (Noveli, 2010, p. 109).

O autor menciona três dimensões como campos distintos, pois a interseção de experiências e espaços são objetos de estudo. A compreensão dos rituais, em muitos casos, deve considerar a indissociabilidade e continuidade desses locais de interação, como foi observado durante a pandemia de COVID-19. A pandemia acelerou essas dinâmicas de interação, que já estavam estabelecidas, mas o isolamento social para prevenção do contágio pelo vírus levou as relações para o ciberespaço, incluindo consultas médicas e psicológicas, ensino e aprendizagem, divulgação de pessoas, profissionais e empresas, além do ritual do luto, que é objeto da presente pesquisa.

Por esse motivo a chamada *etnografia virtual* ou *netnografia* vem ganhando relevância. Ela se propõe a adaptar os métodos do estudo etnográfico às realidades

do ciberespaço, seja nas relações de consumo, trabalho, afetividade e na substituição e/ou expansão de rituais para esse ambiente.

Considera-se assim que esse *continuum* de vivências e interações na internet e suas implicações na vida das pessoas podem ser estudados com profundidade, mesmo que apenas na observação, sem que haja diálogo direto, pois assim como na etnografia, a netnografia é também uma intervenção. Como citado anteriormente na introdução da presente dissertação, o termo escolhido para a pesquisa é *netnografia*.

A definição de netnografia tem mudado ao longo do tempo. Inicialmente, não se tratava de um método em si, mas de uma "descrição por escrito de uma cultura online instruída pelos métodos da antropologia cultural" (Kozinets, 1997, p. 470), que são, por excelência, abrangidos pela etnografia. [...] Posteriormente, seu recorte foi se tornando mais específico, e suas características detalhadas, sendo tratada como uma metodologia qualitativa, concebida para investigar comportamento de consumo de culturas e comunidades presentes na internet, como adendo à definição anterior (Noveli, 2010, pp. 114-115).

Além de ser utilizada para pesquisas sobre consumo, a netnografia também tem sido amplamente adotada para análise do comportamento de comunidades online e das trocas simbólicas em redes sociais, entre outros aspectos. Assim, a netnografia é tanto um método quanto um resultado investigativo de pesquisa, que registra experiências e comportamentos culturais online, a internet funciona como um mecanismo de mediação e interatividade, ao mesmo tempo que é o resultado desses diálogos que constantemente recriam os espaços e formas de comunicação (Evans, 2010).

Considera-se que a pandemia deslocou o espaço de compartilhamento de dores e ressignificação dos lutos para os comentários de notícias acerca da propagação de número de mortos pela COVID-19, assim como para as páginas de Instagram que postam manchetes que envolvem interações por meio de curtidas e comentários dos usuários. Outra rede muito utilizada foi o Antigo Twitter, atualmente intitulado X e o YouTube, como plataforma de transmissão de cortejos e hospedagem de vídeos de homenagens¹².

Para dar conta de analisar todo esse conteúdo lançou-se mão da netnografia por considerar que esta ferramenta permite adentrar o digital e interpretar as

¹² As redes sociais, embora tenham sido muito utilizadas pelos familiares durante a pandemia, não foram incluídas no corpus de análise, pois este já estava extenso. Optou-se assim pelos espaços memoriais e comentários das notícias.

interações que, embora sejam imateriais, possuem na produção e/ou compartilhamento pessoas que desejam expressar seu luto, buscar redes de apoio, dialogar e repetir padrões que se recriam nas redes sociais ou sites. É possível ainda que novas formas de expressão, bem como de alcance de pessoas e diálogo se forme nessas dinâmicas.

A historicidade pode ser verificada com o método, embora as mudanças e fluxos de interação nas redes sejam muito dinâmicos. A netnografia, dessa forma, permite análises em profundidade de interações que marcam a contemporaneidade, principalmente a vivência no ciberespaço e aspectos da cibercultura. É preciso, no entanto, olhar para esses locais como uma continuidade das relações presenciais, com suas proximidades e singularidades.

De acordo com Augé (1994), desde que haja troca simbólica, identitária e relacionamento interpessoal, a espacialidade, mesmo que virtual, ganha historicidade. De acordo com o autor, entende-se que a própria globalização e a contemporaneidade produzem uma virtualização da vida e, com isso, surgem lócus de interatividade que não podem ser classificados em si como espaços físicos geograficamente definidos. São locais compartilhados por pessoas em diversos pontos do mundo a partir da mediação via dispositivos tecnológicos.

3.2 Tabela das matérias selecionadas nos jornais online: Folha de São Paulo, O Globo e O Popular

Conforme mencionado anteriormente, as matérias e postagens dos memoriais virtuais dos jornais “Folha de São Paulo”, “O Globo” e “O Popular”, constituintes do *corpus* de análise da presente pesquisa, foram organizadas e enumeradas com suas devidas referências abaixo para, em seguida, serem citadas e analisadas de acordo com os autores das Performances Culturais e do ritual funeral.

Nessa seção foi apresentada a tabela das matérias selecionadas dos jornais online. Constam todas as reportagens e relatos publicados em espaços memoriais de luto dos próprios jornais, conforme explicitado na divisão da tabela. O critério de seleção foi a identificação de temáticas pertinentes aos eixos centrais de investigação do trabalho, ou seja, matérias e relatos que expressaram a relação das pessoas com a perda de entes queridos, a supressão do ritual funeral e as mudanças nas formas com que eles adotaram para lidar com o luto.

Tabela 1: Matérias escolhidas para análise

Item	Jornal	Data	Título	Fonte/ Link de acesso
01	Folha de São Paulo	18/3/2021 Atualizado: 6/4/2021	Leia relatos daqueles que perderam pessoas queridas.	https://www1.folha.uol.com.br/paineldoleitor/2021/03/l-eia-relatos-daqueles-que-perderam-pessoas-queridas-para-a-covid.shtml
02			Mortes por Covid deixam marcas em pais e filhos de vítimas	https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2023/03/mortes-por-covid-deixam-marcas-em-pais-e-filhos-de-vitimas.shtml
03		10/4/2021	Coronavírus obriga famílias a enterrar seus parentes à noite em SP	https://agora.folha.uol.com.br/sao-paulo/2021/04/coronavirus-obriga-familias-a-enterrar-seus-parentes-a-noite-em-sp.shtml
04		27/2/2021	Conheça as histórias de famílias que encaram o luto e batalham pela vida na pandemia	https://agora.folha.uol.com.br/sao-paulo/2021/02/conheca-as-historias-de-familias-que-encaram-o-luto-e-batalham-pela-vida-na-pandemia.shtml
05			Coronavírus priva famílias de importantes rituais do luto Cidades limitam ou proíbem velórios;	https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/04/coronavirus-priva-familias-de-importantes-rituais-do-luto.shtml
06			A dor da falta de despedida em tempos de isolamento social	https://www.folhape.com.br/noticias/a-dor-da-falta-de-despedida-em-tempos-de-isolamento-social/136817/
07		2/4/2020	Coronavírus faz famílias recorrerem a velórios online e transforma processo de luto	https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/04/coronavirus-faz-familias-recorrerem-a-velorios-online-e-transforma-processo-de-luto.shtml
08		20/4/2020	Grupo resgata memórias de vítimas	https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/04/grupo-resgata-

			da Covid para garantir direito ao luto	memorias-de-vitimas-da-covid-para-garantir-direito-ao-luto.shtml
09		2/6/2020	Famílias reclamam de regras de funeral sob Covid-19	https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/06/familias-reclamam-de-regras-de-funeral-sob-covid-19.shtml
10		8/8/2020	Brasil dos cem mil mortos por Covid toca a vida assombrado por vazios	https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/08/brasil-dos-cem-mil-mortos-por-covid-toca-a-vida-assombrado-por-vazios.shtml
11		16/5/20	Santinhos virtuais e apoio psicológico ajudam no luto da covid 19	https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/05/santinhos-virtuais-e-apoio-psicologico-ajudam-no-luto-da-covid-19.shtml
12		14/4/2020	Coronavírus priva famílias de importantes rituais do luto	https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/04/coronavirus-priva-familias-de-importantes-rituais-do-luto.shtm
13		5/5/2020	Ceará medita medidas de isolamento, Fortaleza instala contêiner para cadáveres	https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/05/ceara-aperta-medidas-de-isolamento-e-fortaleza-instala-conteiner-para-cadaveres.shtml
14		2/11/2020	Em SP, isolamento não é fator chave para explicar alta ou queda de casos de Covid-19	https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/11/em-sp-isolamento-nao-e-fator-chave-para-explicar-alta-ou-queda-de-casos-de-covid-19.shtml
15		10/10/2020	Em Florínea, moradores com Covid-19 são hostilizados	https://temas.folha.uol.com.br/o-brasil-das-varias-pandemias/florinea/em-florinea-moradores-com-covid-19-sao-hostilizados.shtml

16		31/10/20		https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/10/dia-de-finados-na-pandemia-por-que-mesmo-no-isolamento-e-importante-homenagear-quem-se-foi.shtml
17		30/3/21	no-pior-momento-da-pandemia-sp-suspende-enterros-em-cemiterio-por-falta-de-espaco.	https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/03/no-pior-momento-da-pandemia-sp-suspende-enterros-em-cemiterio-por-falta-de-espaco.shtml
18		7/4/21	total-de-mortes-em-sp-ja-e-quase-igual-ao-numero-de-nascimentos	https://agora.folha.uol.com.br/sao-paulo/2021/04/total-de-mortes-em-sp-ja-e-quase-igual-ao-numero-de-nascimentos.shtml
19		1/9/22	acompanhe-as-informacoes-sobre-a-pandemia-de-coronavirus-no-mundo	https://aovivo.folha.uol.com.br/mundo/2022/01/11/6098-acompanhe-as-informacoes-sobre-a-pandemia-de-coronavirus-no-mundo.shtml
20	O Popular	04/5/20	Pandemia acelera rito fúnebre em Goiás	https://opopular.com.br/economia/pandemia-acelera-rito-funebre-em-goias-1.2047174
21		12/4/20	Coronavírus: Família não consegue enterrar aposentado na cidade em que morava em Goiás	https://opopular.com.br/cidades/coronavirus-familia-n-o-consegue-enterrar-aposentado-na-cidade-em-que-morava-em-goias-1.2033944
22		8/10/21	Mortes na pandemia de Covid provocam luto anormal, dizem pesquisadoras O Popular	https://opopular.com.br/cidades/mortes-na-pandemia-de-covid-provocam-luto-anormal-dizem-pesquisadoras-1.2333771
23		25/3/21	Um ano após 1ª morte de Covid-19 em Goiás, família continua a enfrentar desafio do luto O	https://opopular.com.br/cidades/um-ano-apos-1-morte-de-covid-19-em-goias-familia-continua-a-enfrentar-desafio-do-luto-1.2219064

			Popular - Veja mais em:	
24		3/6/20	Corona vírus em Goiás interrompe 602 histórias em 100 dias	https://opopular.com.br/cidades/coronavirus-em-goias-interrompe-602-historias-em-100-dias-1.2079834
25		16/7/21	Covid 19 mata 20 mil pessoas em Goiás	https://opopular.com.br/cidades/covid-19-mata-20-mil-pessoas-em-goias-1.2285737
26		13/07/20	Covid 19 Nega direito ao abraço na despedida em Goiânia	https://opopular.com.br/cidades/covid-19-nega-direito-ao-abraco-na-despedida-em-goiania-1.2084790
27		26/01/22	cidade-de-goias-registra-mais-uma-morte-por-covid-e-estuda-novas-medidas-de-restric-o-	https://opopular.com.br/cidades/cidade-de-goias-registra-mais-uma-morte-por-covid-e-estuda-novas-medidas-de-restric-o-1.2393239
28		28/5/20	goias-entra-em-fase-mais-grave-da-pandemia-do-coronavirus-	https://opopular.com.br/cidades/goias-entra-em-fase-mais-grave-da-pandemia-do-coronavirus-1.2060526
29		21/6/20	goias-tem-maior-indice-de-aumento-de-covid-19-do-pais-em-7-dias-	https://opopular.com.br/cidades/goias-tem-maior-indice-de-aumento-de-covid-19-do-pais-em-7-dias-1.2072772
30		27/8/21	pandemia-faz-crescer-número-de-pessoas-que-vivem-nas-ruas-de-goiania	https://opopular.com.br/cidades/pandemia-faz-crescer-numero-de-pessoas-que-vivem-nas-ruas-de-goiania-1.2309981
31		30/9/20	pastor-e-professor-da-puc-goias-morre-em-decorrencia-da-covid-19-	https://opopular.com.br/cidades/pastor-e-professor-da-puc-goias-morre-em-decorrencia-da-covid-19-1.2127310
32		13/8/21	covid-faz-familias-de-goias-arcarem-com-gastos-excessivos-em-tratamentos	https://opopular.com.br/cidades/covid-faz-familias-de-goias-arcarem-com-gastos-excessivos-em-tratamentos-1.2302063

33		20/3/21	Veja as últimas informações sobre o coronavírus em Goiás	https://opopular.com.br/veja-as-ultimas-informacoes-sobre-o-coronavirus-em-goias-1.2019220
34		30/4/21	Famílias de Goiás se esforçam para resguardar parente em casa contra covid 19	https://opopular.com.br/cidades/familias-de-goias-se-esforcam-para-resguardar-parentes-em-casa-contracovid-19-1.2242890
35		26/3/20	https://opopular.com.br/cidades/velorios-e-sepultamentos-passam-por-mudancas-em-goias-1.2023449	https://opopular.com.br/cidades/velorios-e-sepultamentos-passam-por-mudancas-em-goias-1.2023449
36	O Globo	25/03/2021	'Sem velório, é mais difícil materializar a perda', diz psiquiatra sobre o luto da Covid-19	https://oglobo.globo.com/brasil/sem-velorio-mais-dificil-materializar-perda-diz-psiquiatra-sobre-luto-da-covid-19-1-24940241
37		24/03/2021	300 mil mortes por Covid-19 no Brasil: sepultamentos sem velório agravam o luto na pandemia	https://oglobo.globo.com/brasil/300-mil-mortes-por-covid-19-no-brasil-sepultamentos-sem-velorio-agravam-luto-na-pandemia-24939294
38		25/03/2021	Estão descartando corpos, e não sepultando pessoas', diz presidente de associação do setor funerário	https://oglobo.globo.com/brasil/300-mil-mortes-por-covid-19-no-brasil-sepultamentos-sem-velorio-agravam-luto-na-pandemia-24939294
39		28/04/2020	Manaus volta atrás e suspende enterros com caixões empilhados	https://oglobo.globo.com/saude/coronavirus/manaus-volta-atras-suspende-enterros-com-caixoes-empilhados-24398349
40		4/4/2020	Sem velório caixões lacrados cononavírus impõe isolamento até no luto muda rotina em cemitérios	https://oglobo.globo.com/rio/sem-velorio-com-caixoes-lacrados-coronavirus-impoe-isolamento-ate-no-luto-muda-rotina-em-cemiterios-1-24350944
41		1/4/2020	Coronasvirus: funerais exigem adaptação de enlutados	https://oglobo.globo.com/fotogalerias/coronavirus-funerais-exigem-adaptacao-de-

		funcionários de cemitérios em tempos de pandemia	enlutados-funcionarios-de-cemiterios-em-tempos-de-pandemia-
42	30/4/2020	Luto sem despedida: como lidar com perdas pela covid19	https://oglobo.globo.com/saude/coronavirus-servico/luto-sem-despedida-como-lidar-com-perda-pela-covid-19-1-24401521
43	3/9/2020	Avanço da pandemia enterros sobem 81 no distrito federal em agosto	https://oglobo.globo.com/brasil/covid-19-com-avanco-da-pandemia-enterros-sobem-81-no-distrito-federal-em-agosto
44	05/04/2021	Sepultamentos de vítimas da Covid-19 restringem despedidas e dificultam superação do luto: 'Fica uma lacuna	https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2021/04/05/sepultamentos-de-vitimas-da-covid-19-restringem-despedidas-e-dificultam-superacao-do-luto-fica-uma-lacuna.ghtml
45	6/5/2020	Assolada pela covid19 manaus tem enterro em massa	https://oglobo.globo.com/fotogalerias/assolada-pela-covid-19-manaus-tem-enterros-em-massa-24413582
46	29/4/2021	Brasil atinge marca de 400 mil mortes pela covid 19	https://oglobo.globo.com/saude/brasil-atinge-marca-de-400-mil-mortes-pela-covid-19-24993342
47		Prefeitura do rio autoriza que funerárias façam registro de óbitos em até 15 dias	https://oglobo.globo.com/rio/coronavirus-prefeitura-do-rio-autoriza-que-funerarias-facam-registros-de-obitos-em-ate-15-dias-24398339
48	25/4/2020	velorio-virtual oracoes por aplicativo grupos de apoio online novo lutodurante-pandemia do coronavirus	https://oglobo.globo.com/saude/coronavirus/velorio-virtual-oracoes-por-aplicativo-grupos-de-apoio-online-novo-luto-durante-pandemia-do-coronavirus-24385878
49	25/4/2021	um-ano-de-covid-familiares-de-vítimas-tentam-	https://oglobo.globo.com/rio/um-ano-de-covid-familiares-de-vitimas-

		superar-luto-em-meio-pandemia-	tentam-superar-luto-em-meio-pandemia-24986649
50	17/12/20	pandemia-da-covid-19-como-lidar-com-luto-no-natal	https://oglobo.globo.com/brasil/pandemia-da-covid-19-como-lidar-com-luto-no-natal-24800391
51	7/7/20	como-pandemia-afeta-o-processo-de-luto-psiquiatra-responde.	https://glamour.globo.com/lifestyle/noticia/2020/07/como-pandemia-afeta-o-processo-de-luto-psiquiatra-responde.ghtml
52	27/3/20	a-escalada-dos-enterros-das-vitimas-suspeitas-de-coronavirus-no-maior-cemiterio-de-sp-	https://oglobo.globo.com/epoca/sociedade/a-escalada-dos-enterros-das-vitimas-suspeitas-de-coronavirus-no-maior-cemiterio-de-sp-24331182
53	30/4/20	coronavirus-servico/luto-sem-despedida-como-lidar-com-perda-pela-covid-19	https://oglobo.globo.com/saude/coronavirus-servico/luto-sem-despedida-como-lidar-com-perda-pela-covid-19-1-24401521
54	11/5/20	uma-homenagem-do-globo-as-mais-de-10-mil-vidas-perdidas-na-pandemia-de-coronavirus	https://oglobo.globo.com/meu-oglobo/uma-homenagem-do-globo-as-mais-de-10-mil-vidas-perdidas-na-pandemia-de-coronavirus-24421331
55	12/5/20	/coronavirus-ele-era-apaixonado-pela-tia-ela-se-foi-luto-das-criancas-na-pandemia-	https://oglobo.globo.com/epoca/brasil/coronavirus-ele-era-apaixonado-pela-tia-ela-se-foi-luto-das-criancas-na-pandemia-

3.3 Categorias Analíticas

As análises abaixo foram feitas conforme mencionado no método da presente pesquisa de mestrado, na qual utilizou-se autores que versam sobre Performances Culturais, especificamente sobre o ritual funeral e os ritos funerários contidos nesta

celebração. As unidades temáticas foram distribuídas para organizar os dados coletados tanto nas páginas dos jornais online quanto nos espaços de comentários e de memorial virtual da COVID-19.

As categorias específicas apresentadas foram criadas por mim a partir das percepções sobre as experiências relatadas pelas famílias enlutadas. Em outras palavras, desenvolvi esses grupos com modalidades distintas para organizar melhor as informações em relação aos fenômenos, com base na minha percepção acerca dos relatos lidos e selecionados. Entendo que essas informações são importantes para uma melhor compreensão dos tópicos específicos, nos quais cada conjunto de materiais e relatos foi relacionado, a fim de serem correlacionados com as teorias acerca dos ritos de passagem, do ritual funeral e do luto, visando identificar as consequências das mudanças e proibições da ritualização da morte.

Dessa forma, ao criar categorias a partir de percepções pessoais, sistematizamos um modelo ou estrutura no intuito de facilitar a compreensão e a comunicação de ideias sobre o assunto em questão.

Para dar seguimento na análise, foram selecionados os relatos e algumas reportagens que dialogam com os temas norteadores de cada categoria. Nas análises netnográficas levou-se em conta as quatro categorias, construídas na observação das interações dos usuários frente à temática das notícias, o contexto da COVID-19 e os indícios dos impactos da ausência do ritual funeral, conforme tabela abaixo:

Tabela 2: Interpretações netnográficas

Categoria	Descrição
Ausência da materialidade. Subcategorias: Corpórea / Simbólica	Matérias com temáticas que denotam estes aspectos e reação das pessoas nos comentários do site do jornal.
Sentimentos provocados pela ausência do ritual funeral. Subcategorias: angústia/aceitação	Matérias com temáticas que denotam estes aspectos e reação das pessoas nos comentários do site do jornal.
Características da vivência do luto nas redes.	Matérias com temáticas que denotam estes aspectos e reação das pessoas nos comentários do site do jornal.

<p>Subcategorias: Funerais online/Memorial/Espaços de compartilhamento da dor.</p>	
<p>Indícios de mudanças no ritual do luto. Subcategorias: virtualização do luto / Expansão de fronteiras e da participação de pessoas.</p>	<p>Matérias com temáticas que denotam estes aspectos e reação das pessoas nos comentários do site do jornal.</p>

3.4 Análise dos relatos e Reportagens

3.4.1 Jornal Folha de São Paulo (Página Oficial do Jornal)

Categorias de análise:

A) Ausência da materialidade Corpórea / Simbólica

Reportagem 1: Espaço da Folha destinado à postagem de relatos de luto em decorrência da COVID-19 por parte dos leitores¹³:

Relato 1: Perdi minha mãe, Maria Aldivani Oliveira, para a Covid-19. Ela tinha 72 anos, foi internada no dia 6 de fevereiro com poucos sintomas, porém, estava com uma saturação abaixo de oxigênio abaixo de 90. O dia da internação foi a última vez que tive a oportunidade de abraçá-la. Ela estava bem, consciente e andando. Após esta data, somente o boletim médico uma vez por dia por telefone. Doze dias depois, ela veio a óbito. Já era asmática grave, e isso piorou mais a situação. A dor maior foi não poder me despedir. Tive que fazer o reconhecimento do corpo através de uma foto no celular da assistente social e acreditar que era ela dentro do caixão. Não desejo isso pra ninguém. Marcelo Oliveira, 48, engenheiro, São Paulo (SP) Tive que fazer o reconhecimento do corpo da minha mãe através de uma foto no celular da assistente social e acreditar que era ela dentro do caixão.

(Marcelo Oliveira engenheiro, 48, São Paulo - SP).

Alguns aspectos do relato acima denotam os impactos da ausência de uma corporeidade e a importância do contato promovido pelo ritual funeral como um símbolo de toque e despedida. Em uma cultura, em que predomina a necessidade do tato materializado a partir de abraços, afagos e beijos que proporcionam o acolhimento. Esse sentimento é expresso pela referência do filho ao “último abraço”

¹³ Pesquisado em: <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1664886235185139-virus-do-luto#foto-1664886235614147> Acesso em: 10/02/2024.

que foi proferido no momento da internação de sua mãe, seguido da menção da impossibilidade de se despedir e da dor do distanciamento de poder reconhecer o corpo apenas por uma foto enviada via smartphone, fato que comprova um contato mediado pela virtualidade de um dispositivo que marca a ausência de corporeidade.

Nesse sentido, é importante ressaltar que a função de determinados rituais constitutivos da cultura e do imaginário se torna explícita e tangível no ato de trazer símbolos materiais para uma encenação que concretiza a despedida do corpo e o prepara para uma desmaterialização, seja ela ocasionada pela separação da presença física ou do estado de inexistência que a finitude da morte do corpo traz. É nesse momento que o ritual transforma, por meio de objetos, adornos, orações, cânticos e pequenos ritos que o compõe, o inevitável em memória e crença de continuidade.

Os rituais têm a função de organizar contextos e os momentos de transformação da vida dos indivíduos dentro da sociedade a fim de demarcar papéis e apontar o que deve ser feito em cada período da existência (Gennep, 2011). Além disso, segundo Gennep (2011), existem os ritos relativos às mudanças cósmicas e naturais, como de passagem de ano, de idade, entre outros. Dentro dessa concepção de ritual, o autor prevê duas categorias principais: ritos simpáticos e ritos de contágio. Ou seja, “os ritos simpáticos são aqueles que se fundam na crença da ação de semelhante sobre o semelhante, do contrário sobre o contrário, do continente sobre o conteúdo e reciprocamente, da palavra sobre o ato” (Gennep, 2011, p. 25).

Por outro lado, os ritos de contato surgem a partir da “transmissibilidade e materialidade”, a partir do contato ou mesmo à distância. Podem ser de natureza animista (personalista) ou dinamista (impersonalista). No aspecto personalista, mesmo que seja amorfa, totemista ou com aspectos humanos (antropomórficos), pressupõe-se a presença de uma consciência. Os ritos dinamistas ou impersonalistas não pressupõem essa consciência do efeito mágico ou dos processos rituais. É algo que acontece por si só como uma energia, um poder, sem uma representação de uma entidade que o personifique.

Na maioria dos rituais funerários brasileiros, especialmente nas culturas católica, protestante, espírita, umbandista e candomblecista, os ritos são o que Gennep (2011) intitula como ritos de contato, com transmissão e repetição de estágios, contato com o corpo e toda uma encenação frente ao ente falecido. Podem ser considerados ainda como personalistas, como é possível notar no relato do jornal Folha citado acima e no

subsequente. Nesse aspecto, é importante para a elaboração do luto, o momento material e simbólico que precede o enterro, bem como a despedida final consumada com o fechamento do caixão e depósito nas gavetas subterrâneas do cemitério. A amostragem qualitativa do relato mostra que a ausência desse momento gera dor e sensação de ruptura brusca, que dificulta a aceitação e elaboração, conforme expressos no final da fala selecionada.

Isso ocorre pelo fato de que o gesto de tocar e abraçar o outro possui uma relevância singular na cultura brasileira, exercendo um papel intrínseco no cotidiano e nas interações sociais da população em geral. Tais manifestações de afeto e proximidade são valorizadas de forma expressiva e desempenham um papel fundamental na configuração das relações interpessoais. Desde o aperto de mão ou beijos no rosto para cumprimentar até os abraços são códigos antropológicos que denotam intimidade, criação de laços e podem promover integração entre pessoas.

No Brasil, o ato de tocar e abraçar é percebido como uma forma de demonstrar carinho, acolhimento, solidariedade e amizade. Essa atitude confere conexão humana e faz parte dos gestos padronizados da cultura, a partir dos quais é possível fazer uma descrição densa da sociedade, ou seja, uma leitura que ultrapassa uma visão inicial simplista, pois a ênfase são os significados das práticas para a própria comunidade que as executa (Geertz, 1978).

Ademais, o toque e o abraço assumem um caráter de comunicação não verbal, exercendo a função de veicular emoções e sentimentos que muitas vezes não podem ser expressos unicamente por meio das palavras. Tais gestos fortalecem laços emocionais, contribuem para a criação de um ambiente de confiança e conforto, e desempenham um papel essencial no bem-estar emocional dos indivíduos.

Na cultura brasileira, o toque e o abraço permeiam diversas situações do cotidiano, desde saudações entre amigos e familiares, até confortar alguém em momentos de adversidade, celebrar conquistas e alegrias, ou simplesmente manifestar preocupação pelo bem-estar do outro. Tais expressões de afeto são enaltecidas e fortalecem os laços sociais, promovendo uma sensação de pertencimento e acolhimento na coletividade.

Em síntese, o toque e o abraço possuem um valor significativo na cultura brasileira, sendo tidos como gestos de afeto, respeito e amizade. Eles representam poderosos meios de exteriorizar sentimentos e fortalecer as relações interpessoais, contribuindo para a edificação de uma sociedade mais acolhedora e empática.

Nos ritos de passagem, é possível catalogar vários gestos, como o toque na testa, peito e nos ombros, em sinal de honraria ao Pai, Filho e Espírito Santo. As rezas feitas de joelho e, no momento do velório, o abraço demorado acompanhado de palavras como “meus pêsames” ou “meus sentimentos”, a fim de demonstrar solidariedade com a dor do outro. Se debruçar no ombro de amigos e parentes e chorar, de forma análoga, pode ser considerado como padrão gestual de contato, presente na maioria dos velórios brasileiros.

Relato 2: Perdi meu irmão no dia 14 de janeiro de 2021, no dia do colapso dos hospitais por falta de oxigênio em Manaus. Egberto Rodrigues era um homem cheio de vida que amava seus dois filhos e esposa. Funcionário público de carreira da Seduc-Am, estava realizado e planejando seu mestrado. Amava a vida e isso foi tirado dele pela má gestão de todas as esferas governamentais. Essa pandemia do descaso reflete o quanto a vida humana perdeu o seu valor no país. Quanta dor! E temos que suportar o vazio dessa angústia, pois fomos privados de enterrar nosso ente querido. Sei que um dia esse país ainda irá funcionar. Já este momento trágico de nossa história, espero que nunca mais se repita.

(Dalton Rodrigues, 32, professor de matemática, Manaus - AM).

Assim como no relato anterior, há a expressão da angústia proporcionada pela impossibilidade de velar o corpo e enterrá-lo, o que significa despedir-se, preparar para uma nova etapa de resignificação da dor e de transformação da materialidade corpórea de quem parte, que habitualmente, na perspectiva religiosa, são entregues à divindade (ritual personalista). Assim, há a crença da presença de uma consciência que acolhe e redime o espírito daquele que faleceu, estado este obtido pela despedida e as orações dos entes queridos, que possuem a função simbólica de auxiliar aquele que faleceu em sua nova etapa, bem como transformar a dor e a despedida dos que ficam em aceitação e contato com essa personificação da divindade que recebe aquele que deixou de viver.

O depoimento publicado no espaço memorial da Folha revela a indignação e o sofrimento causados pela negligência do ex-presidente Jair Bolsonaro, que resultou no atraso e na significativa redução do fornecimento de oxigênio em Manaus, ocasionando um aumento de óbitos que poderiam ter sido evitados. A ausência dos ritos funerários intensifica a dor da perda do irmão e deixa uma marca permanente tanto em sua história pessoal quanto na história coletiva. O relato demonstra que as consequências não se restringem ao âmbito privado e que as decisões políticas que agravaram a crise da COVID-19 também tiveram impacto no domínio público,

resultando em traumas coletivos.

Relato 3: Meu pai morreu por Covid em 4 de junho de 2020, aos 75 anos, no Rio de Janeiro. Seu nome era Hilton Leal e eu não pude me despedir dele, em função da forma como se deu sua morte e por morar na França. Acompanhei seu funeral por chamada de vídeo, assim como meu irmão, que ficou internado, também por Covid, no mesmo hospital em que meu pai morreu. Quase perdi meu irmão, que felizmente pôde se recuperar e não deixou duas sobrinhas menores de 10 anos órfãs. Tão certo quanto o rio encontra o mar, eu tenho fé na certeza do meu reencontro com você, meu velho e querido pai. Você estará para sempre em meu coração. Te amo muito e fique em paz. Olhe por nós. Olhe pelo nosso tão maltratado Brasil. A dor da sua partida sem eu ter tido a chance de me despedir de você é enorme. Porém, muito maior do que essa dor são o amor e o orgulho que carrego em meu coração por ter sido sua filha. Saudade é amor. A saudade será meu guia e minha fortaleza nessa tarefa difícil de viver sem você.

(Tatiana Bichara Leal, 43, mestranda em Literatura, Tournefeuille, França)

Nota-se no depoimento da filha que perdeu o pai pela COVID-19, assim como nos outros relatos, a dor da distância imposta pela morte repentina e pelas medidas sanitárias de distanciamento para evitar o contágio, que resultaram na impossibilidade de acompanhar o corpo no cortejo fúnebre. Há o agravante de uma distância física que já existia pelo fato de a filha morar em outro país, o que aumenta a dor ocasionada pela privação de contato físico.

No entanto, apesar de não ter se despedido e cumprido todos os ritos, ela se apoia nas narrativas de experiências extracorpóreas, evidenciadas na crença do reencontro, na busca de proteção junto ao seu pai e nas conversas íntimas em que expressa a sua dor pela ausência de despedida e pela saudade. O relato dessa filha reforça não apenas a importância de vivenciar materialmente um ritual, mas também de valorizar as narrativas orais, conforme destacado por Turner (2013).

No ensaio "Dewey, Dilthey e Drama: um ensaio em Antropologia da Experiência", Victor Turner (2005) argumenta que a previsão e mensuração das ações humanas são tarefas complexas. No entanto, é viável estabelecer uma compreensão dessas ações ao relacioná-las com a cultura e a língua, as quais consolidam sentimentos, desejos e visões de mundo, constantemente reconstruindo identidades individuais e coletivas. Nesse sentido, é possível afirmar que toda sociedade é moldada por tradições, havendo, de acordo com o autor, um sacrifício do presente para evitar rupturas com um passado que estrutura a cultura e o imaginário coletivo.

Em caso de venerarmos ditos ancestrais, talvez seja preciso – concluimos com pesar – desfazer-nos das alegrias do presente ou abandonar a exploração sensível do que percebemos como desenvolvimentos sem precedentes do entendimento humano mútuo e das formas relacionais

(Turner, 2005, p. 177).

As temporalidades da memória afetiva do passado, a vivência cotidiana da dor presente e a crença em um ambiente espaço temporal do porvir se interseccionam e se influenciam nesse processo de perpetuação das crenças e atribuição de sentido às práticas sociais e à construção das visões de mundo nas diferentes sociedades. Assim, crer na ressurreição do pai, no encontro futuro e na coexistência da vida material e espiritual, como espaço de memória e interação, reforça elementos da cultura oral e escrita transmitida pelas narrativas.

Reportagem 3¹⁴: Barros não conseguiu velar o próprio pai, de 68 anos, morto em novembro do ano passado por causa do novo coronavírus. “É difícil acreditar que a pessoa foi andando para o hospital, dando tchau, e saiu de lá dentro de um caixão”, afirmou. “E sem velório, fica tudo diferente. Parece que não fecha o ciclo, ainda mais que não dá para ver a pessoa [com o caixão aberto]. Isso é algo irrecuperável”, disse.

A fala acima corrobora com a necessidade e papel fundamental de ver a pessoa falecida, tocá-la e vivenciar seu sepultamento. O ciclo da encenação de ritos, preparação do corpo para despedida e vivência do momento liminar entre a vida, morte e transcendência, apresentam-se na fala como fundamentais para a despedida da pessoa e do corpo material.

Genep (2011) aborda a singularidade dos ritos de passagem, os quais podem ser compreendidos como ritos de separação, margem e agregação. Um exemplo de rito de separação é encontrado nos rituais funerários, que transformam a experiência do luto e impactam tanto a pessoa falecida quanto os participantes, influenciando a forma como é percebida e as significações que permanecem na memória. Portanto, esses rituais possuem uma importância significativa. Dessa forma, as etapas do ritual fúnebre podem ser divididas em pré-liminares (preparação), liminares (margem) e pós-liminares (agregação).

Isso quer dizer que toda a *mise-en-scène* de ornamentar o espaço e o falecido, vestir-se de preto, acender velas, fazer orações, rezas e repetições de palavras consistem na preparação. A margem é o momento em que os ritos acontecem e em que o toque, o choro e a despedida emergem. Por fim, há a agregação ou retorno

¹⁴ Pesquisado em: <https://agora.folha.uol.com.br/sao-paulo/2021/04/coronavirus-obriga-familias-a-enterrar-seus-parentes-a-noite-em-sp.shtml> Acesso em: 03/12/2023.

para a vida cotidiana após o sepultamento do caixão e do corpo, juntamente com a preservação das memórias e a preparação para rituais futuros, tais como a celebração da missa de sétimo dia.

É de conhecimento geral que, em virtude da aglomeração decorrente dos cultos realizados após o velório e da troca de abraços entre parentes e amigos, foi determinada a proibição da entrega de mensagens contendo a foto do falecido, as quais representam uma materialidade simbólica. Tal medida, sem dúvida, reforça a importância de expressar e compartilhar o sentimento de perda, assim como de encontrar novos meios para superá-lo, corroborando, assim, o testemunho sobre a não conclusão do processo de luto.

Nesta primeira categoria analisando o espaço memorial do jornal Folha de São Paulo, destinada à publicação de depoimentos de indivíduos que perderam familiares em decorrência do coronavírus, a análise netnográfica qualitativa, aliada ao arcabouço teórico sobre rituais funerários e Performances Culturais, possibilitou a compreensão do significado da presença e da função de toda a encenação fúnebre. A materialidade corpórea, assim como os gestos de carinho dirigidos ao falecido e à audiência presente que compartilha o luto, juntamente com os objetos, vestimentas e o caixão, conferem substância aos ritos que auxiliam na transição desse momento.

B) Sentimentos provocados pela ausência do ritual funeral

I. Subcategorias: angústia / aceitação

Nessa subcategoria serão apresentadas as matérias com temáticas que denotam estes aspectos.

Na Reportagem 5, intitulada “Coronavírus priva famílias de importantes rituais do luto. Cidades limitam ou proíbem velórios”¹⁵, encontramos o seguinte relato:

Maurício (nome fictício) perdeu a mãe para a Covid-19 no final de março. Ela teve acesso ao tratamento com cloroquina e respirador, mas não melhorou. Tinha 56 anos e nenhuma doença prévia”. “Meu pai foi sozinho reconhecer o corpo no hospital, sozinho até o cemitério e sozinho acompanhá-lo ao crematório. É tudo muito sozinho”, comenta.
“Não tiveram velório ou qualquer ritual fúnebre, mas Mauricio espera poder realizar algo quando a pandemia passar, como “uma missa de celebração da

¹⁵ Pesquisado em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/04/coronavirus-privas-familias-de-importantes-rituais-do-luto.shtml> Acesso em: 03/12/2023.

vida dela.

(Folha de São Paulo, 14/04/2020 – Coronavírus priva família de importantes rituais do luto).

Nota-se, no depoimento expresso no trecho da matéria acima, o sentimento de angústia e solidão. Esse vazio ocorre, principalmente, pelo abandono de quem faleceu abruptamente e força o fechamento de um ciclo de convivência, memória e afetividade. Em segundo lugar, o conteúdo desse relato mostra que existe um contexto de aplicação de medicação sem comprovação científica, no caso, a cloroquina, um aumento exponencial na quantidade de óbitos, que também acaba por reforçar o medo de morrer e de perder mais pessoas significativas, além do sentimento de impotência de não poder recorrer a outras pessoas nem para compartilhar sua dor durante os ritos mortuários.

O ritual fúnebre é uma cerimônia coletiva que proporciona a socialização de sentimentos, gestos culturais padronizados, cânticos, crenças e outros elementos simbólicos. A supressão desse momento de transição diante de algo tão definitivo quanto a morte, juntamente com a necessidade de escolher um membro da família para realizar o reconhecimento do corpo e observar o processo de cremação à distância, sem a oportunidade de participar do velório e de toda a preparação necessária para a despedida, intensifica a sensação de abandono. Além disso, é relevante considerar que os casos graves da doença causada pelo Coronavírus exigiam naturalmente o isolamento do paciente, resultando muitas vezes em uma notícia de morte repentina. Nesse contexto, há a seqüela emocional da sensação de não ter oferecido apoio suficiente no momento que antecedeu a morte e na última despedida (Geertz, 1978).

Nesse caso, não se vivencia o estado liminar definido por Dawsey (2011), o qual é caracterizado como um estágio entre a vida, a morte e o que vem após o ritual. O conceito de "límen" remete à ideia de travessia, e, nessa discussão, diversas situações limites estão relacionadas ao ultrapassar das fronteiras, como a transformação da memória dos enlutados e da própria imagem e corporeidade daqueles que falecem.

II. Subcategorias: angústia/aceitação

Na Reportagem 1, "Espaço da Folha destinado a postagem de relatos de luto

em decorrência da COVID-19 por parte dos leitores”¹⁶, encontramos o seguinte relato:

Em menos de 24 horas, perdi meu pai e minha mãe para a Covid-19. Ele se foi no dia 6 de abril de 2020, aos 85 anos, e ela, no dia seguinte, aos 75. Eles estavam em hospitais diferentes, e jamais souberam da morte um do outro. Estavam casados há 55 anos, eram inseparáveis, o que se mostrou verdade, tanto na vida como na morte. Formaram uma família muito feliz e deixaram duas filhas, que na época também pegaram Covid, mas com sintomas leves. Sou uma dessas filhas, e até hoje a dor da perda me acompanha, de algum modo relativizada somente quando vejo em perspectiva os milhares de outras famílias que, como a minha, também foram destruídas por esta pandemia. Quase um ano depois, percebo com tristeza que a situação no Brasil, ao contrário de melhorar, só piora. Porém, temos que seguir em frente, vivendo um dia de cada vez, com cuidado, esperança e ética.

(Ana Maria Correa da Silva, 54, funcionária pública, Rio de Janeiro - RJ)

O depoimento da funcionária pública, que perdeu seus genitores, é acompanhado de imensa dor. Entretanto, a solidarização com outras situações de perda iguais ou piores que as dela e a memória positiva de amor, integração e compartilhamento entre o casal falecido, atuam como conforto e auxiliam na aceitação. Nesse caso, não é possível avaliar o impacto de não se experimentar o enterro e possíveis desdobramentos subsequentes. O que se percebe são as sequelas deixadas no campo da saúde, da política e toda a problemática da ineficiência das autoridades que gestaram uma dor coletiva sem precedentes na história do país.

O fato de ela ter esperança, marca a aceitação. Por sua vez, a preocupação com milhares de brasileiros traz a impressão de que ela desferiu um abraço imaginário às vítimas, ainda que, possivelmente, tenha faltado o aconchego presencial dos que lhe são caros.

Reportagem 1 (relato 4): Minha irmã mais nova foi embora por causa da Covid-19. Seu nome era Kátia Maria Martins de Oliveira Carvalho, tinha 56 anos e nos deixou no dia 9 de junho de 2020. Como acontece nesses casos, não houve velório nem despedida. Durante seu tempo com a doença, não pudemos chegar perto. (...) Essa doença mata e não nos dá nem a chance de velar nossos parentes. Tenho orgulho de ser irmã de uma pessoa tão especial.

(Regina Célia Martins de Oliveira, 62, jornalista aposentada, Maceió - AL).

O relato da jornalista traz o falecimento como sinônimo de passagem para uma

¹⁶ Pesquisado em: <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1664886235185139-virus-do-luto#foto-1664886235614147>

dimensão extracorpórea. A fala sobre a irmã caçula dela, “foi embora”, consiste na crença dessa separação que pode ser considerada como um momento liminar concretizado pelos ritos que a sustentam. De acordo com Genep (2011), o mundo liminar é um momento de passagem. A interrupção das atividades vitais e, concomitantemente, a preparação e ao velar do corpo são um exemplo desse estado. Nele, há uma fronteira entre o afastamento da existência e o assumir de outro corpo transformado pela performance religiosa. O estado liminar é estar entre duas identidades: do corpo morto, que na maioria dos casos ainda é encarado como a pessoa, e a sua alma que parte para o metafísico.

A falta de proximidade e contato é mencionada novamente, tal como nos depoimentos anteriores, seguida por uma dolorosa constatação sobre a doença: o fato de que ela leva à morte e impede o velório do corpo. Isso evidencia como a ausência dos ritos prejudica a compreensão do luto. Essa percepção reforça a noção de que o pensamento racional e científico não é necessariamente mais importante, real ou significativo do que o imaginário. A cultura e seus simbolismos têm tanto ou mais peso do que o entendimento científico de que as células morrem, que todo ser vivo enfrenta a finitude e que a vida termina sem que esse momento possa ser previsto (Cassirer, 2009).

A ciência e o mito aparecem nesses espaços e moldam as visões de mundo e percepções individuais e coletivas. Linguagem e mito não se opõem ou se sobrepõem, mas se complementam no processo de representação: “Deste modo, o mito recebe da linguagem, sempre de novo, vivificação e enriquecimento interior, tal como, reciprocamente, a linguagem os recebe do mito” (Cassirer, 2009, p. 114).

Reportagem 1: A doença tem um aspecto social muito cruel. Meu pai e meu irmão ficaram viúvos com apenas um dia de diferença. Meu irmão perdeu as 3 principais mulheres de sua vida: a esposa, a mãe e a avó. Enfim, não consegui ver minha mãe pela última vez, não pude me despedir, não pude cuidar dela, não tivemos como conseguir-lhe os últimos sacramentos, não pude sequer ir ao enterro. O caixão saiu lacrado do hospital para túmulo. Não pude abraçar minha família ou ganhar um abraço.

(Leonardo Prudente, 40, gerente de projetos, Brasília - DF).

A reportagem mostra a desagregação de uma família e o relato de um filho sobrevivente traumatizado com a quantidade de perdas: sua avó, mãe e cunhada faleceram. O homem lamenta a ausência da despedida, dos sacramentos e do enterro. O caixão, que possui a função invólucro protetor para depositar a pessoa na

terra, o qual costuma ser preenchido com flores e tecido, estava fechado e, nesse caso, a caixa atuou como uma barreira de contato e contágio.

A eliminação do sacramento privou a família de viver o modo subjuntivo entre o aqui e o além. Por não existir essa interseção, a compreensão e aceitação ficam prejudicadas. Sendo assim, é necessário compreender que essa subjetividade é composta de características importantes da performance. Como destaca Schechner (2011, p. 215), “A beleza da ‘consciência performática’ é que ela ativa alternativas: ‘isto’ e ‘aquilo’ estão ambos simultaneamente operativos”.

Estar entre isso e aquilo corresponde, tanto às ambivalências da pessoa que ainda faz parte da família, quanto das significações assumidas quando entregues à divindade, ao cosmo. Dessa forma, o processo de sacramentar a partida é marcado por diálogos estabelecidos entre essas consciências que coexistem. As pessoas são, ao mesmo tempo, um membro vivo na memória da família, um cadáver que deve ser sepultado e um membro do espaço celestial. A mera contemplação de uma situação irreal dentro dos parâmetros racionais científicos, mas que, no momento presente, poderia existir, também configura um processo de temporalidade subjetiva.

Alguns elementos constitutivos do rito funeral têm o poder simbólico de representar o mito do contato com o sagrado, como por exemplo, a cruz, no caso do cristianismo, que representa a morte e ressurreição do protagonista dessa narrativa, Jesus Cristo. No judaísmo, a estrela de Davi simboliza essa cultura. Na religião muçulmana, a lua é um símbolo que serve como ponto de contato e representação do mito.

Reportagem 1: Às 3h da manhã fui chamado ao hospital para receber a notícia da morte física dela. Perguntei ao médico e à enfermeira se ela havia sofrido e eles disseram que não sofreu.

Trinta dias antes de falecer, minha mãe comprou um rosário para cada um dos filhos, inclusive para mim, mas não chegou a entregar. No luto, aprendi a rezar o terço sozinho e isso aliviou a dor. Sou testemunha do poder da oração. Agora prestamos as homenagens a ela através do exemplo do bom comportamento que ela deixou: discricção, generosidade, doçura, perdão, simplicidade. O luto fica latente na alma, pois cada vez que vejo uma senhora na rua, ouço uma música bonita, vejo uma reportagem sobre Covid, emocionano-me. Mas me conforta o fato de não ter havido sofrimento, pois não faltou oxigênio, não faltou leite, não faltou medicamento. Diante de tanto sofrimento em busca de um alento, vejo que Deus foi misericordioso com minha mãe e com todos nós em casa.

(Marcos Triacchini Garcia, 41, oficial de náutica, Curitiba - PR).

No relato acima, descreve-se a experiência de um filho que enfrentou a perda

de sua mãe, evidenciando uma percepção singular diante desse acontecimento. Apesar do sofrimento decorrente da perda, é possível observar que a prática ritualística de rezar o terço desempenhou um papel significativo na aceitação e no processo de elaboração do luto por parte desse indivíduo. Mesmo durante o período de isolamento de 30 dias em uma unidade de terapia intensiva, em um contexto no qual a restrição de visitas era crucial para minimizar o contágio, houve um conforto proporcionado pela certeza de que a mãe recebeu assistência e cuidados adequados, não sendo vítima das negligências decorrentes da postura negacionista do governo, que resultou em atrasos na entrega de oxigênio, medicamentos e na imunização, ocasionando a morte de inúmeras pessoas.

O mito, nesse sentido, consegue remediar uma dor que a ciência não curou e que, geralmente, não pode ser superada apenas com racionalidade. Percebe-se que, mais uma vez, o poder que as narrativas e o valor simbólico de objetos, que são caracterizados como mágicos, podem oferecer. Não foi relatado no texto, mas tudo indica que, pelo contexto, não houve o funeral. Todavia, a herança material e afetiva do artefato religioso, aliada à certeza de que o possível foi feito pela equipe médica conseguiram trazer aceitação ao filho e à família. Entende-se, assim, que todos esses elementos operam para o bem-estar da sociedade: o conhecimento científico, o trabalho bem-feito da equipe que cuida e os ritos que propiciam um contato tanto com a pessoa que partiu, por meio da memória afetiva, quanto com o sagrado, por seu aspecto sacro.

Repetir palavras e recitar o terço implica na reprodução de características culturais que funcionam como uma simbólica porta entre o mundo material e o metafísico. Nesse sentido, a prática de rezar o terço assume a função de um círculo mágico ou uma abertura para o imaginário. A linguagem, por sua vez, estabelece fronteiras e limites culturais, conforme abordado por Cassirer (2009) com base no pensamento de Humboldt, ao se referir ao conceito de "círculo mágico" (p.23).

Os mitos dialogam com uma existência primária, o lado inconsciente e as pulsões do indivíduo, diferentemente da compreensão empírica e racionalista do conhecimento científico.

Temos como natural e evidente que o mundo se divida, para a nossa percepção e contemplação, em configurações individuais incisivamente delineadas, cada qual dotada de limites espaciais perfeitamente determinados e, por seu intermédio, de sua

individualidade específica. Apesar de as vermos como um todo, este todo se compõe de unidades claramente distintas, que não se misturam entre si, mas possuem cada uma sua peculiaridade, que se aparta nitidamente da peculiaridade das demais. Para a visão mítica, porém, nem sequer estes elementos singulares são dados separadamente desde o início, mas ela deve conquistá-los ao todo, sucessiva e paulatinamente. Por isso, a apreensão mítica foi chamada de apreensão "complexa", para melhor distingui-la de nosso modo de ver analítico abstrato. Uma vez reconhecidas; a linguagem, o mito, a arte, e a ciência como tais formas de ideação, a questão filosófica básica não é mais o modo como todas essas formas se relacionam com um ser absoluto que constitui, por assim dizer, o cerne intransparente que se encontra por trás delas, mas sim o modo pelo qual, agora, elas se inteiram e condicionam mutuamente. (Cassirer, 2009, p.22).

Há uma autonomia das linguagens e do conhecimento religioso, artístico e científico, embora todos possuam sua função na cultura e na construção das leituras de mundo.

Reportagem ³¹⁷: De mãos dadas, cinco parentes próximos do empreiteiro Gilberto Silva e Souza, 70 anos, rezaram um Pai-Nosso ao lado do carro em que estava o caixão com o corpo, por volta das 21h30 de terça-feira (6), no Cemitério São Bento, na Vila Alpina (zona leste). Logo em seguida, o caixão foi colocado em um veículo de transporte da necrópole e levado até a quadra 101, onde Souza foi enterrado. Ele morreu por causa da Covid-19, no mesmo dia de seu enterro, por volta das 9h, após permanecer 18 dias intubado no Hospital Municipal Vila Santa Catarina (zona sul), local onde trabalha sua filha, a enfermeira Gisele Anselmo e Souza, 39.

Familiares do empreiteiro Gilberto Silva e Souza, 70 anos, rezam ao lado do carro onde está o corpo do parente, morto horas antes em um hospital da rede municipal da capital paulista. Logo após a oração, o corpo do idoso foi sepultado, na noite de terça-feira (6), no cemitério da Vila Alpina, na zona leste da capital paulista Mathilde Missioneiro/Folhapress.

Falei, antes da intubação, que ele iria dormir [por causa da medicação]. Meu pai só pediu para não sentir dor. As últimas palavras ditas por ele foram 'que seja feita a vontade de Deus.

A descrição jornalística acima, que cita o relato de uma filha que perdeu o pai, apresenta alguns aspectos que demarcam mudanças no ritual funeral, seguido da importância do rito e da oração como caminhos para aceitação. Observa-se, portanto, que os parentes do empreiteiro, que permaneceu 18 dias sob intubação, realizam preces em memória de seu espírito após o seu falecimento, ainda que de forma breve e separados pelo veículo que o conduz, momentos antes do sepultamento.

¹⁷ Pesquisado em: <https://agora.folha.uol.com.br/sao-paulo/2021/04/coronavirus-obriga-familias-a-enterrar-seus-parentes-a-noite-em-sp.shtml>

Não é possível realizar o velório e as preparações tradicionais devido às circunstâncias, tornando-se necessário simplificar o cortejo e toda a cerimônia fúnebre. As palavras proferidas com o intuito de consolar a família e entregar o falecido à divindade possivelmente proporcionam conforto, especialmente quando a filha relata que o pai havia expressado o desejo de que o processo de intubação não fosse doloroso, talvez temendo acordar durante o procedimento ou a falta de medicamentos para induzir o sono em meio à crise sanitária no Brasil. De maneira similar, o relato evidencia a memória religiosa das palavras do pai antes de sua internação, expressando o desejo de que a vontade de Deus fosse feita.

Dessa forma, notamos que a ausência de sensação de dor devido ao estado de coma induzido e a lembrança de suas palavras religiosas podem servir como fonte de conforto, especialmente considerando a privação do contato físico e da participação nos rituais fúnebres. A linguagem utilizada na oração e nas narrativas orais sobre Deus e o destino evidencia que os mitos e ritos são construções linguísticas, elaboradas e transmitidas por meio do discurso cultural, permeando o imaginário coletivo.

Cassirer (2009) discute as intersecções da língua e da delimitação no surgimento e perpetuação dos mitos. Há contradições e ambiguidades na composição linguística que oportunizam o surgimento dos mitos, conforme descreve o autor, com base nos postulados teóricos de Spencer:

Tudo a que chamamos de mito, é, segundo seu parecer, algo condicionado e mediado pela atividade da linguagem: é, na verdade, o resultado da deficiência linguística ordinária, de uma debilidade inerente à linguagem. Toda designação linguística é essencialmente ambígua e, nesta ambiguidade, nesta “paronímia” das palavras, está a fonte primeva de todos os mitos (Cassirer, 2009, p.18).

De acordo com as explicações de Cassirer (2009), embasadas nas reflexões de Muller, a mitologia está nessa sombra entre pensamento e linguagem, pois um não consegue sobrepor o outro em sua totalidade. Sendo assim, a linguagem consegue prever algumas interpretações por parte do receptor, mas não há um controle de suas funções poéticas e metafóricas, pois há uma diferença entre a construção do emissor ou artista e as interpretações de quem recebe a mensagem.

Nesse ponto de vista, o universo mítico corresponde ao campo da imaginação. Descrever ou interpretar racionalmente o mito, a arte e as funções poéticas da

linguagem esvaziam o sentido dessas representações, pois há um deslocamento semântico centrado na experiência em que os significados tradicionais são deixados de lado e outras possibilidades de interpretação vêm à tona. Após esse processo de suspensão do sentido original das coisas e expressões da linguagem e por meio da contemplação estética, o literal e ordinário se fazem presentes novamente, levando o espectador ou receptor a retornar à estrutura tradicional de significação. A coexistência desses sentidos e o limiar entre esses processos abriga a performance.

De acordo com Cassirer (2009), se o pesquisador ou interpretante tentar trazer esses universos da arte e do mito ao campo da verdade e da racionalidade, haverá um esvaziamento. Portanto, o importante não é descrevê-los e compreendê-los racionalmente, mas observar a experiência como um todo e as sensações provocadas por ela.

Em seguida, o autor afirma que mito, linguagem e ciência possuem símbolos e formas alegóricas e imagéticas que se propõem a explicar um real existente, cada uma a sua maneira e com suas justificativas. A racionalidade não se sobrepõe ao mito e vice-versa. Ambos são importantes na compreensão de mundo e estruturação das culturas.

Uma vez reconhecidas; a linguagem, o mito, a arte, e a ciência como tais formas de ideação, a questão filosófica básica não é mais o modo como todas essas formas se relacionam com um ser absoluto que constitui, por assim dizer, o cerne in-transparente que se encontra por trás delas, mas sim o modo pelo qual, agora, elas se inteiram e condicionam mutuamente (Cassirer, 2009, p. 22).

Todos esses tipos de conhecimento são linguagens que definem a percepção individual e social. A linguagem, se escrita, imagética, poética ou científica, molda a experiência e a compreensão. Assim, pensar ou interpretar o mundo está condicionado à existência de uma linguagem que permite ao ser humano descrever essas interpretações. Pode-se afirmar, com isso, que o ritual do funeral é uma linguagem comunicada verbal, visual e performática.

Reportagem 10¹⁸ : A angústia de David não era menor. “A última coisa que ela me falou aqui em Urânia foi: ‘Filho, eu não quero ir. Eles vão me levar, vão me intubar e eu vou morrer’”, afirma. “Minha mulher foi até lá e minha mãe disse: ‘Tenho um dinheirinho embrulhado em casa, acho que não vou voltar’.”

¹⁸ Pesquisado em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/08/brasil-dos-cem-mil-mortos-por-covid-toca-a-vida-assombrado-por-vazios.shtml>

Ninguém da família nunca mais veria ela viva.
Essa é apenas uma das dores que os parentes das vítimas têm que carregar.
A despedida é como um filme em que falta parte das cenas, um processo que não encontra nunca seu caminho natural (Folha de São Paulo, 8/9/2020).

Mais uma vez, observamos a dor expressa na interrupção do funeral, na finitude abrupta da vida e na ausência de despedidas. A metáfora do roteiro inacabado ou do filme com narrativa fragmentada, que impossibilita a compreensão da lógica dos eventos e da sequência de acontecimentos relevantes para a elaboração do luto, representa o momento desencadeado pela pandemia de COVID-19.

A doença quebrou laços de contato e de afeto, promoveu isolamento, medo e trouxe a separação repentina sem despedida a milhares de pessoas. Esse retrato evidencia como o ritual poderia juntar peças e momentos que não foram vividos em sua completude, assim como poderia concretizar despedidas que não foram feitas da forma que se desejava, antes da entrada da pessoa no hospital, mas que agora poderiam ser ressignificadas durante toda a celebração de passagem feita coletivamente. Uma vez que essa dinâmica foi suspensa, as lacunas parecem se aprofundar e isso mostra o quanto os ritos, inclusive os da morte, são estruturantes e necessários a superação da dor e para a própria organização da sociedade (Genep, 2011).

De acordo com o texto *Linguagem e Mito*, a linguagem se destaca e ganha dimensão autônoma na humanidade, propiciando a representação do mito e o surgimento dos deuses e simbolismo de forma geral. Cassirer (2009) elucida, também, que a linguagem do mito, da ciência e da religião possuem a mesma função dentro da compreensão do mundo, ou seja, nenhuma se sobrepõe à outra. Todas são importantes na representação e formação de uma consciência a respeito da realidade individual e exterior das coisas.

O mito se expressa como uma narrativa, pois toda representação mitológica é, na verdade, uma narrativa. Da mesma forma, o conhecimento científico se expressa de forma narrada. Exemplo disso são as ondas gravitacionais de Einstein¹⁹, que foram previstas e representadas por meio da linguagem, mesmo que não houvesse possibilidade de comprovar essa teoria. Tal experimento só pôde ser comprovado em 14 de setembro de 2015, mas a linguagem como meio de interpretação do mundo,

¹⁹ Pesquisado em: <http://oglobo.globo.com/sociedade/ciencia/einstein-acertou-cientistas-provam-que-ondas-gravitacionais-existem-18651585> Acesso em: 12/02/2015.

permitiu que essa leitura fosse feita e registrada nos experimentos do cientista.

Conforme Cassirer (2009) argumenta, a linguagem desempenha um papel fundamental na formação da humanidade, uma vez que o homem é, em si, um produto da linguagem que ele elabora. A racionalidade e o conhecimento científico têm sua origem no hiato entre o homem e sua percepção, que se inicia com o advento da linguagem. Dessa forma, a linguagem é inerente ao ser humano, não apenas na expressão da língua, mas também na emergência de uma representação semântica que remonta às pinturas rupestres e se desenvolveu ao longo do processo comunicativo, abrangendo a oralidade, a escrita formal, as artes e a poesia.

C) Características da vivência do luto nas redes

- I. Subcategorias: Funerais online / Memorial / Espaços de compartilhamento da dor

Matérias com temáticas que denotam estes aspectos:

Reportagem 7²⁰: Diego Meireles, amigo de Maurício Suzuki, advogado de 26 anos que morreu no sábado (28) por Covid-19, doença causada pelo novo coronavírus, acompanhou o velório pelo aplicativo de vídeos Zoom.

A iniciativa neste caso partiu da família, mas o serviço já é oferecido por empresas no país.

Em capitais do Brasil, funerárias relataram à Folha que a procura por velórios online cresceu. É o caso, por exemplo, do Crematório e Cemitério da Penitência, no Rio de Janeiro, onde o número de acessos aumentou em 33% no mês de março em relação ao mês anterior.

O serviço, que normalmente custa R\$ 1.000, está sendo oferecido de graça até o dia 30 de abril e faz parte de uma série de mudanças tomadas em decorrência da pandemia do novo coronavírus (Folha de São Paulo, 2/4/2020).

As transformações e adaptações ocasionadas pela pandemia não se limitam apenas ao isolamento social como medida de prevenção contra o contágio, conforme abordado na matéria anterior. O emprego da tecnologia e das plataformas de mediação passou a influenciar a educação, o entretenimento, as relações de trabalho e até mesmo os rituais fúnebres. Observam-se, portanto, alterações na maneira como se realiza o velório de um corpo, o qual passou a ser mediado por dispositivos e transmitido para amigos e familiares. É pertinente estabelecer uma conexão com o texto de Singer (2013) a fim de compreender as implicações dessas mudanças, que surgem no embate entre as adaptações tradicionais e as novas formas de expressão.

²⁰ Pesquisado em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/04/coronavirus-faz-familias-recorrerem-a-velorios-online-e-transforma-processo-de-luto.shtml>

O autor faz menção a um conceito da escola de Chicago sobre a noção de enraizamento, ao afirmar que as tradições estão em constante processo de reconstrução.

Na sua obra, o autor realiza uma análise das relações entre tradição e modernidade na cultura indiana, investigando a coexistência e contraposição entre esses dois elementos. De maneira análoga, as práticas tradicionais de velório e enterro, assim como a cosmogonia das cerimônias e rituais que precedem esses processos, foram adaptadas ao contexto pandêmico e transpostas para a esfera da mediação tecnológica.

Nesse processo, observa-se uma constante busca por negociação e adaptação entre as tradições, como aquelas relacionadas aos rituais antes, durante e após um sepultamento, e as novas práticas que envolvem a ausência de contato físico com entes queridos, parentes e amigos. Há, portanto, uma tentativa de conciliação entre a manutenção dos ritos tradicionais e sua adequação à mediação tecnológica, como é o caso dos cultos online nos quais se oferece pagamento pela oração ou pela "acensão" de uma vela virtual em nome de uma intenção específica dos fiéis.

Uma outra questão que pode ser equiparada a esse processo é o conceito de comportamento restaurado de Schechner (1985). Segundo essa definição, trata-se de fragmentos de comportamento que o sujeito pode reorganizar e reconstruir (p. 37). De acordo com o autor, o comportamento restaurado pode ser descrito como "eu me comportando como se fosse outra pessoa" ou "como se estivesse ao lado de mim mesmo, ou não fosse eu mesmo, como quando em transe, mas esse 'outro alguém' também pode ser eu mesmo" (p. 37).

O conceito de Schechner (1985) pode ser equiparado à definição de Goffman de comportamento rearranjado. Essa reflexão sobre o rearranjo pressupõe a existência de um protocolo social ou roteiro para executar uma determinada ação. Por exemplo, um juiz utiliza formas de agir pré-determinadas para cumprir suas funções e se posicionar perante a sociedade. No conceito de comportamento restaurado, o mesmo pode ocorrer, embora Schechner (1985) deixe claro que não são apenas os parâmetros sociais que definem a forma como o indivíduo se comporta. Nesse caso, os aspectos culturais e a experiência individual passada também fazem parte dos rearranjos e comportamentos futuros.

O comportamento restaurado pode ser interpretado como um processo de recuperação. Um exemplo desse comportamento é observado quando uma mãe sem

experiência no campo da maternidade busca adquirir fragmentos desse comportamento para desenvolver suas habilidades e criar seu filho de acordo com os aspectos culturais aos quais está inserida.

D) Indícios de mudanças no ritual do luto

I. Subcategorias: virtualização do luto/Expansão de fronteiras e da participação de pessoas

Reportagem 10²¹: Às 5h, David e Dierlis precisaram ligar as lanternas de seus celulares. O corpo da mãe, em um caixão lacrado, tinha que ser enterrado. Não havia luz.

Apenas os dois foram autorizados a acompanhar o sepultamento de Aparecida Rodrigues Meneses, 78, no cemitério de Urânia, no interior de São Paulo. Era 7 de junho, e uma agonia de 15 dias terminava para outra começar, sem final em vista, na memória dos irmãos.

“Era como se estivéssemos fazendo alguma coisa errada. Enterrar correndo, de madrugada, com a luz do celular, sem poder nem ver minha mãe. É muito cruel”, diz o policial federal David Meneses, 43. “Dois meses antes, ela foi à funerária e comprou uma mortalha, a roupa que queria usar quando morresse. Depois eu soube que ela pediu para que não contassem para mim e para minha irmã”, afirma David. “Ela nem pôde usar. Foi enterrada dentro de dois sacos plásticos em um caixão lacrado.”

A reportagem acima narra a história de irmãos que perderam a mãe em decorrência do coronavírus. A narrativa revela detalhes da mudança nos padrões de preparação do corpo, do espaço e de todo o receptáculo de lembranças e ritos religiosos que consolidam o funeral. O ambiente escuro certamente se deu em função do esvaziamento dos cemitérios em decorrência das proibições de se fazer velórios e cortejos públicos.

Em ocasiões anteriores, o contato que normalmente seria marcado por iluminação de salão, velas e uma procissão acompanhando o enterro, que tradicionalmente ocorreria durante o dia após os ritos habituais, foi substituído por um cortejo noturno sem grandes preparativos e despedidas.

Outrossim, a impossibilidade de vestir na genitora a vestimenta por ela preparada e a necessidade de se deparar com um caixão lacrado, desprovido de flores e maquiagem no corpo do ente querido, bem como a ausência de qualquer contato físico, consolidam a restrição do ato de comunicar, contemplar, tocar,

²¹ Pesquisado em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/08/brasil-dos-cem-mil-mortos-por-covid-toca-a-vida-assombrado-por-vazios.shtml>

lamentar, despedir-se, realizar preces de preparação e transição para a próxima fase após o sepultamento do corpo físico, que para muitos se transforma em um espírito ou alma em repouso, ou que se desvincula e segue para outras dimensões, de acordo com as diferentes cosmogonias existentes.

Ademais, os sacos plásticos utilizados como medida de proteção contra contágio podem ser culturalmente comparados ao lixo, algo que está sendo descartado ou jogado fora. Esse fato aprofunda a dor e o distanciamento de um luto não encenado, não realizado, devido à ausência da figura central, que seria a mãe.

O dispositivo móvel, equipamento tecnológico que desempenhou a função de lanterna e de captura de imagens fotográficas e videográficas, tornou-se o único meio de preservação de uma memória, ainda que virtual, de qualidade inferior, que não corresponde à pessoa falecida, mas sim à imagem do caixão lacrado. Este objeto, normalmente utilizado para proteger, acolher e envolver o corpo que será sepultado nos locais subterrâneos denominados jazigos, adquire outra conotação, a de isolamento e prevenção de contágio, servindo como uma embalagem para evitar o contato e a contaminação.

Para analisar a encenação que não foi abordada no exemplo acima, é possível estabelecer uma comparação com o texto *Pontos de contato entre o pensamento antropológico e teatral*, escrito por Schechner (2011). Nesse trabalho, a proposta é compreender o processo ritual como uma manifestação em si mesma. A comparação entre os rituais culturais e o teatro, juntamente com os relatos de diversas formas de encenação, vivências e imersões descritos pelo autor, constituem aspectos fundamentais da análise embasada, inclusive, por simulações e repetições desses processos em algumas culturas.

De acordo com essa teoria, há diferenças entre ritos de iniciação, em que a ruptura com o eu e as mudanças da identidade são definitivas, e os rituais de passagem e a encenação do teatro que trabalham com mudanças na percepção do mundo e de si mesmo de modo temporário. Esses estados liminais correspondem a momentos em que a percepção do mundo externo de forma racional é modificada, bem como as relações de temporalidade e espacialidade.

Em relação ao processo de despedida de um indivíduo falecido, o estágio inicial ocorre em relação ao protagonista que partiu, cujo espírito perdura no imaginário dos presentes, e ao próprio corpo, que se prepara para assumir uma nova condição como objeto de memória e contemplação. Os ritos fúnebres promovem a transição dos

presentes, que encenam esse ritual por meio de orações, gestos, toques, entre outros, para um período de aceitação e desligamento da corporeidade ou presença física. Já para o falecido, acredita-se que tais ritos transformam seu espírito ou alma para outros estágios em um porvir idealizado pela religião.

Dessa maneira, a interrupção da sequência temporal da vida para a vivência do momento de transição e despedida do ente querido é de extrema importância na cultura da maioria dos familiares, parentes e amigos brasileiros. Isso ocorre para que possam elaborar o luto e amenizar a dor causada pela perda súbita e trágica, especialmente em um contexto de óbitos em série. Portanto, a ausência dessa vivência intensifica o sofrimento e dificulta o processo de aceitação, mesmo que se busquem alternativas, como os velórios online, para ressignificar essa ausência.

3.4.2 Jornal O Globo (Página Oficial do Jornal)

Categorias de análise:

A) Ausência da materialidade Corpórea / Simbólica

Matérias com temáticas que denotam estes aspectos:

Reportagem 36²²: Sem velório, é mais difícil materializar a perda', diz psiquiatra sobre o luto da Covid-19.

Especialista da Unicamp explica que rituais funerários ajudam a concretizar a morte e sugere a busca de formas pessoais de homenagem para atravessar o luto.

RIO — Ao longo de 2020, Clarissa de Rosalmeida Dantas esteve à frente do Serviço de Apoio Emocional aos Pacientes com Covid-19 e seus Familiares, o Apem-Covid, criado no início da pandemia no Hospital de Clínicas da Unicamp. Com outros psiquiatras e residentes, Dantas atendeu na maioria das vezes pessoas que perderam seus entes queridos. Alguns relatos foram compilados para um artigo sobre o luto na pandemia, publicado pela Revista Latinoamericana de Psicopatologia.

O relato acima enfatiza a importância fundamental dos rituais funerários no processo de luto, principalmente diante do contexto da pandemia de COVID-19, no qual as restrições dificultaram ou impossibilitaram a realização de velórios tradicionais. Em todas as culturas, é recorrente a presença de cerimônias que marcam a despedida de entes queridos falecidos. Esses rituais carregam consigo um profundo significado simbólico, frequentemente expressando o que as palavras não conseguem transmitir.

²² Pesquisado em: <https://oglobo.globo.com/brasil/sem-velorio-mais-dificil-materializar-perda-diz-psiquiatra-sobre-luto-da-covid-19-1-24940241>

O velório e o enterro, por exemplo, representam cerimônias tradicionais que possibilitam à família e aos amigos enfrentar a dor da perda e se despedir daqueles que partiram.

Contudo, quando a pandemia estava em curso, esses rituais foram restringidos ou até mesmo proibidos devido ao risco de contágio pelo vírus. Os funerais, por sua própria natureza, constituem ocasiões de intenso contato e proximidade física, o que os torna especialmente vulneráveis à propagação de doenças. Essa mudança drástica teve um impacto profundo nas maneiras como lidamos com a perda e como prestamos homenagem àqueles que nos deixaram.

Os rituais funerários desempenham um papel crucial na materialização da perda, ajudando as pessoas a lidarem com a morte de um ente querido de maneira culturalmente significativa. Em muitas culturas ao redor do mundo, esses rituais servem como um meio de honra ao falecido, proporcionam conforto aos enlutados e facilitam o processo de luto. O psiquiatra menciona como a ausência de velórios dificulta a materialização da perda para os enlutados. Os rituais funerários, como o velório, desempenham um papel importante na aceitação da morte e no processo de luto, pois oferecem uma oportunidade para os familiares e amigos se despedirem do falecido, compartilharem memórias e expressarem seus sentimentos. A impossibilidade de participar desses rituais pode aumentar o sofrimento e a sensação de desconexão dos enlutados com a realidade da perda.

O texto menciona como a falta de um velório leva muitos enlutados a criar fantasias e sentimentos de negação em relação à morte de seus entes queridos. As ideias de negação da morte são mecanismos psicológicos que as pessoas frequentemente utilizam para lidar com a realidade da mortalidade, tanto a sua própria quanto a dos outros. Esses mecanismos podem surgir em diferentes estágios do processo de enfrentamento da morte e do luto, e desempenham papéis distintos na forma como as pessoas lidam com essas questões. As fantasias acerca da morte e do luto são construções mentais que as pessoas criam para lidar com situações difíceis ou ameaçadoras, como a morte. Essas ideias podem assumir várias formas, desde imaginar um ente querido falecido como ainda presente e viver em algum lugar além da morte, até idealizar um reencontro após a própria morte. A impossibilidade de se despedir adequadamente pode levar a uma dificuldade em aceitar a realidade da perda, fato que causa pensamentos irracionais e fantasiosos acerca do que aconteceu com o falecido. Além disso, a citação destaca como o contexto político de

negação da pandemia pode agravar ainda mais esse sentimento de negação da morte entre os enlutados.

O psiquiatra sugere que, diante da impossibilidade de realizar rituais funerários tradicionais, os enlutados devem buscar formas pessoais de homenagem para atravessar o processo de luto. Isso destaca a importância da adaptação e da criatividade na busca de conforto e consolo durante o luto. Essas formas de homenagem pessoal podem incluir a realização de cerimônias privadas, a criação de memorial online, a escrita de cartas para o falecido, entre outras práticas que ajudem os enlutados a processar sua dor e encontrar significado na perda.

Tal deslocamento ocorre porque, nesse momento, emergem necessidades de que estados de consciência individuais e coletivos sejam trabalhados pelo ritual no contexto pandêmico e os aspectos culturais enraizados e formas de manifestação da percepção aparecem e precisam ser adaptados, mesmo que, para isso, haja uma revisão das regras estabelecidas. Nesse sentido, há uma fricção entre a tradição e os novos modos de manifestação dos ritos, entre o coletivo e o individual (Genep, 2011).

Mesmo que não haja uma reflexão imediata e revisão dos valores estabelecidos na ordem original da sociedade, esse estado de fronteira coloca em negociação toda uma estrutura, ainda que isso não seja pensado claramente. A ressemantização cultural, mesmo que temporária, como no contexto de exceção pandêmico, ocorre nesse processo de negociação.

Em resumo, a análise das Performances Culturais, presentes na frase, destaca a importância dos rituais funerários na experiência do luto e como sua ausência pode impactar negativamente os enlutados, levando a sentimentos de negação e dificuldade em aceitar a morte. Ao mesmo tempo, a citação sugere a importância da busca de formas pessoais de homenagem como uma maneira de lidar com o processo de luto diante das restrições impostas pela pandemia.

Reportagem 37²³: Bruna Silva deixou o marido no hospital na primeira semana de março. Foi quando viu Bruno Cesar pela última vez. A suspeita de Covid-19 se confirmou, e o analista de dados foi internado no mesmo momento em que chegou à emergência do Hospital Balbino, em Olaria, na Zona Norte do Rio de Janeiro. Vinte e um dias depois, ela seguiu o caixão lacrado com o corpo do marido no Cemitério do Caju.
— Pode abrir um pouquinho para eu ver meu marido pela última vez? —
Bruna pediu ao agente funerário, para ouvir a resposta negativa. Em menos

²³ Pesquisado em: <https://oglobo.globo.com/brasil/300-mil-mortes-por-covid-19-no-brasil-sepultamentos-sem-velorio-agravam-luto-na-pandemia-24939294>

de cinco minutos, o caixão deixou o carro da casa funerária e foi sepultado, cercado por cinco familiares.

O relato acima descreve uma série de supressões das performances dos rituais associadas ao processo de luto de Bruna Silva após a perda de seu marido para a COVID-19. A seguir foram analisadas essas limitações das performances do funeral.

Muitas áreas implementaram limites restritos no número de pessoas permitidas em reuniões públicas ou privadas, incluindo funerais e serviços memoriais. Isso significa que familiares e amigos que chegam não podem comparecer à cerimônia de despedida, ou que apenas um número muito limitado de pessoas pode participar. O relato destaca como as restrições impostas pela pandemia de COVID-19 afetaram significativamente a capacidade de Bruna de se despedir de forma adequada de seu marido. O fato de o caixão ter sido lacrado e o pedido de Bruna para vê-lo pela última vez mostra como as práticas tradicionais de despedida foram interrompidas ou adaptadas devido às precauções de saúde e segurança relacionadas ao vírus.

A realização de rituais funerários online tem se tornado uma realidade para muitas pessoas durante a pandemia, uma vez que as restrições e diretrizes de saúde pública têm impactado a realização de cerimônias tradicionais de despedida. Essa situação demanda a busca por um equilíbrio entre a necessidade de prestar homenagens significativas e respeitadas ao falecido, e a necessidade de garantir a segurança e o bem-estar dos participantes. O caso de Bruna, que solicitou ao agente funerário a abertura do caixão e recebeu uma resposta negativa, ilustra uma negociação cultural em torno dos rituais funerários. Bruna expressou um desejo enraizado culturalmente de se despedir visualmente de seu marido, ainda que de forma breve. No entanto, as restrições impostas pelas normas de saúde pública limitaram essa prática culturalmente significativa, resultando na negativa do agente funerário.

A situação exposta acima dificulta o acontecimento dos ritos que compõem o ritual funeral de passagem, que possui a função de ressignificar o luto. Vale assim ressaltar, que de acordo com Genep (2011) não existem rituais que não são de passagem. Todo ritual implica em mudança, fluxo, transformação. Dessa forma, passar para um estado de aceitação e transformação da dor requer entre outros fatores a vivência ritualística.

Em um sepultamento restrito e íntimo, o número de participantes é limitado ao mínimo absoluto. Geralmente, apenas membros da família e talvez alguns amigos

muito próximos são convidados a comparecer. Isso é para cumprir as restrições de tamanho das reuniões e reduzir o risco de propagação do vírus. O sepultamento rápido e íntimo do caixão, cercado por apenas cinco familiares, reflete uma performance cultural do luto adaptada às circunstâncias da pandemia. A presença limitada de familiares durante o sepultamento pode ser vista como uma resposta às restrições de tamanho de reuniões e distanciamento social, mas também como uma expressão de intimidade e apoio mútuo entre os membros da família enlutada.

Em suma, a análise das Performances Culturais presentes no relato destaca como as restrições impostas pela pandemia de COVID-19 afetaram o processo de luto de Bruna Silva e sua família, restringindo as práticas tradicionais de despedida e adaptando-as às novas realidades impostas pela crise de saúde pública. Essas adaptações refletem não apenas as medidas de segurança e saúde, mas também as necessidades emocionais e culturais dos enlutados durante um período de luto desafiador.

Reportagem 44²⁴ : Elisângela conta que tudo aconteceu muito rápido e, por causa dos protocolos necessários, não pôde sepultar e se despedir do companheiro, com quem compartilhava a vida havia cinco anos.
"Na hora em que ele entrou para se internar, ele estava aparentemente bem. Eu falei para ele 'amor, fique forte, você vai melhorar'. De repente, no dia seguinte ele foi intubado. Então, eu não vi ele adoecendo, enfraquecendo. Então a imagem que eu tenho é dele bem", comentou.
No lugar do adeus para o início de um processo de superação, ficou um vazio. "O fato de eu não ter visto, como tradicionalmente a gente vê a pessoa morta, isso tudo é um pouco complicado. Até hoje eu tenho a sensação de que não é verdade, de que ele vai voltar. Você não ver o corpo da pessoa é muito cruel porque é difícil de processar a perda", disse a esposa.

O relato revela as complexidades emocionais e psicológicas enfrentadas por Elisângela após a perda de seu companheiro para a COVID-19. A seguir foram examinados esses aspectos.

Uma das restrições mais comuns foi o limite no tamanho das reuniões, o que afeta diretamente a capacidade das famílias de realização de rituais funerários tradicionais. Em muitas áreas, o número de participantes foi limitado a um pequeno grupo de pessoas, geralmente, apenas familiares próximos, tornando difícil para amigos, conhecidos e membros mais distantes da família participarem da despedida. Elisângela destaca como as restrições impostas pelos protocolos necessários devido

²⁴ Pesquisado em: <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2021/04/05/sepultamentos-de-vitimas-da-covid-19-restringem-despedidas-e-dificultam-superacao-do-luto-fica-uma-lacuna.ghtml>

à pandemia impediram que ela sepultasse e se despedisse adequadamente de seu companheiro. Mais uma vez, o relato reitera como as práticas culturais de luto, que incluem rituais funerários tradicionais, foram significativamente afetadas pela pandemia. A impossibilidade de participar desses rituais aumentou a sensação de vazio e dificultou o processo de luto e superação.

As formulações teóricas acerca da experiência se iniciaram no final do século XIX, início do século XX, momento em que surgiu uma série de pensadores que compreendem o ritual como força expressiva humana; o ritual não como dado empírico do real, mas por si só como força de conhecimento (Gennep, 2011).

O processo ritualístico não é apenas um ato receptivo, mas está sujeito a produção de significado. Há uma relação com a noção de experiência no processo de recepção do ritual. Um ato de experiência (manifestação da morte e transcendência) é um ato em vida (Gennep, 2011). Entende-se, assim, que é necessária a interação para que o ritual aconteça, pois existem várias manifestações e encenações dos participantes envolvidos.

A narrativa pessoal da perda e da negação começa a se formar no momento em que uma pessoa recebe a notícia da morte de um ente querido. Ela pode incluir uma série de elementos, como os detalhes do evento da morte, as situações que a cercam, as emoções experimentadas no momento e as reações iniciais de negação ou choque. A descrição de Elisângela sobre como tudo aconteceu rapidamente e sua incapacidade de testemunhar a deterioração da saúde de seu companheiro destacam a dissonância entre sua narrativa pessoal da perda e a realidade objetiva da morte. Sua incapacidade de processar totalmente a perda é evidente em sua descrição da imagem de seu companheiro como "bem" na hora em que ele foi internado. Isso sugere uma tentativa de negação da morte e uma luta para aceitar a realidade da perda.

Os desafios enfrentados diante da ausência do corpo no processo de luto são evidentes no relato de Elisângela. Ela expressa a dificuldade em lidar com a perda de seu companheiro devido à impossibilidade de vivenciar a despedida tradicional, que inclui a visualização do corpo do falecido. A falta dessa experiência torna o processo de aceitação e superação da perda ainda mais árduo. Elisângela descreve como a ausência do corpo dificulta a sua capacidade de processar a realidade da morte e de encontrar paz diante da perda de seu companheiro.

A análise do relato destaca os desafios emocionais e psicológicos enfrentados

por Elisângela após a perda de seu companheiro para a COVID-19, especialmente, devido às restrições impostas aos rituais funerários tradicionais e à ausência do corpo no processo de luto. Essa análise também ilustra a importância de compreender as complexidades individuais do luto e a necessidade de apoio emocional durante esse período desafiador.

B) Sentimentos provocados pela ausência do ritual funeral

Subcategorias: angústia / aceitação:

Reportagem 44²⁵: Marisa conta que percebe que, pelo número expressivo de mortes que estão acontecendo, a quantidade de pessoas que procuram ajuda nos grupos de apoio ao luto ainda é pequena.

"Tenho a impressão de que a ficha parece que demora um pouco mais a cair, porque é tudo tão repentino, a pessoa morre e você estava há dias ou meses sem ver ou falar com ela. Então, acho que dá uma parada total, até que o cérebro comece a elaborar tudo isso, a aceitação comece a acontecer e, aí é que vem mesmo o processo do luto. No choque e na negação", destacou.

No relato, observamos *insights* sobre os desafios enfrentados por aqueles que lidam com o luto durante a pandemia de COVID-19. Em algumas culturas, discutir abertamente o luto e buscar apoio emocional pode ser considerado tabu ou socialmente desencorajado. Isso pode levar as pessoas a evitarem procurar grupos de apoio por medo de serem estigmatizadas ou julgadas pelos outros. Enfrentar o luto pode ser uma experiência emocionalmente desafiadora e desconfortável para muitos. Compartilhar emoções profundas e experiências pessoais pode deixar as pessoas vulneráveis e expostas. Expor seus sentimentos mais íntimos para um grupo de estranhos pode ser uma perspectiva assustadora, especialmente para aqueles que não estão acostumados a expressar suas emoções dessa maneira.

Marisa observa que, apesar do número expressivo de mortes ocorridas durante a pandemia, a quantidade de pessoas que procuraram ajuda nos grupos de apoio ao luto, no início, ainda foi pequena. Isso sugere que, embora o luto seja uma experiência comum durante esse período, muitas pessoas não buscaram apoio emocional e psicológico para lidar com sua dor. Essa subutilização dos recursos de suporte ao luto pode ser influenciada por diversos fatores, incluindo estigma social, falta de conscientização sobre a disponibilidade desses recursos e dificuldade em acessá-los devido a restrições físicas ou financeiras.

O processo de acessibilidade e elaboração do luto é uma jornada emocional

²⁵ Pesquisado em: <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2021/04/05/sepultamentos-de-vitimas-da-covid-19-restringem-despedidas-e-dificultam-superacao-do-luto-fica-uma-lacuna.ghtml>

que as pessoas atravessam após a perda de um ente querido. Embora não haja um caminho único ou predefinido para o luto, existem projetos e elementos comuns que muitas pessoas experimentam ao longo desse processo. No início, muitas pessoas experimentam choque e negação diante da perda. Elas podem ter dificuldade em acreditar que o ente querido se foi e podem se sentir atordoados pela magnitude da perda. A negação pode servir como um mecanismo de defesa temporária, ajudando a amortecer o impacto emocional da perda.

Marisa descreve como o impacto repentino da morte durante a pandemia pode levar a uma demora na aceitação da perda e no início do processo de luto. Ela destaca que, devido à natureza abrupta das mortes relacionadas à COVID-19 e à falta de contato prévio com os entes queridos devido ao distanciamento social, pode haver um período de choque e negação antes que o processo de luto comece de fato. Isso reflete a complexidade do luto durante a pandemia, em que as circunstâncias únicas da perda podem influenciar a maneira como as pessoas enfrentam e processam sua dor.

As narrativas e vivências dos rituais, por exemplo, contribuem para a mudança de percepção e aceitação, pois proporcionam respostas consoladoras, como a crença de que tudo ficará bem e que a vontade da divindade foi realizada. Tais rituais sugerem a redenção do falecido, a possibilidade de reencontro dos entes queridos no futuro e a compreensão de que tudo ocorre conforme a vontade de Deus.

Os ritos, nesse caso, são etapas de um grande ritual que opera como um passaporte simbólico para o sagrado e a vivência cosmogônica mágica. O mito, nesse caso, não segue as lógicas do conhecimento científico, mas possui sentido e importância fundamental para a elaboração da dor do luto. No texto de Cassirer (2009), há a contraposição entre mito e conhecimento científico. O conhecimento científico, ao contrário do mito, é narrado a partir de lógicas e estruturas pré-definidas. O mito, decifrado pelo conhecimento racional ou em outra matriz de linguagem, perde o tom de imanente, de resistente – interpretar o mito o reduz (Cassirer, 2009).

Marisa menciona como o distanciamento social pôde complicar o processo de luto, já que as pessoas poderiam estar isoladas de suas redes de apoio durante um período de grande necessidade emocional. A falta de interação pessoal e apoio social, juntamente com a supressão do ritual, que é uma vivência coletiva, podem dificultar ainda mais a elaboração do luto e prolongar o período de choque e negação. Isso destaca a importância de desenvolver estratégias alternativas de apoio ao luto, como

grupos de apoio online ou serviços de aconselhamento remoto, para atender às necessidades das pessoas durante a pandemia. Essa análise ressalta a importância de oferecer apoio emocional e psicológico adequado às pessoas enlutadas durante esse período desafiador.

Reportagem 45²⁶: Naquele período, pouco se sabia sobre a doença, e a vacina era só um sonho coletivo. Até o início de maio, tinham sido 4.619 mortos no Estado do Rio. Não se podia supor, contudo, chegar a mais de 42 mil óbitos, como hoje. Não ter se despedido é uma das dores que mais apertam para Mari Lucia, viúva do compositor Aldir Blanc, um dos ícones da cultura nacional, morto em 4 de maio passado, aos 73. Ela tem dificuldades para dar entrevistas sobre o marido, com quem compartilhou mais de três décadas de vida. Mas escreve sobre as indagações que ela se faz até hoje:

“A última vez que o vi foi em 15 de abril (de 2020), intubado e sedado no CTI do Hospital Pedro Ernesto. Na porta do CTI, fiz um aceno, que ele já não percebia... Dois dias depois, fui hospitalizada em outro hospital, sem notícia dele. E assim foi até irem me dizer que ele desistiu: implorei por alta, para estar com ele, me despedir. Não pude. Quase 35 anos juntos diariamente, sem sair de perto não mais de uma semana ou duas, quando ia visitar um neto. Nos momentos finais, ficamos afastados quase um mês. Um ano se passou. Para onde foi meu amor? Cinzas? Não há como saber”.

A análise dos aspectos simbólico-culturais presentes no relato oferece uma visão profunda das complexidades emocionais e sociais associadas à perda durante a pandemia de COVID-19, que podem ser subdivididas em quatro aspectos principais.

Primeiramente, a ausência de uma despedida adequada durante a pandemia teve um impacto profundo nas pessoas que perderam entes queridos, adicionando uma camada adicional de dor e dificuldade ao processo de luto. A seguir, são apresentadas algumas maneiras pelas quais essa falta de despedida afetou os enlutados. A despedida desempenha um papel crucial no processo de luto, permitindo que os enlutados expressem suas emoções, se despeçam do ente querido e comecem a aceitar sua perda. A falta de oportunidades para uma despedida adequada pode deixar o processo de luto incompleto, resultando em sentimentos de angústia e sofrimento não resolvidos.

O relato destaca a dor intensa experimentada por Mari Lúcia, viúva do compositor Aldir Blanc, devido à falta de uma despedida adequada de seu marido. A ausência desse ritual culturalmente significativo pode agravar a dor do luto e dificultar o processo de aceitação da perda. A impossibilidade de estar presente nos momentos

²⁶ Pesquisado em: <https://oglobo.globo.com/rio/um-ano-de-covid-familiares-de-vitimas-tentam-superar-luto-em-meio-pandemia-24986649> Acesso em: 10/01/2024.

finais de Aldir Blanc é particularmente angustiante para Mari Lúcia.

O contexto de incerteza e desconhecimento sobre a doença COVID-19 tem sido uma fonte significativa de ansiedade e estresse para muitas pessoas em todo o mundo desde o início da pandemia. A seguir, são apresentadas algumas maneiras pelas quais esse contexto tem impactado indivíduos e comunidades. No início da pandemia, havia muita incerteza em torno da COVID-19, incluindo como o vírus se espalhava, quais eram os sintomas específicos e como prevenir a infecção. As informações sobre a doença estavam em constante evolução à medida que os cientistas aprendiam mais sobre o vírus, gerando confusão e preocupação entre o público.

A descrição do período inicial da pandemia, caracterizado pela falta de compreensão sobre a COVID-19 e pela ausência de uma vacina, contextualiza a experiência de Mari Lúcia e de outros enlutados. A incerteza e o medo associados à doença podem amplificar a dor da perda e tornar ainda mais difícil lidar com a ausência de despedida.

A morte de Aldir Blanc certamente desencadeou um período de luto e dor emocional intensa para Mari Lúcia. A perda de um parceiro de longa data pode ser devastadora e pode afetar todos os aspectos de sua vida cotidiana, desde suas rotinas diárias até suas interações sociais e seu bem-estar emocional.

Mari Lúcia descreve como a morte de Aldir Blanc afetou profundamente sua vida diária e seu relacionamento de longa data. A separação forçada devido à hospitalização e a impossibilidade de se despedir pessoalmente após décadas de convivência intensa ressalta o impacto disruptivo da pandemia nos relacionamentos e na experiência humana.

Diante da perda de Aldir Blanc, Mari Lúcia pôde expressar seu luto de diversas maneiras e buscar respostas para lidar com sua dor. Aqui estão algumas formas pelas quais ela pode manifestar sua expressão de luto e busca por respostas. Mari Lúcia pôde expressar suas emoções de tristeza, raiva, confusão e saudade de Aldir Blanc de maneira aberta e honesta. Isso pode envolver chorar, falar sobre suas lembranças e sentimentos com amigos e familiares, ou até mesmo escrever em um diário para processar suas emoções. Diante da morte de Aldir Blanc, Mari Lúcia pode sentir uma profunda necessidade de entender os eventos que levaram à sua perda.

O relato também destaca as reflexões contínuas de Mari Lúcia sobre a morte de seu marido e seu destino final. Sua busca por respostas e sua incapacidade de

encontrar uma conclusão definitiva refletem a complexidade do processo de luto e a dificuldade em aceitar a perda em meio a incerteza e a falta de despedida, que seria propiciada com o auxílio do ritual funeral. Assim, como não há uma resposta racional às suas indagações, o imaginário e a cultura poderiam operar para preencher essas lacunas emocionais e auxiliá-la na busca de um novo sentido para sua existência.

Não é o ritual que define o que se estabelece após sua execução, mas ele tem o poder de balançar a estrutura tradicional. Quando se entra em um momento liminar do ritual, em que os papéis e rotinas cotidianas são temporariamente suspensos para que o processo de passagem e transformação sejam vivenciados, as forças do passado continuam presentes mesmo após a finalização dos ritos, embora atuem com a influência transformadora das performances ritualísticas ocorridas nesse processo. No ritual funeral o morto é enterrado, mas a sua memória continua presente (Genep, 2011).

Os mitos implícitos nos ritos de passagem trazem significado até às experiências dolorosas, por isso, a importância de vivê-los em sua plenitude. O mito, assim como a linguagem poética, é polissêmico. Tanto a linguagem poética quanto a mítica precisam de interpretação. Na poesia, mesmo que a experiência estética da forma, da sonoridade e da percepção produzam sentido e mesmo que haja um deslocamento semântico do sentido original das palavras, é necessário pensar nessas possibilidades além do seu uso tradicional para que se compreenda o texto como um todo. Já no mito em si, o sentir e o perceber imperam no processo de significação. Nesse sentido, ritualizar o luto por si só leva a elaboração, uma vez que suas práticas simbólicas estão introjetadas no imaginário cultural e fazem sentido, mesmo que esses processos pareçam repetitivos ou automáticos, pois são experiências que figuram o campo da emoção (Cassirer, 2009).

Em resumo, a análise das performances do luto presentes no relato da reportagem 45 ilustra as profundas implicações emocionais e sociais da perda durante a pandemia de COVID-19, incluindo o impacto da falta de despedida, a incerteza sobre a doença, a interrupção dos relacionamentos e a busca contínua por respostas e significado no processo de luto. Essa análise ressalta a importância de reconhecer e apoiar as experiências individuais de luto durante um período de crise global.

Reportagem 49²⁷: Patrícia, moradora de Nova Iguaçu, também ficou isolada

²⁷ Pesquisado em: <https://oglobo.globo.com/rio/um-ano-de-covid-familiares-de-vitimas-tentam-superar-luto-em->

em casa, porque teve Covid. Não pôde sequer ir ao enterro do filho. E afundou em tamanha martirização que, no terceiro dia de quarentena, ensacou todas as roupas de Wellerson para doar, numa tentativa de evitar as lembranças que surgiam ao cheirá-las. Guardou só um cordão e dois anéis.

Para sobreviver àquela angústia, foi crucial o auxílio que teve da filha mais nova e de amigos, como o pastor da igreja na qual ela é zeladora. Patrícia tinha perdido recentemente o pai, de 76 anos, internado com cirrose no Hospital municipal Ronaldo Gazolla, que viria a se tornar referência para pacientes com coronavírus. Meses mais tarde, quando conseguiu se reerguer, ela foi à unidade buscar exames do idoso que tinham ficado para trás. O que soube a surpreendeu: ele também tinha morrido de Covid, assim como a médica que o tratou.

— Eu o acompanhava na internação. Acho que ali adoeci — diz Patrícia, que após o óbito de Wellerson desenvolveu pânico de aglomerações. — Tenho chorado menos. Mas a cada dia a saudade é maior. Faço um apelo para que as pessoas se cuidem, por amor a seu próximo — diz ela, que na quarta-feira passada sofreu mais um baque inesperado: a morte, por Covid, de um jovem filho do pastor que tanto a ajudou.

Uma análise das performances do luto presentes na frase revela a maneira como Patrícia e outros indivíduos envolvidos respondem emocional e comportamentalmente à perda de entes queridos durante a pandemia da Covid-19.

A atitude de Patrícia em embalar as roupas de seu filho falecido para doação evidencia uma tentativa de lidar com o sofrimento emocional e as lembranças associadas à perda. Esse gesto quase ritualístico de se desfazer dos objetos que evocam sua memória também representa uma tentativa de aliviar o sofrimento. A sensação de perda compartilhada, o pânico e o sentimento de culpa por não ter realizado um ritual de despedida do filho são sintomáticos de uma grande dificuldade em lidar com tamanha dor, ausência e sucessivas rupturas.

Assim, em substituição ao funeral do qual foi impossibilitada de participar, a performance de se desfazer das vestimentas de seu filho revela uma estratégia de enfrentamento adotada por Patrícia para evitar o sofrimento causado pelas lembranças físicas de seu filho, mostrando como as pessoas responderam de maneiras variadas ao luto e à perda durante a pandemia.

A colaboração e o auxílio recebidos por Patrícia de sua filha mais nova e de amigos, incluindo o pastor de sua igreja, destacam a importância da rede de apoio social e religiosa no enfrentamento do luto e da adversidade, na vivência dos ritos de passagem e na ressignificação de dores por meio da encenação do sagrado (Gennep, 2011). Participar de rituais religiosos, dar e receber apoio e realizar performances coletivas são fundamentais. Por isso, o relato ressalta como as comunidades

religiosas desempenham um papel significativo na prestação de apoio emocional, conforto espiritual e solidariedade durante momentos de crise e perda.

A fala de Patrícia sobre o desenvolvimento de pânico em relação às aglomerações após a morte de seu filho ilustra o impacto psicológico e emocional duradouros em decorrência de perdas durante a pandemia. Esses dados qualitativos coletados em análise netnográfica destacam como a experiência de luto pode deixar sequelas emocionais, como ansiedade e medo, que persistem além do evento traumático inicial.

O posicionamento de Patrícia em relação ao autocuidado representa uma forma de conscientização comunitária que busca promover a segurança e o bem-estar de todos. Ao incentivar as pessoas a cuidarem de si mesmas em prol do próximo, Patrícia ressalta a importância da responsabilidade coletiva. Ela enfatiza que as ações individuais de cada pessoa têm um impacto direto na saúde e na segurança de toda a comunidade. Essa abordagem fomenta um senso de solidariedade e cuidado mútuo entre os membros da comunidade.

O apelo de Patrícia para que as pessoas se cuidem por amor ao próximo reflete, ainda, uma tentativa de transformar sua própria experiência de perda em uma mensagem de conscientização comunitária. Expressar que o contágio e aumento dos lutos pode ocorrer, assim como o compartilhamento de sua experiência de privação de enterrar o seu filho e socializar a sua dor, chamam atenção para a transformação da experiência negativa em uma luta onde o pessoal também é político.

O modo de expressão é outro parâmetro de investigação e localiza-se no cerne da performance. A função dos atos ou esquemas culturais são analisados a partir do que significam para determinado grupo ao invés de serem investigados por visões pessoais e juízos de valor do pesquisador ou antropólogo. Evidencia-se assim o papel dos sobreviventes e enlutados como defensores da saúde pública e da segurança durante a pandemia, incentivando ações preventivas para evitar mais tragédias.

Em suma, a análise dos rituais performáticos e das sequelas decorrentes da COVID-19 presentes no trecho, destaca as complexas interações entre emoções, comportamentos e crenças culturais durante a pandemia. Da mesma forma, entende-se a importância de compreender e apoiar os indivíduos afetados pela perda e ao mesmo tempo reconhecer o potencial de resiliência, solidariedade e transformação comunitária em face da adversidade.

C) Características da vivência do luto nas redes

Subcategorias: Funerais online / Memorial / Espaços de compartilhamento da dor.

Matérias com temáticas que denotam estes aspectos:

Reportagem 7²⁸: Diego Meireles, amigo de Maurício Suzuki, advogado de 26 anos.

Diego Meireles, amigo de Maurício Suzuki, advogado de 26 anos que morreu no sábado (28) por Covid-19, doença causada pelo novo coronavírus, acompanhou o velório pelo aplicativo de vídeos Zoom.

A iniciativa neste caso partiu da família, mas o serviço já é oferecido por empresas no país.

Em capitais do Brasil, funerárias relataram à Folha que a procura por velórios online cresceu. É o caso, por exemplo, do Crematório e Cemitério da Penitência, no Rio de Janeiro, onde o número de acessos aumentou em 33% no mês de março em relação ao mês anterior.

O serviço, que normalmente custa R\$ 1.000, está sendo oferecido de graça até o dia 30 de abril e faz parte de uma série de mudanças tomadas em decorrência da pandemia do novo coronavírus.

A psicoterapeuta e coordenadora do laboratório de estudos sobre o luto da PUC-SP, Maria Helena Pereira Franco, afirma que soluções tecnológicas como os velórios virtuais são importantes para preservar e adaptar o ritual.

“Quando acontece uma morte de alguém próximo, a vida se desorganiza. O ritual [de velar e enterrar] dá concretude”, explica ela, que explica o processo de luto como uma forma de elaborar a perda.

Ela própria já participou a distância da despedida de um amigo, que morreu na Califórnia. “Eu assinei a lista de presença, como fazemos quando vamos ao velório, e senti que eu participei integralmente, porque foi a possibilidade que eu tive”, relata.

A reportagem acima mostra mudanças no ritual funeral que necessitou ser transmitido via plataforma, fato este que o transformou em um nicho mercadológico. Como substitutivo ao serviço de aluguel de salas de velório e cortejos feitos pelas funerárias, foram implementados velórios por plataformas de mediação online popularizadas a partir da pandemia para se fazer reuniões, processos judiciais, consultas médicas e psicológicas e até transmissão de velórios com compartilhamento de experiências da dor do luto, de memórias e ritos religiosos.

Em função da gravidade da situação e aumento exponencial do número de óbitos o serviço passou a ser oferecido de forma gratuita, em um contexto de profunda crise política, sanitária e econômica que não oportunizou a todos pagarem pela

²⁸ Pesquisado em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/04/coronavirus-faz-familias-recorrerem-a-velorios-online-e-transforma-processo-de-luto.shtml>

transmissão. Não se trata, no entanto, apenas da virtualização do processo, mas da criação de repositórios de gravação dessas reuniões. As mudanças trazem, assim, performances mediadas, que mesmo não possuindo a materialidade do ritual tradicional, contribuem para que se concretize a elaboração da perda, conforme ressalta a psicoterapeuta na reportagem.

O processo ritualístico não é apenas um ato receptivo, mas está sujeito à produção de significado. Há uma relação com a noção de experiência no processo de recepção do ritual. Um ato de experiência (manifestação artística de outro tipo de ritual) é um ato em vida. No texto *Pontos de contato entre o pensamento antropológico e teatral*, escrito por Schechner (2011), o autor se propõe compreender o processo ritual como uma manifestação por si só. A comparação dos rituais culturais com o teatro, os relatos de diversos tipos de vivências e experiências religiosas imersivas que o autor descreve são aspectos fundantes de sua análise embasada na investigação de repetições de performances presentes em algumas culturas.

De acordo com essa teoria, existem diferenças entre ritos de iniciação, nos quais a ruptura com o *eu* e as mudanças da identidade são definitivas, como ocorre no batismo e na iniciação do candomblé, por exemplo, e os rituais de passagem e a encenação do teatro que trabalham com transes temporários. Esses estados liminais correspondem aos momentos em que a percepção do mundo externo de forma racional é modificada, bem como as relações de temporalidade e espacialidade, assim como ocorre durante o velório, o enterro e todo o processo de se preparar para a despedida do morto.

Nesse momento de suspensão das atividades cotidianas, a identidade do falecido que está sendo velado passa por uma transformação, cedendo espaço a outras identidades ou aspectos que representam as formas como aqueles que permanecem passam a percebê-lo. Isso ocorre porque ele agora é visto como um ser espiritual, uma memória, um anjo, alguém aguardando julgamento, uma estrela, entre outras possibilidades, de acordo com a cosmovisão religiosa do grupo que está conduzindo os rituais de passagem. Sua identidade usual, embora ainda presente nas lembranças, passa por um processo de desapego, como se se afastasse do corpo para dar lugar a outra entidade que assume o controle da situação.

Esse deslocamento ocorre devido à emergência de estados de consciência individuais e coletivos, nos quais aspectos culturais enraizados e formas de manifestação da percepção surgem independentemente das regras estabelecidas.

Nesse sentido, há um choque de culturas, e mesmo que não haja uma reflexão imediata e revisão dos valores estabelecidos na ordem original da sociedade, esse estado de fronteira coloca em negociação comportamentos e valores, ainda que isso não seja pensado claramente.

As contradições culturais são objeto de estudo das Performances Culturais e o que importa dentro dessas relações é o que está sendo disputado. A ressemantização cultural ocorre nesse processo de negociação. Em um contexto de crise, em diversas esferas, torna-se necessário realizar adaptações nos ritos de passagem do funeral. Uma dessas adaptações é a modificação do tempo dedicado ao velório, bem como a forma de compartilhar memórias. Essas memórias deixam de ser apenas o adorno de uma sala física e passam a ser compartilhadas por meio de fotos e relatos no ambiente virtual. Da mesma forma, o compartilhamento de *prints* da tela e vídeos do breve cortejo transmitido substituem o encontro de familiares.

A missa, o culto e outros ritos religiosos tiveram que ser feitos também de forma online. Nota-se, assim, pela fala expressa na reportagem, que essa ressignificação se deu pela necessidade do rito de passagem que fecha o ciclo de convivência com a pessoa. Isso, o transforma e ressignifica o sentimento e a percepção acerca da situação e organiza o espaço de memória e significado da pessoa na vida daquele momento em diante.

D) Indícios de mudanças no ritual do luto

Subcategorias: virtualização do luto / Expansão de fronteiras e da participação de pessoas

Reportagem 38²⁹: Sem poder sair de casa, parentes e amigos de quem perdeu a batalha para a Covid-19 têm também recorrido às redes sociais para tornar menos solitária a sua dor, que se mistura, muitas vezes, ao espanto. “A mãe de uma amiga da minha mãe morreu de coronavírus. Ela não teve velório, teve o caixão lacrado e foi sepultada pelada porque eles não puderam vesti-la. Gente, é sério! Desumano”, postou uma internauta nesta sexta-feira.

O trecho acima destaca como as redes sociais se tornaram um espaço importante para compartilhar experiências pessoais relacionadas à pandemia. A expressão "Sem poder sair de casa" sugere uma limitação física imposta pelas medidas de distanciamento social, o que pode intensificar sentimentos de isolamento

²⁹ Pesquisado em: <https://oglobo.globo.com/rio/sem-velorio-com-caixoes-lacrados-coronavirus-impoe-isolamento-ate-no-luto-muda-rotina-em-cemiterios-1-24350944>

e solidão. A menção aos pais e amigos, que recorrem às redes sociais, indica uma busca por apoio e conforto em uma comunidade virtual.

O uso das redes sociais como espaço para compartilhar histórias de perda e luto revela uma mudança no ritual performático e a transposição do lócus da experiência de socialização da dor do espaço do cemitério, da casa de parentes ou do próprio falecido, para um encontro compartilhado online, onde cada pessoa ou grupo de indivíduos que habitam uma casa se conecta de forma isolada para uma socialização imaterial, sem o contato físico que um abraço proporciona. Há, nesse novo modo performático de expressar o luto, uma busca por solidariedade.

A internauta descreve a situação da mãe de uma amiga, destacando a ausência de um velório tradicional devido às restrições da pandemia e descrevendo a experiência como "desumana", o que sugere sentimentos intensos de revolta e indignação. O compartilhamento da história trágica da mãe de uma amiga exemplifica como as redes sociais têm se tornado um espaço de construção de comunidade e apoio mútuo entre aqueles que compartilham experiências semelhantes. Assim como em um ambiente físico, existe um sentido de comunidade, mesmo que haja variações na duração, na forma de expressão, no uso da linguagem e no tipo de interação entre as pessoas.

Quando se virtualiza o luto, o vivenciando pela internet, ocorre uma modificação na relação espaço-temporal, pois a temporalidade do mundo externo é trocada pela da cerimônia transmitida pela internet, que pode ser gravada, reproduzida em outros momentos e acompanhada por pessoas que não conseguiriam comparecer, mesmo que houvesse um velório presencial.

No processo de identificação e projeção em relação as imagens apresentadas, existe uma imersão e evocação da memória quando se assiste a transmissão, mesmo que em um velório mais curto seguido de cortejo pequeno antes do sepultamento. Os elementos ritualísticos como coroa de flores e velas, geralmente ofertados como um presente ou homenagem à pessoa falecida, são substituídos por velas virtuais, emojis ou figurinhas de representação de emoções e apresentação de homenagens compostas por montagens de fotos e vídeos para compartilhamento com outras pessoas.

O espaço de velório passa a ser o próprio espaço virtual com a imagem da transmissão que mostra a cerimônia e as homenagens. Após o velório virtual, o retorno a um estado pós liminar ocorre de formas distintas, e pode ser prolongado

pelo acesso aos materiais de memória como fotos, vídeos, que são compartilhados e arquivados em uma rede social ou uma pasta virtual. De toda forma, entende-se que, independentemente de ser presencial ou online, esse momento de despedida é um ritual coletivo.

Ao postar sua experiência, a internauta busca conectar-se com outros que podem ter passado por situações semelhantes, buscando conforto e validação emocional em uma comunidade online. A descrição detalhada da falta de dignidade no tratamento da falecida destaca que o que a ênfase aqui não é nos ritos como orações, fotos e memórias, mas na expressão de sua indignação diante da perda da humanidade, que é iminentemente comunicacional, simbólica, relacional e cultural. A ausência de sentimentos ou distanciamento de se lacrar e ocultar um corpo antes de enterrá-lo, sem que se direcione o mínimo de carinho e cuidado que os ritos proporcionam revelam esse esvaziamento. Este é também mais um exemplo de tentativa de adaptação do ritual, bem como de transformação da dor por meio da conscientização e advocacia em relação às injustiças, frente aos desafios enfrentados por aqueles que perderam entes queridos para a COVID-19.

A internauta não apenas expressa sua própria indignação, mas também busca chamar a atenção para as dificuldades enfrentadas por muitas famílias durante a pandemia, incentivando a reflexão e a ação coletiva. A postagem, ainda, ressoa com a consciência coletiva, estimulando conversas e debates sobre questões como dignidade no tratamento dos mortos, os desafios de lidar com a perda durante a pandemia e a necessidade de empatia e solidariedade.

Esse relato contribui assim para a conscientização pública e a mobilização social em torno de questões críticas relacionadas à Covid-19 e seus impactos sobre as comunidades. Outrossim, a análise das mudanças nas Performances Culturais e seus impactos implícitos na frase destacam como as redes sociais se tornaram espaços vitais para expressar emoções, construir comunidades e promover conscientização e mudança social durante a pandemia da COVID-19. Essas performances não apenas refletem as experiências individuais, mas também moldam a consciência coletiva e influenciam a resposta pública à crise.

3.4.3 Jornal O Popular (Página Oficial do Jornal)

Categorias de análise:

A) Sentimentos provocados pela ausência do ritual funeral

Subcategorias: angústia / aceitação:

Reportagem 22³⁰: O luto no contexto da covid ainda traz uma peculiaridade que, para Rodrigues, se assemelha à de situação de guerra. A experiência de perder sucessivamente diversos entes queridos como acontece com algumas famílias, gera situações muito específicas e diferentes do normal. “ Usando um exemplo [da morte do pai seguida rapidamente pela da mãe de alguém], eu me arriscaria dizer que tem três experiências traumáticas: a perda do pai, a da mãe e a dos dois ao mesmo tempo. Essas perdas se sobrepõem, se misturam e, em muitos casos, dificultam que o sujeito consiga se refazer depois de situações como essas”, afirma.

O texto oferece uma perspectiva sobre as Performances Culturais do luto no contexto da pandemia de COVID-19, destacando as peculiaridades e desafios enfrentados pelas famílias que vivenciaram múltiplas perdas de entes queridos devido à doença. Vamos analisar essas mudanças na estrutura social e familiar, que também é cultural, sob duas perspectivas.

Primeiramente, a comparação do luto no contexto da COVID-19 com situações de guerra ressalta a gravidade e a intensidade das perdas enfrentadas por algumas famílias. Essa analogia reflete a natureza excepcional e traumática da pandemia, que tem causado um número significativo de mortes em todo o mundo. Ao equiparar o luto associado à COVID-19 com o luto em tempos de guerra, a frase destaca a magnitude do impacto emocional e psicológico que essas perdas têm sobre os indivíduos e comunidades afetadas.

O relato evidencia que, para além das dificuldades enfrentadas diante do falecimento de uma pessoa importante, há uma estrutura social e cultural que estabelece hierarquias de importância e referências em termos de reconhecimento e pertencimento. Nesse sentido, a ausência de rituais fúnebres e o temor generalizado, aliados à solidariedade para com os enlutados, evidenciam que o reconhecimento na sociedade implica também a consideração pela coletividade, pelo próximo, e a percepção de como cada indivíduo desempenha determinado papel na cultura, contribuindo para a criação de significados e sentidos na vida uns dos outros. Os pais, amigos, colegas de trabalho, líderes religiosos e cônjuges formam uma rede de apoio

³⁰ Pesquisado em: <https://opopular.com.br/cidades/mortes-na-pandemia-de-covid-provocam-luto-anormal-dizem-pesquisadoras-1.2333771>

que, ao ser rompida, acarreta rupturas afetivas e até mesmo na perda de referências da própria identidade como agente desse sistema (Turner, 1979).

Além disso, as batalhas são amplamente reconhecidas como uma faceta intrínseca à condição humana. Desde os relatos religiosos, como o embate entre o bem e o mal nas tradições judaico-cristãs e em outras crenças, até os confrontos que simbolizam a luta diária contra dilemas existenciais, desafios psicológicos e situações nas quais o ser humano se vê impotente. A vitória sobre um vírus, o "poder" de curar uma doença ou até mesmo ressuscitar alguém são batalhas perdidas diante das condições inerentes à existência humana. Por conseguinte, os conhecimentos simbólicos e míticos são vivenciados nos rituais com o propósito de aliviar dores e explicar situações que fogem ao suposto controle da própria existência. A morte interrompe o curso e o planejamento da vida e, muitas vezes, como nos casos de óbitos decorrentes do coronavírus, ocorre de forma abrupta, sem preparação para tal fim, levando a enxergar a "batalha" contra a doença e a busca pela preservação da vida como um embate desigual, um quase insuperável massacre, salvo pelo entendimento proporcionado pelos rituais e pela religião (Gennep, 2009). Aparece, assim, a crença de que muitas mortes poderiam ser evitadas, mas que, se aconteceram, foi pela vontade divina e por motivações sobrenaturais, pois a realidade é por si só muito dura de ser enfrentada.

A descrição das perdas sucessivas e sobrepostas, como a perda do pai seguida rapidamente pela perda da mãe, ressalta a complexidade das experiências de luto no contexto da pandemia. Essas perdas múltiplas e consecutivas complicam o processo de luto, tornando mais difícil para o sujeito lidar com o trauma e se recuperar emocionalmente. A frase sugere que essas experiências traumáticas podem se sobrepor e se misturar, amplificando o impacto emocional e dificultando o processo de recuperação.

Portanto, a análise destaca as peculiaridades e desafios únicos enfrentados pelas famílias que lidam com o luto no contexto da pandemia de COVID-19. Isso inclui a comparação com situações de guerra para ilustrar a gravidade das perdas e a descrição das perdas sucessivas e sobrepostas que complicam o processo de luto e recuperação emocional.

Reportagem 23³¹: "Dá a impressão que o tempo não passou, parece que a

³¹ Pesquisado em: <https://opopular.com.br/cidades/um-ano-apos-1-morte-de-covid-19-em-goias-familia->

gente ainda tá preso lá no início da pandemia. Além de conviver com a dor, com a saudade, ainda fica esse medo, essa insegurança de todos os dias de contrair esse vírus e passar de novo por tudo isso. É uma preocupação excessiva, mesmo com os cuidados redobrados, a gente fica com medo”, comenta a professora Lara de Souza Meireles, 45, filha da técnica de enfermagem aposentada.

É uma sensação de que na verdade estamos largados, né? Porque desde o primeiro caso já foram 12 meses, não era para ter chegado nesse patamar que chegou. Dava para evitar esse número exorbitante de mortes, comentou Lara.

Essa citação da professora Lara de Souza Meireles oferece uma perspectiva profundamente pessoal e emocional sobre a experiência da pandemia de COVID-19, especialmente no contexto do luto e do trauma contínuo enfrentado pela família após um ano desde a primeira morte registrada em Goiás.

A fala da professora reflete as complexidades emocionais e psicológicas associadas à vivência da pandemia e do luto. Ela expressa sentimentos de dor, saudade, medo e insegurança, destacando o impacto duradouro e profundo que a perda de um ente querido para a COVID-19 teve em sua família. Esses sentimentos são agravados pela persistência da pandemia e pelo medo constante de contrair o vírus novamente.

A referência à sensação de que o tempo parece não ter passado e à ideia de estar preso no início da pandemia sugere uma experiência de estagnação emocional e mental. Essa percepção ressalta a longa duração e o impacto contínuo da pandemia na vida das pessoas, mesmo após um ano, desde a primeira morte registrada em Goiás. A falta de progresso percebida pode aumentar os sentimentos de desespero e desamparo.

Parece que a professora vive em momento liminar, entre o passado e o presente, presa às memórias que não se transformaram. A liminaridade faz parte desse processo e ocorre na mudança, no momento entre a suspensão da identidade ou situação tradicional e a configuração que se dará após o rito. Se este não é vivido, não há a transformação e continua-se na interseção de temporalidades e memórias trazidas pela dor, que se expressa no momento presente (Turner, 1979).

Ao invés de vivenciar um momento de perda, suspensão da rotina com a pessoa (liminaridade) e resignificação, a perda se transforma em um trauma que congela as emoções e mantém os enlutados presos à memória da dor (Turner, 1979). Durante o processo liminar, torna-se evidente a ambiguidade e o paradoxo entre as

diferentes visões acerca do ente falecido, que se encontra em um estado nem totalmente morto, nem vivo, mas sim entre essas esferas contraditórias.

A citação de Lara também contém uma crítica à resposta das autoridades à pandemia, sugerindo uma sensação de abandono e negligência por parte do governo. Ela expressa frustração com o número exorbitante de mortes e sugere que medidas preventivas mais eficazes poderiam ter evitado muitas dessas perdas. Essa crítica reflete não apenas a experiência pessoal da família, mas também uma visão mais ampla das falhas sistêmicas na gestão da crise sanitária.

O título do artigo postado no jornal O Popular, mencionando que a família continua enfrentando os desafios do luto mesmo um ano após a primeira morte, reforça a ideia de que o processo de luto é longo e complexo, especialmente quando não há choro, velório, cerimônias religiosas e externalização de sentimentos a partir do contato com outras pessoas. A citação de Lara ilustra como o luto se entrelaça com os desafios da pandemia em curso, criando um ciclo de dor e preocupação que persiste ao longo do tempo.

Sendo assim, essa análise netnográfica revela as profundas implicações sociais, emocionais e políticas da pandemia de COVID-19, destacando o impacto duradouro do luto e do trauma nas famílias afetadas.

Reportagem 26³²: Lucila Cristina Rodrigues, que perdeu a irmã, a professora Winnie Rakel para covid-19, lamentou a ausência da despedida. “Acompanhamos de longe apenas o sepultamento dela”. “Pedro Pinheiro, que perdeu o pai Airam há oito dias, disse que a impossibilidade da despedida devastou à família”.

A frase fornece *insights* sobre as performances do luto associadas ao processo de luto e despedida durante a pandemia de COVID-19. Tanto Lucila Cristina Rodrigues, quanto Pedro Pinheiro expressam um profundo pesar pela impossibilidade de participar de uma despedida presencial de seus entes queridos. Essa ausência da despedida tradicional, que geralmente envolve rituais funerários e momentos de comunhão com outros membros da comunidade, destaca a importância cultural desses rituais no processo de luto. A incapacidade de realizar esses rituais de despedida devido às restrições impostas pela pandemia resulta em uma lacuna nas práticas culturais de luto, afetando negativamente a capacidade das famílias de lidar

³² Pesquisado em: <https://opopular.com.br/cidades/covid-19-nega-direito-ao-abraco-na-despedida-em-goiania-1.2084790> Acesso em: 10/01/2024.

com a perda.

Em relação a essa modificação, Schechner aborda também o esvaziamento do sentido que ocorre quando a performance é deslocada para outros contextos culturais. O estado de fronteira das performances, segundo Schechner (2011), desperta intensidades diferentes de acordo com cada experiência e modos de estimulação dos sentidos: “Uma grande performance modula intervalos de som e silêncio, a densidade crescente de eventos temporal, espacial, emocional e sinestesticamente” (Schechner, 2011, p. 218). Assim, o velório e os demais ritos funerários agem nas emoções, na percepção de situações cotidianas e na maneira como se encara a relação com a morte.

Tanto Lucila quanto Pedro descrevem o impacto devastador que a impossibilidade da despedida teve em suas famílias. Isso destaca como a participação em rituais de fechamento de ciclo, como o velório e enterro, são fundamentais para o processo de luto e para encontrar consolo e apoio na comunidade. A falta dessas oportunidades de despedida presencial pode intensificar o sofrimento emocional das famílias, deixando-as com sentimentos de incompletude e isolamento durante um momento de perda significativa.

Por fim, a frase revela como a impossibilidade de realizar despedidas presenciais devido à pandemia de COVID-19 afeta profundamente as Performances Culturais associadas ao processo de luto. Essas restrições desafiam as práticas culturais tradicionais de despedida e destacam a importância desses rituais no apoio emocional e na comunidade durante tempos de perda.

B) Índícios de mudanças no ritual do luto

Subcategorias: virtualização do luto / Expansão de fronteiras e da participação de pessoas

Reportagem 21³³: Durante toda a madrugada, a família de José Dignes tentou conseguir, em vão, o transporte de seu corpo para Paraúna.” Quando chegamos na funerária, um rapaz disse que tinha um decreto, do prefeito ou do governador, não me lembro bem, que não podia transitar e que o corpo tinha que ser enterrado em Goiânia. A gente não sabia de nada e aconteceu. A gente teve que sepultar ele em Goiânia mesmo”, explica o filho de José, o electricista Roberto Saulista da Silva.

³³ Pesquisado em: <https://opopular.com.br/cidades/coronavirus-familia-n-o-consegue-enterrar-aposentado-na-cidade-em-que-morava-em-goias-1.2033944>

Mesmo sem poder fazer o velório, os familiares queriam ter enterrado José em Paraúna, no mesmo cemitério onde estão sepultadas duas de suas filhas e sua sogra. Parte da família tinha o costume de participar da Folia de Reis e planejavam cantar um trecho de uma música da festa tradicional durante o enterro. “A gente ia com o carro fechado, com um dos cantos da folia que eles gostavam muito”, conta uma familiar.

A análise desse trecho revela várias questões sociais, culturais e emocionais envolvidas na experiência da família de José Dignes durante a morte e o enterro dele. A menção à Folia de Reis e ao desejo da família de cantar um trecho de uma música tradicional durante o enterro de José destaca a importância das práticas culturais e das conexões comunitárias para a família.

A Folia de Reis é uma tradição cultural profundamente enraizada na cultura brasileira, especialmente em regiões como o interior do país. Essa prática é transmitida de geração em geração e carrega consigo uma rica herança cultural, incluindo música, dança, vestimentas e rituais específicos. Para a família de José, participar da Folia de Reis e cantar músicas tradicionais durante o enterro é uma forma de honrar e preservar sua herança cultural e suas raízes históricas. Essa tradição não apenas simboliza a identidade cultural e religiosa de José Dignes e de seus parentes, mas serve como uma forma de honrar e lembrar o falecido, na mistura de rituais e performances de despedida, homenagem e encenação da prática de folia de reis, em referência aos personagens bíblicos dos três reis magos. A recusa em poder realizar essas práticas devido às restrições de transporte e enterro pode ser profundamente perturbadora para os membros da família, pois impede que eles expressem seu luto de maneira significativa e realizem honrarias a um membro importante desse círculo social.

O ritual da folia de reis, além de promover encenações de passagens bíblicas, assim como na maioria dos rituais, reforça o *status quo* e os papéis sociais, relações de poder etc. Os papéis desempenhados por homens e mulheres durante um processo ritual, por exemplo, mostram qual a expressividade destinada a cada gênero na sociedade. Os papéis de folião, palhaço, entre outros, serão exercidos dentro de uma lógica hierárquica, assim como o lugar de quem está oferecendo pouso aos foliões, comida e acolhendo a celebração. Assim, José Dignes possui dentro desse contexto cultural, um lugar de liderança e importância, fato que legitima a homenagem prestada (Schechner, 2011).

A incapacidade da família de transportar o corpo de José para Paraúna, onde

desejavam enterrá-lo ao lado de outros entes queridos, sugere uma perda de controle sobre o processo de luto e enterro. A frustração causada pela imposição de regulamentos externos, como o decreto mencionado pelo rapaz na funerária, é evidente na fala do filho de José, Roberto Saulista da Silva. A falta de informação sobre esses decretos e a subsequente obrigação de sepultar José em Goiânia, contra os desejos da família, podem intensificar ainda mais o sofrimento e a sensação de desamparo.

Outro ponto que deve ser ressaltado é a importância simbólica do local onde o corpo será depositado após o falecimento, pois os rituais são constantemente renovados, como no caso da visita ao cemitério no dia de Corpus Christi, ocasião em que muitos católicos levam flores aos túmulos, acendem velas e fazem orações. Esses ritos funcionam como um contato e momento de prestar honras àqueles que já se foram.

Apesar das dificuldades encontradas pela família, sua determinação em honrar os rituais culturais e familiares durante o enterro de José é notável. A vontade de participar da Folia de Reis e cantar uma música tradicional, mesmo em circunstâncias adversas, reflete a resiliência cultural e a resistência contra as limitações impostas pelas autoridades. Isso demonstra como as práticas rituais podem servir como fonte de força e conexão em tempos de luto e dificuldade.

A experiência da família de José durante a morte e o enterro dele é permeada por uma gama de emoções, incluindo tristeza, frustração e possivelmente raiva. A falta de controle sobre o processo de luto e enterro, juntamente com a interrupção das práticas tradicionais rituais e familiares, pode agravar o processo de luto e dificultar a aceitação da perda.

A análise netnográfica dos relatos da família destaca os desafios enfrentados durante o processo de perda e enterro de José Diques, bem como a importância das práticas tradicionais comunitárias na expressão do luto, na busca por significado e conexão com o ente querido.

Richard Schechner (2012), antropólogo e estudioso, investiga a intersecção entre rituais de passagem e teatro em sua obra *Performance Theory*. Ele ressalta que tanto nos rituais fúnebres quanto no teatro, ocorrem representações que guardam semelhanças, incluindo a repetição de palavras, a encenação de papéis e momentos litúrgicos de despedida do corpo. O autor argumenta que eventos culturais e teatrais compartilham características e podem ser analisados com base em sua execução e

propósito. Para ele, tanto o rito, quanto o teatro são formas de performance que envolvem elementos essenciais. O rito é uma expressão cultural que abarca ações carregadas de significado, realizadas em um contexto ritualístico com objetivos específicos, como celebrar eventos religiosos ou marcar transições de vida. Por outro lado, o teatro é uma forma de apresentação performática realizada em um espaço dedicado, diante de uma audiência, com o propósito de entreter e narrar uma história.

Sobre isso, a obra *Os Ritos de Passagem* de Genep (2011), representa um dos primeiros esforços significativos para entender o ritual como uma manifestação em si mesma. O autor descreve os ritos funerários como uma forma de transição e transformação entre a vida e a morte, sugerindo que eles são uma parte intrínseca das cerimônias de passagem que marcam mudanças de status na sociedade. Assim como outras práticas performáticas, esses ritos são compostos por fases ou etapas, cada uma delas com características distintas. Uma das principais discussões levantadas pelo autor diz respeito às modalidades de ritual, divididas em separação, margem e incorporação. Em todas essas fases de performance, existem etapas pré-liminares, liminares e pós-liminares. Durante a fase pré-liminar, ocorre a preparação do espaço e dos participantes para a performance do velório que está por vir.

No contexto do ritual funerário e das fases propostas por Genep (2011), durante a fase de separação, ocorre a despedida do falecido e a separação do mundo dos vivos, com a realização de rituais de preparação do morto para o velório. A fase de margem é um período de transição, no qual os enlutados se encontram em um estado de liminaridade, afastados de sua vida cotidiana e mergulhados no luto. Durante essa fase, são realizados rituais de luto, como o velório, as orações e as homenagens ao falecido. Esses rituais têm a função de fornecer suporte emocional, permitir a expressão do luto e facilitar o processo de aceitação da perda.

Por fim, na fase de incorporação, os enlutados são reintegrados à sociedade após o período de performance do luto. Nessa etapa, podem ocorrer rituais de despedida final, como o enterro ou a cremação, que marcam o encerramento do processo funerário e a transição para a vida após a perda. Genep (2011) destaca que os ritos funerários desempenham um papel crucial na transformação da identidade e na reintegração social dos enlutados, fornecendo um contexto simbólico e culturalmente significativo para lidar com a morte, expressar emoções, honrar a memória do falecido e encontrar consolo e apoio na comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação de mestrado foi elaborada a partir da análise das transformações ocorridas nos rituais funerários durante o período da pandemia de COVID-19. O estudo aborda os impactos resultantes da virtualização e/ou ressignificação dos ritos fúnebres, decorrentes das medidas impostas pelo governo federal com o intuito de cumprir as normas sanitárias e evitar a propagação do vírus.

Realizou-se uma sucinta análise retrospectiva, a qual evidenciou que o contexto pandêmico acarretou inúmeros desafios à saúde pública, agravados pelo isolamento social, que demandou superação, resiliência e, em muitos casos, busca de apoio psicológico. Compreende-se, portanto, que para além do receio de contágio e das crises econômicas e políticas, houve também o luto, por vezes em escala coletiva, acompanhado por um silenciamento que impossibilitou a expressão, vivência e exteriorização da dor da perda e sua ressignificação por meio do ritual.

O período que se estendeu por mais de dois anos (do final de 2019 a maio de 2023) foi caracterizado por conflitos políticos, negação da ciência e propagação de notícias falsas. Nesse sentido, torna-se evidente a necessidade de os veículos de comunicação oficiais reforçarem sua função informativa diante de uma disputa de narrativas legitimadas pelo então presidente, o que resultou em obscurantismo e aumento das fatalidades. Nas redes sociais, nos artigos jornalísticos e nos comentários, observa-se um diálogo marcado pela indignação, tristeza, temor e saudade diante de situações não concluídas. Dessa forma, fica evidenciada a importância de ritualizar e representar momentos de transição, incluindo a perda e o luto.

Nesse aspecto, a discussão foi embasada por teorias das performances de Van Gennep (2011), Erving Goffman (1993), Richard Schechner (2011) e Victor Turner (1985). Esse arcabouço teórico oportunizou a análise das transformações dos rituais de funeral e a performatividade do luto durante a pandemia da COVID-19³⁴. Foi viabilizada a realização de um levantamento acerca dos ritos de passagem e das práticas simbólico-culturais dos funerais. Além disso, foi possível analisar as

³⁴ A Organização Pan-Americana da saúde considerou a pandemia de COVID-19 como encerrada no dia 05 de maio de 2023, embora ainda existam casos, no entanto, por causa da vacina houve queda significativa das mortes, o que motivou a organização a retirar a doença da lista de pandemia. As informações podem ser conferidas no site: <https://www.paho.org/pt/noticias/5-5-2023-oms-declara-fim-da-emergencia-saude-publica-importancia-internacional-referente> Acesso em: 14/05/2023.

mudanças decorrentes das medidas sanitárias diante da pandemia e avaliar as consequências das modificações do rito do funeral para a saúde mental das pessoas que vivenciaram o processo de luto durante a pandemia da Covid-19. Também se buscou compreender os conceitos de performances do funeral e ritos de passagem, bem como as teorias relacionadas às práticas simbólicas e suas influências na cultura.

Os rituais fúnebres, além de marcarem a passagem para um novo estado ou situação, desempenham um papel fundamental na expressão e na consolidação dos laços sociais, conforme evidenciado por Van Gennep (2011) e Turner (1973, 1974a, 1974b, 1982, 2005). Esses ritos, embora possam variar de acordo com fatores religiosos, culturais e sociais, compartilham a função essencial de proporcionar um espaço para a manifestação do luto e a celebração da vida daquele que partiu. Autores como Bayard (1996) e Rivière (1997) enriquecem nossa compreensão sobre os rituais fúnebres, destacando seu caráter simbólico e a repetição de roteiros culturais que guiam o comportamento dos participantes. Em sua natureza simbólica, os rituais transcendem o mero ato físico, adquirindo significados profundos que ajudam os enlutados a enfrentar o vazio e a ausência deixados pela morte.

Como salientam Souza e Souza (2019), os ritos fúnebres não apenas proporcionam um espaço simbólico para processar a perda, mas também oferecem uma oportunidade de transformação e redenção, permitindo que os enlutados reconstruam suas vidas diante do insólito da morte. Assim, refletir sobre a função dos rituais fúnebres é compreender não apenas a importância de honrar os que partiram, mas reconhecer a necessidade humana de enfrentar e superar os desafios emocionais e espirituais que a morte inevitavelmente traz consigo.

Nos estudos sobre as manifestações culturais relacionadas ao luto, foi identificado que estas são constituídas por meio de processos identitários e simbólicos, fundamentados em sistemas de crenças, manifestados por meio de cerimônias e repetição de comportamentos performáticos que alteram o ambiente, as pessoas enlutadas e o próprio falecido, que passa a ocupar outro lugar na vida e na memória dos sobreviventes. Dessa forma, os ritos de passagem incluem o sepultamento, cânticos, ornamentação dos espaços, orações, práticas de enterro ou cremação, entre outros (Gennep, 2011).

Os rituais de passagem do luto constituem cerimônias simbólicas que marcam a transição entre estágios, como a ida da vida para a morte. Tais rituais têm como objetivo auxiliar os enlutados a aceitarem o falecimento do ente querido, a se

despedirem e a se desapegarem emocionalmente. Dentre os exemplos desses ritos estão os funerais, visitas ao túmulo, celebrações do aniversário da morte, entre outros.

O luto em decorrência da pandemia de COVID-19, nos últimos anos, se apresentou como um dos aspectos mais difíceis de lidar durante esse período conturbado. Perder entes queridos para o vírus se tornou uma realidade brutal para muitas famílias em todo o mundo. O isolamento social e as restrições de despedida e funeral tornaram o processo de luto ainda mais complicado. Muitas pessoas não tiveram a oportunidade de se despedir de seus entes queridos adequadamente, fato este que gerou sentimentos de incompletude e angústia. Além disso, a incerteza e o medo em relação ao futuro também impactaram o processo de luto. A sensação de impotência diante de uma situação tão devastadora como a pandemia gerou sentimentos de desesperança e desamparo.

Como as relações presenciais de trabalho, estudo, lazer e os próprios velórios foram substituídas durante o período pandêmico pela comunicação mediada pela internet, a pesquisa netnográfica, ou seja, a etnografia virtual foi de suma importância para se ter contato com pessoas que passaram por perdas de familiares e amigos em decorrência do vírus.

No que diz respeito à primeira proposição de objetivos, é possível observar que, ao analisar o conteúdo das reportagens veiculadas nos jornais Folha de São Paulo, O Globo e O Popular, é evidente que, em grande parte das situações relatadas em depoimentos coletados por jornalistas ou expressos em memoriais virtuais desses veículos, ocorreu a interrupção do contato físico entre familiares, parentes, colegas e amigos e as pessoas falecidas. Além disso, houve a privação da possibilidade de coletivizar a expressão da dor e de atribuir significado a ela por meio de orações, cânticos, adornos do corpo daqueles que partiram e do espaço destinado à realização dessas reuniões.

Verifica-se que tal impossibilidade agravou a gravidade de uma crise de saúde, sanitária e econômica, resultando em um elevado número de óbitos no Brasil, muitos dos quais poderiam ter sido evitados caso medidas como a aquisição de vacinas e a gestão da crise pandêmica tivessem sido implementadas pelo Estado e pelo poder público de maneira abrangente.

A análise das Performances Culturais e dos rituais de passagem do luto revela sua relevância para a compreensão e vivência do processo de luto em distintas culturas no Brasil todo. Tais práticas desempenham um papel crucial na assistência

aos enlutados na superação da perda de um ente querido, proporcionando um ambiente de acolhimento, expressão emocional e respeito ao falecido. Dessa forma, o presente estudo explorou e comprovou a importância das performances e rituais de passagem do luto, investigou suas manifestações em diversos grupos sociais no Brasil e avaliou seu impacto na experiência do enlutamento.

Como resultado da pesquisa, após a investigação etnográfica, obteve-se a confirmação de que, para a maioria das pessoas, as mortes sem sepultamento as levou a viver um ciclo que não fecha, uma dor que não passa, uma interrupção sem despedida, um choro que não foi consolado e tampouco compartilhado da forma que se espera. Em alguns casos o cenário fica ainda pior, quando dois ou mais membros de uma mesma família faleceram sem que pudessem ser velados.

Outro aspecto presente no conteúdo online das matérias e dos relatos foi o cortejo fugaz de parentes em caixões lacrados, restrito a poucos membros das famílias e em momento que requeria enterro rápido. Novamente, os relatos reiteram essa situação de dor e não elaboração, com algumas exceções implícitas nas falas de pessoas que relataram terem sido apoiados pela resignação e fé daqueles que amam, em comunicação e despedida antes destes serem internados, fato que denota a importância da narrativa mítica e das relações simbólicas para elaborar aquilo que não se tem controle e que torna o ser humano frágil.

Por fim, houve a descrição de processos mediados substitutivos ao ato de velar materialmente o corpo, como tentativa de auxiliar as pessoas a lidarem da melhor forma com a relação de perda/ausência. A ausência da materialidade corpórea e simbólica esteve explícita nesse sentido de se vivenciar os gestos padronizados na cultura expressos por abraços, afetos, palavras de consolo, entre outros (Geertz, 1978). A virtualidade, embora dinâmica e efêmera, auxiliou no processo de preencher lacunas de contato e afeto, assim como de socializar dores, crenças e manifestações de despedida. Todavia, pelos relatos dos entrevistados e internautas que comentaram, não foi equivalente aos ritos tradicionais, que mobilizam os sentidos da visão, audição, tato e ativam aspectos sinestésicos, metafísicos, que requerem uma presença e coletividade. Estes momentos foram esvaziados pela virtualidade das redes.

A partir da aplicação do método de pesquisa proposto, foi possível identificar, em resposta à questão norteadora da pesquisa, que repensar o ritual da morte durante a pandemia implica em adaptá-lo às limitações de presença, as quais privam as

pessoas do contato físico, porém, mesmo que não substituam as cerimônias tradicionais, de certa forma, atenuam a dor da perda.

Nesse contexto, a dinâmica espaço-temporal do ritual se diferencia da vida cotidiana e de seus marcadores culturais convencionais, tais como relógios e outros instrumentos de medição do tempo, sendo reconfigurada para atender às necessidades que demandam essa mediação. A abordagem dissertativa viabilizou a análise das dinâmicas de expressão do luto presentes nas páginas dos jornais selecionados como objeto de estudo, bem como a interação dos leitores com os meios de comunicação e veículos de notícias.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, P. **O Homem Diante da Morte**. Vol. 1, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.
- BAYARD, J. P. **Sentido oculto dos ritos mortuários: Morrer é morrer**. São Paulo: Paulus, 1996.
- BOWLBY, J. **Apego e perda: A natureza do vínculo** (Álvaro Cabral, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. 1990. (Original publicado em 1969).
- CASSIRER, E. **Linguagem e Mito**. 4ed. Tradução de J. Guinsburg, Mirian Schnaiderman. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- COMBINATO, D. S.; QUEIROZ, M. DE S. Morte: uma visão psicossocial. **Estudos de Psicologia** (Natal), v. 11, n. 2, p. 209–216, maio 2006.
- DANTAS, C. DE R. et al. O luto nos tempos da COVID-19: desafios do cuidado durante a pandemia. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 23, n. 3, p. 509–533, jul. 2020.
- DAWSEY, J. C. Schechner teatro e antropologia. **Cadernos de Campo**, n. 20, p. 1-360, 2011.
- DAWSEY, J. C. Sismologia da Performance: Ritual, drama e play na teoria antropológica. **Revista de Antrop - USP**, v. 50, n. 2, 2007.
- DEBORD, G. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007.
- FRANCO, M.H.P. **O luto no século 21: Uma compreensão abrangente do fenômeno**. 1ed. São Paulo: Summus. 2021.
- GENNEP, A. Van. **Os Ritos de Passagem**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- GOMES, J. M.; OLIVEIRA JÚNIOR, J. S. de.; CARNEIRO, M. T. L. M. Social media and online grief practices: an integrative review. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 10, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i10.32973. Acesso em: 22 sep. 2023.
- GUILOUSKI, B.; COSTA, D. R. Ritos e Rituais. **II JOINTH: Subjetivação Contemporânea e religiosidade**. PUCPR. 2012.
- HAMOUI, S. **O processo de luto sob a ótica da análise do comportamento: uma revisão da literatura**. Monografia (Graduação em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2022.
- KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer: O que os Doentes Terminais têm para Ensinar a Médicos, Enfermeiras, Religiosos e aos seus Próprios Parentes**. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

OLIVEIRA, P.C.; BEZERRA, D. B. Memorialização e ritualização do luto na era das mídias sociais: uma análise do Memorial Facebook. **Mnemosine**. v.18, n. 2, 2022.

PARKES, C. M. **Luto**: estudos sobre a perda na vida adulta. São Paulo: Summus, 1998.

RIVIÈRE, Claude. Os ritos profanos. Petrópolis: Vozes, 1997.

RODEGHERO, C. S.; ALVES, C. S.; WEIMER, R. A. **História Oral da COVID-19**: Reflexões desde o Rio Grande do Sul. São Paulo, SP: Letra e Voz, 2023.

SCHECHNER, R. Performers and Spectators – Transported and Transformed. In: _____. **Between Theatre and Antropology**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, p.117-150, 1985. Tradução em Revista Moringa.

_____. Introdução: O Leque e a Rede. (Performance Theory), p.17-19. In: LIGIÉRIO, Z. **Performance e antropologia de Richard**. Rio de Janeiro: Mauac, 2012.

_____. Pontos de Contato entre o pensamento Antropológico e o Teatral. **Cadernos de Campo**, n. 20, p. 1-360, 2011.

_____. Restoration of Behavior. **Between Theatre and Antropology**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, p.35-116, 1985.

_____. **What is performance?** In: _____. Performance Studies: an introduction. New York & London: second edition, Routledge, p. 28-51, 2006.

SILVA, A. V.; RODRIGUES, C.; AISENGART, R. Morte, ritos fúnebres e luto na pandemia de Covid-19 no Brasil. **Revista Nupem**. v. 13, n. 30, 2021.

SOUZA, C. P.; DE SOUZA, A. M. Rituais Fúnebres no Processo do Luto: Significados e Funções. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 35, 2019. DOI: 10.1590/0102.3772e35412.

SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. Integrative review: what is it? How to do it?. **Einstein** (São Paulo), v. 8, n. 1, p. 102–106, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eins/a/ZQTBkVJZqcWrTT34cXLjtBx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 25 de junho de 2023.

TORRES, N. Luto Humano como Processo: Refletindo Aspectos Teóricos e Aplicando Intervenções Analítico-Comportamentais. **Comportese**, 2019. Disponível em: https://comportese.com/2019/06/27/luto-humano-como-processo-refletindo-aspectos-teoricos-e-aplicando-intervencoes-analitico-comportamentais/#google_vignette.

TURNER, V. Foreword. **Between theatre and Antropology**. Philadelphia: UPP, p. 11-12, 1985.

_____. Dewey, Dilthey e Drama: um ensaio em Antropologia da Experiência. **Cadernos de Campo: revista dos alunos de pós-graduação em antropologia social da USP**, v.14,n.13, 2005. Disponível em: <https://revistas.usp.br/cadernosdecampo/issue/view/3210>